

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

GISELE INÊS BALLER

**ESPAÇOS DE MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES:
ESTUDO DE DOIS CASOS NA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RS**

Porto Alegre

2008

GISELE INÊS BALLER

**ESPAÇOS DE MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES:
ESTUDO DE DOIS CASOS NA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RS**

Dissertação de Mestrado em História apresentada à banca avaliadora como parte das exigências do curso de Mestrado em História do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: José Augusto Avancini

Porto Alegre

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Dissertação intitulada “*Espaços de Memória e construção de Identidades: Estudo de dois casos na região de colonização alemã no RS*”, de autoria da mestrande Gisele Inês Baller, avaliada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Dra. Zita Rosane Possamai

Prof^a. Dra. Maria Luiza Martini

Prof. Dr. Charles Monteiro

Porto Alegre, junho de 2008

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, irmãos, Luciano, pelas angústias e preocupações que passaram por minha causa, por terem dedicado suas vidas a mim, pelo amor, carinho e estímulo que me ofereceram, dedico-lhes essa conquista com gratidão.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. José Augusto Avancini pela paciência e auxílio prestados durante a elaboração da dissertação.

Agradeço a meus professores e demais colegas que dividiram comigo seus conhecimentos.

Agradeço em especial, as professoras Zita Possamai, Maria Luiza Martini e ao professor Charles Monteiro que se dispuseram a integrar esta banca e que acrescentaram seus conhecimentos nesta dissertação.

Agradeço aos responsáveis pelo Museu Henrique Uebel e pelo Parque Histórico de Lajeado, por possibilitarem a elaboração desse trabalho.

RESUMO

Neste trabalho buscamos verificar de que maneira dois diferentes espaços, vistos como “lugares de memória”, podem colaborar no reforço e na legitimação da identidade étnica teuto-brasileira. Partindo do pressuposto que a atual importância que esses espaços possuem ou buscam possuir na sociedade está intimamente relacionada com as questões referentes à globalização e conseqüentemente, a relação dessa com a memória e a identidade. Os “lugares de memória” analisados nesta dissertação são o Museu e Arquivo Histórico e Geográfico Henrique Uebel, localizado na cidade de Teutônia e o Parque Histórico de Lajeado, ambos os espaços localizados em municípios de colonização alemã no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Identidade, Memória, Museu, Globalização, Imigração alemã

ABSTRACT

In this work, we attempt to verify how two different places, seen as "memory places", may collaborate in the reinforcement and legitimacy of the teuto-Brazilian ethnic identity. The current importance those places have and seek to have in society is intimately related to the subjects related to globalization and, consequently, its relation with the memory and identity. The "places of memory" analyzed in this work are Henrique Uebel Museum and its Historical and Geographical Archive, located in the town of Teutônia and the Historical Park of Lajeado, both located in towns of German colonization in Rio Grande do Sul.

Keywords: Identity, Memory, Museum, Globalization, German immigration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1) Localização do Município de Teutônia.....	56
Figura 2) Contrato de Venda de Lotes da Colônia Teutônia.....	59
Figura 3) Sapato de Pau – Centro Administrativo de Teutônia.....	68
Figura 4) Confeção de Sapato de Pau – Rota Germânica.....	68
Figura 5) Modelo de confecção de casa enxaimel.....	70
Figura 6) Detalhe de casa enxaimel.....	71
Figura 7) Casa Enxaimel - Teutônia.....	71
Figura 8) Módulos do C. A. de Teutônia – Estilização do enxaimel.....	72
Figura 9) Museu Henrique Uebel.....	77
Figura 10) Henrique Uebel e seu instrumento musical.....	80
Figura 11) Instrumento musical criado por Henrique Uebel.....	80
Figura 12) Imagem de instrumentos de trabalho.....	85
Figura 13) Imagem de meios de comunicação e instrumentos musicais	85
Figura 14) Imagem de um equipamento odontológico.....	86
Figura 15) Imagem de materiais escolares.....	86
Figura 16) Imagem de fotografias.....	87
Figura 17) Imagem de utensílios domésticos.....	87
Figura 18) Localização de Lajeado - RS.....	88
Figura 19) Folheto para campanha de arrecadação de acervo interno.....	103
Figura 20) Pórtico de Entrada.....	105
Figura 21) Folder-Mapa Parque Histórico de Lajeado.....	106
Figura 22) Casa do Artesanato	107
Figura 23) Café Colonial - <i>Kafeehaus</i>	108
Figura 24) Associação Rural - <i>Bauernverein</i>	108
Figura 25) Casa do Caixeiro-Viajante - <i>Musterreiterhaus</i>	109

Figura 26) Banco - <i>Bauernsparkasse</i>	109
Figura 27) Placa indicativa do Banco.....	110
Figura 28) Ferraria.....	110
Figura 29) Alfaiataria - <i>Schneivere</i> i.....	111
Figura 30) Moinho.....	111
Figura 31) Gasosaria.....	112
Figura 32) Casa-Cozinha-Galpão.....	112
Figura 33) Galpão.....	113
Figura 34) Salão de Baile Troller	113
Figura 35) Imagem do Parque Histórico de Lajeado.....	114
Figura 36) Labirinto.....	114
Figura 37) Ponte Pencil.....	115
Figura 38) Equipamento para a prática de <i>Eisstock</i>	115
Figura 39) <i>Eisstock</i>	116
Figura 40) Folder de divulgação do Parque.....	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1) Diretores da Colônia Teutônia.....	62
Tabela 2) Pastores da Comunidade Paz de Teutônia.....	63
Tabela 3) Pastores da Comunidade Redentor.....	64
Tabela 4) Corais Mistos de Teutônia.....	73
Tabela 5) Corais de Mulheres, Teutônia.....	73
Tabela 6) Corais de Homens, Teutônia.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHL – Arquivo Histórico de Lajeado

AHRS – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

APERS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICOM – Conselho Internacional de Museus

IECEG – Instituto de Educação Cenecista General Canabarro

ILAM – Instituto Latino Americano de Museologia

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

MHU – Museu e Arquivo Histórico e Geográfico Henrique Uebel

PHL – Parque Histórico de Lajeado

PMT- Prefeitura Municipal de Teutônia

PML – Prefeitura Municipal de Lajeado

SCER – Secretaria da Comunidade Evangélica Redentor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA	17
1.1 O mundo atual – Globalização ou Glocalização.....	17
1.2 Memória e Identidade.....	21
1.3 Imigração alemã no Rio Grande do Sul.....	32
1.4 Museu – Espaço de Memória.....	41
2 TEUTÔNIA – UMA BREVE HISTÓRIA	56
2.1 Museu e Arquivo Histórico e Geográfico Henrique Uebel.....	77
3 LAJEADO – SUA HISTÓRIA	88
3.1 Parque Histórico de Lajeado – <i>Deutscher Kolonie Park</i>	100
4 OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA E SUAS RELAÇÕES COM A IDENTIDADE	120
CONCLUSÃO	140
REFERÊNCIAS: FONTES E BIBLIOGRAFIA	142

INTRODUÇÃO

O interesse em me dedicar aos estudos sobre identidades étnicas inicia-se em 2002 quando realizei, para o trabalho de conclusão do curso de bacharelado em História nesta universidade, pesquisa com uma comunidade, localizada no interior do Estado, de descendentes vestfalianos que mantinham ainda muitas das características de seus antepassados alemães, como, por exemplo, a manutenção da língua e o casamento dentro do grupo. Esse trabalho fez com que me dedicasse cada vez mais ao estudo de identidades étnicas e com que percebesse a possível importância dos “lugares de memória” para a compreensão desse tema. Para tanto, realizei o curso de Especialização em Museologia e Patrimônio Cultural (Instituto de Artes – UFRGS), o qual me aproximou do significado que esses espaços poderiam possuir nas discussões sobre identidade e memória.

Com a entrada no Mestrado, em 2006, procurei elaborar um trabalho de pesquisa que associasse as idéias que possuía a respeito de identidades étnicas e memória com a possibilidade de análise de um espaço diferenciado como o museu. Não queria que o trabalho se tornasse algo comum nos moldes dos estudos teuto-brasileiros, cuja vastíssima gama de produção evidencia-se através da análise dos Anais dos Simpósios de História e Colonização Alemãs no Rio Grande do Sul.

Nesse sentido acredito que o presente trabalho possa inserir-se em um novo viés de pesquisa dentro dos estudos teuto-brasileiros, no qual se procura, principalmente, estudar e analisar a identidade teuto-brasileira e as representações desta nos mais variados âmbitos, especialmente culturais e simbólicos. Para tanto, nesta dissertação, busco verificar de que maneira dois diferentes espaços, vistos como “lugares de memória”, podem colaborar no reforço e na legitimação da

identidade étnica teuto-brasileira. Parto do pressuposto de que a atual importância que esses espaços possuem ou buscam possuir na sociedade está intimamente relacionada às questões referentes à globalização e, conseqüentemente, à relação desta com a memória e a identidade.

Os “lugares de memória” analisados nesta dissertação são o Museu e Arquivo Histórico e Geográfico Henrique Uebel, localizado na cidade de Teutônia, museu de feições essencialmente tradicionais, e o Parque Histórico de Lajeado que, mesmo não se intitulando “museu”, possui uma inserção diferenciada nas discussões relativas à classificação museológica, pois pode ser classificado aparentemente como um “museu ao ar livre”. A escolha desses dois locais foi efetuada devido à presença, em primeiro lugar, de espaços que pudessem ser analisados, e em segundo lugar, de ambas as cidades encontrarem-se localizadas em áreas comumente consideradas de imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul. Mantive um contato mais prolongado com o Museu Henrique Uebel, que havia sido o meu objeto de análise no curso de especialização em Museologia. A escolha do segundo espaço também se deveu às suas próprias peculiaridades, principalmente a de ser um parque, o que me instigou ainda mais a optar por ele.

Este trabalho tem a sua validade e importância na medida em que nos possibilita analisar a sociedade em que estamos inseridos e as relações que existem entre os grupos pertencentes a ela. Acredito também que haja uma similaridade no processo de formação dos elementos étnicos em outras regiões, o que valida ainda mais a realização desta dissertação.

Em um primeiro momento, busquei evidenciar os conceitos norteadores deste trabalho, para, em um segundo momento, propriamente conhecer os espaços a serem analisados. Uma das primeiras dificuldades com que me deparei foi a carência de informações relativas à colonização nestas duas cidades, o que me demandou ampla pesquisa em arquivos, na qual mapeei principalmente os destinos dos imigrantes no Rio Grande do Sul, documentos burocráticos e administrativos, além de uma série de fontes referentes à esfera religiosa e escolar. Também foi necessária a pesquisa e consulta a jornais, essencialmente locais, que fizessem referência aos espaços que estavam sendo analisados. Não foram escolhidos jornais específicos, mas sim aqueles que contivessem

referências relativas a esses locais. As informações encontraram-se principalmente nos jornais *Informativo do Vale* (Lajeado), *Informativo* (Teutônia) e *Folha Popular* (Teutônia), sendo esporádica a referência em outros jornais. Essas fontes são importantes meios de comunicação nesses municípios e devido a isso são válidas e merecem análise.

Muitos dos dados e informações neste trabalho foram colhidos através de depoimentos e relatos de diversas pessoas que tivessem alguma relação direta com o objeto de estudo. Para tanto, foram realizadas entrevistas com funcionários dos museus, diretores, fundadores, autoridades locais, visitantes. Em muitas dessas conversas o entrevistado indicava outros possíveis nomes que pudessem ajudar na busca por informações ou referências. Os entrevistados sabiam antecipadamente do que tratava o trabalho e se sentiam valorizados por serem procurados e consultados. Nem todas as entrevistas puderam ser gravadas, pois alguns não se sentiram à vontade com o gravador. Além das entrevistas propriamente ditas, nas quais apenas incentivei o entrevistado a falar sobre o que soubesse a respeito do assunto pretendido, também foram mantidas conversas informais com pessoas que freqüentavam esses espaços, na tentativa de compreender como viam o lugar em que se encontravam, porque o freqüentavam, dentre outros pontos importantes.

Essa dissertação se encontra dividida em quatro capítulos. Em um primeiro momento, discutirei e analisarei os seguintes conceitos: globalização, identidade, memória e museu. Esses elementos, abordados a seguir, serão os norteadores das discussões posteriores. No segundo capítulo veremos um breve histórico da cidade de Teutônia, local onde se encontra o primeiro espaço de análise, isto é, o Museu e Arquivo Histórico e Geográfico Henrique Uebel. Busco neste histórico perceber as características relacionadas com a identidade étnica teuto-brasileira nesta cidade, em especial a sua relação com a origem, o trabalho, o associativismo e a educação, pois não poderemos observar se o museu é ou não um espaço de relações identitárias se a cidade não oferecer elementos que permitam essa definição. Em um segundo momento, partirei para a descrição do objeto de estudo, o museu propriamente dito, apresentando sua formação, acervo, exposições e público. No terceiro capítulo farei análise semelhante com referência à cidade de Lajeado e conseqüentemente, ao Parque Histórico de Lajeado. Nesses dois capítulos é relevante destacar que o trabalho em arquivos é de extrema importância, pois as fontes bibliográficas que se encontram disponíveis são muito escassas e vagas. O fato

de não existir produção acadêmica sobre esses espaços dificulta, mas também instiga a elaboração do presente trabalho de pesquisa. No quarto capítulo analisarei esses dois espaços, de acordo com o proposto nesta dissertação: buscarei perceber especialmente, as possíveis relações entre seus respectivos acervos e as questões de identidade e de memória, valendo-me para isso, do embasamento teórico proporcionado pelos conceitos vistos no primeiro capítulo.

Esse trabalho se insere nos estudos sobre identidades, em especial étnicas, incorporando-se desta forma aos estudos de História Cultural, ao mesmo tempo em que também se insere na temática de estudos sobre o tempo presente. É importante ressaltar que, como qualquer tipo de abordagem histórica adotada, incorre-se em determinados riscos e dificuldades, e nosso caso não é diverso. De todo modo, o historiador se encontra no papel de figurante da história, ao mesmo tempo em que lhe cabe a tarefa de explicá-la.

Em termos metodológicos, não podemos deixar de destacar a importância dos relatos orais para a realização desse trabalho, anteriormente mencionados. Sem eles, seria impossível a realização dessa pesquisa. Recorro muito aos meios de obtenção de informações e dados possibilitados pela história oral, mas vale ressaltar que é fundamental a sua correta utilização, pois como assinalamos acima, por se tratarem de momentos presentes, muitas informações podem ser suprimidas ou modificadas pelos entrevistados ou informantes.

Entre as demais fontes utilizadas para este trabalho, em primeiro lugar, destacam-se os jornais, listados acima. Essas fontes são de grande importância para entendermos a atuação e muitas vezes a propagação de informações referentes aos espaços de análise nos meios midiáticos. Em segundo lugar, destacam-se as fontes encontradas nos arquivos e demais instituições pesquisadas para esse trabalho, que certamente trouxeram uma gama de informações relevantes para a elaboração do segundo e terceiro capítulos. Vale ressaltar que as fontes encontradas em arquivos, além dos jornais e das entrevistas, serão indicadas integralmente nas notas de rodapé, possibilitando, dessa forma, um melhor entendimento do conteúdo do presente trabalho.

Espero que a leitura desta dissertação seja agradável e que traga subsídios para as discussões relativas à identidade e à memória em nossa sociedade atual.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA

1.1 O mundo atual – Globalização ou Glocalização

O conceito de globalização¹ começa a ser amplamente utilizado a partir da segunda metade da década de 80 e se torna um termo freqüente nos meios intelectuais e, em especial, na esfera econômica. Diferentes pontos de vista existem quanto à sua origem. Enquanto alguns autores, dentre os quais Immanuel Wallerstein (2001), afirmam que o processo de globalização do mundo tem início no século XVI com as grandes navegações, outros autores, como Renato Ortiz (1998), Mike Featherstone (1997), Roland Robertson (1994), David Held e Anthony McGrew (2001), apontam seu início no século XX, com o desenvolvimento tecnológico, mais especificadamente nas áreas das comunicações, dos transportes e da informação. Esses avanços têm propiciado um maior contato entre os povos e uma ampliação das relações culturais, devido à “percepção da finitude e da ausência de limites do planeta e da humanidade [...] familiarizando-nos com a maior diversidade, com a grande amplitude das culturas locais” (FEATHERSTONE, 1997, p. 124).

No entanto, o que se questiona e o que se tem evidenciado é que o processo de globalização não pode ser visto como causador de uma homogeneização cultural, pois o que podemos perceber, através das palavras de Michel Agier (2001), é que, ao invés de incentivar e ser determinante em um processo de

¹ Existe atualmente um grande debate em torno do conceito de globalização, em especial, entre dois grupos, os céticos e os globalistas. Eles possuem posições distintas em vários aspectos. Os céticos definem o conceito não como globalização, mas como internacionalização; já os globalistas, como um só mundo, moldado por fluxos, movimentos, através das regiões e continentes. Em termos culturais, os céticos destacam o ressurgimento da nacionalidade e da identidade nacional, já os globalistas, o desgaste das identidades políticas fixas, a hibridização (HELD; MCGREW, 2001, p. 11-23; 37-47).

homogeneização da cultura, estimula a procura e a necessidade de outros contextos identitários.

A circulação rápida das informações, das ideologias e das imagens acarreta dissociações entre lugares e culturas. Nesse quadro, os sentimentos de perda de identidade são compensados pela procura ou criação de novos contextos e retóricas identitárias. Híbrida ou mestiça, como se diz agora, a cultura encontra-se assim mais dominada do que nunca pela problemática da identidade, que se enuncia cada vez mais como uma 'identidade cultural' (AGIER, 2001, p. 7).

Nesse sentido, para muitos autores, o mundo contemporâneo se caracteriza como um mundo de culturas em movimento, de hibridização,² no qual objetos e sujeitos se distanciam de locais particulares para se reconfigurarem em um tempo e espaço globais (BAUDRILLARD *apud* ANICO, 2005, p. 2). Contudo, ao mesmo tempo em que o espaço global incentiva os processos de contato entre culturas e economias diversificadas, também contribui para o surgimento de diversas formas de localismo, que, muitas vezes, resultam na construção de novas referências simbólicas ou mesmo na reelaboração de antigas. Estaríamos falando de um "glocalismo" ou de uma "glocalização".³ Isso levaria a uma aproximação visível dos indivíduos com o seu passado, com as suas origens, que teria como consequência a elaboração de um sentimento de nostalgia em relação a esse passado. De acordo com Anico, isso ocasionaria

o desenvolvimento de uma indústria da nostalgia em que o passado é resgatado, idealizado, romantizado e não raras vezes inventado, mediante processos que incluem a patrimonialização da cultura (ANICO, 2005, p. 2-3).

Hans Gumbrecht (1999, p. 467) destaca que o que nos orienta em direção ao passado é, muitas vezes, o desejo de transpor o limite que separa nossas vidas atuais do período anterior ao nosso nascimento. Desta forma, o homem busca conhecer esse mundo e ter dele uma experiência direta, isto é, ter uma experiência sensorial. Esse desejo de uma experiência imediata do passado surge dentro dessa nova e ampla dimensão do presente, que Gumbrecht associa a uma crise na categoria do sujeito (1999,

² Um exemplo de hibridização é o *reggae*, uma forma de música jamaicana originada na década de 70 e que se espalhou pelo mundo. No entanto, ela possui elementos britânicos, africanos e norte-americanos. Outro exemplo é o carnaval, "o uso de fantasias e máscaras era um costume tradicional europeu [...]. O desfile das Escolas de Samba do Rio de hoje segue a tradição dos cortejos e carros alegóricos da Florença e da Nuremberg do século XV" (BURKE, 2003, p. 34-35).

³ "Essa palavra descende, em linhas diretas, das teorias japonesas de administração pós-fordista. Inicialmente ela foi utilizada pelos especialistas em marketing para designar a 'segmentação' dos alvos ou a decupagem dos grandes segmentos transfronteiras de 'comunidades de consumidores' que reúnem os mesmos sócio-estilos, os mesmos modelos de consumo" (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 180).

p. 470). A origem desse presente mais amplo está situada na dificuldade em atravessar a fronteira entre o presente e o futuro.

Tal situação, entretanto, como afirma o antropólogo Marc Augé, explica-se, na verdade, por um desnorteamento dos indivíduos no mundo de hoje, acelerado em suas transformações: vêm-se afetados por elas, num momento em que os elementos de identificação coletiva disponíveis para o indivíduo estão mais enfraquecidos do que nunca estiveram no passado (CARDOSO, 2005, p. 88).

François Hartog pontua esse momento como apresentando “falhas no presente”:

a economia (da mídia) do presente não pára de produzir e de consumir o acontecimento. Mas com esta particularidade: o presente, no momento em que se faz, deseja ver-se como já histórico, como já passado, voltando-se, de algum modo, sobre si mesmo e antecipando o olhar que a ele será dirigido quando for completamente passado (HARTOG, 1997, p. 14).

Em especial, a partir dos anos 70 pode-se perceber um movimento crescente de “desmotivação” em relação ao futuro.

Os horizontes de expansão e o crescimento se contraíram de forma brusca: após décadas sendo alimentadas com energia barata e abundante o suficiente para criar e recriar incessantemente o mundo, as sociedades modernas teriam agora de aprender com rapidez como utilizar suas limitadas fontes de energia para proteger seus recursos em decréscimo e para evitar que todo o seu mundo ruísse [...] as sociedades modernas da década de 70 foram forçadas a viver à sombra da velocidade máxima e do sinal vermelho (BERMAN, 2005, p. 313-314).

Para Berman (2005, p. 315), a busca da recuperação de modos de vida passados não é um projeto novo, mas assume uma nova urgência no momento em que a sociedade moderna tem perdido a capacidade de criar um futuro novo. Da mesma maneira Gumbrecht (1999, p. 469) destaca que o otimismo em relação ao progresso se encontra frustrado e o futuro voltou a se tornar ameaçador. Nessa mesma linha, também Le Goff (2003, p. 215) afirma que cada idade histórica busca valorizar uma determinada temporalidade. Quanto mais seguro um indivíduo estiver das suas possibilidades, menor o seu receio pelo futuro, mas, quanto mais inseguro for, maior será a valorização do presente e maior o refúgio no passado. Isto é, podemos pensar que o atual comportamento das pessoas e da sociedade demonstra as próprias inseguranças quanto ao futuro. Essa angústia e receio em relação à temporalidade também são encontrados em Deleuze:

Acreditamos que o presente só passa quando um outro presente o substitui. Reflitamos, porém: como adviria um novo presente se o antigo presente não passasse ao mesmo tempo em que é presente? Como um presente qualquer passaria, se ele não fosse passado ao mesmo tempo em que é presente? O passado jamais se constituiria, se ele já não tivesse se constituído inicialmente, ao mesmo tempo em que foi presente. Há aí como que uma posição fundamental do tempo, e também o mais profundo paradoxo da memória: o passado é contemporâneo do presente que ele foi (1999, p. 45-46).

Nesse sentido, as palavras de Hall (2005), segundo as quais “[...] as identidades nacionais e outras identidades locais ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização” (p. 73) fazem sentido e, intimamente relacionado a isso, percebemos uma revalorização e um “resgate” do passado. Podemos perceber que há uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia.⁴ Há, juntamente com o impacto do global, um interesse pelo local. Desse modo, não existe uma separação clara entre global e local, conforme se percebe nessa declaração da Coca-Cola: “Não somos uma multinacional, somos uma multilocal” (FETHERSTONE, 1997, p. 162). Acredita-se que o local e o global não se excluem mutuamente, mas se completam.

De acordo com Maria Cristina Simão (2001), a valorização das coisas locais, em oposição à globalização, cobre de importância a manutenção de identidades que possibilitem às pessoas a referência do seu lugar: “O passado e suas referências marcadas no território [...] repassadas de geração em geração, as formas de fazer – objetos, alimentos, festas – voltam, na virada do milênio, a ser valorizados” (SIMÃO, 2001, p. 15). Essas mudanças colocam em destaque as questões de identidade e a luta pela sua afirmação e/ou manutenção. Conforme Woodward (2000):

O que é importante para nossos propósitos aqui é reconhecer que a luta e a contestação estão concentradas na construção cultural de identidades, tratando-se de um fenômeno que está ocorrendo em uma variedade de diferentes contextos. Enquanto, nos anos 70 e 80, a luta política era descrita e teorizada em termos de ideologias em conflito, ela se caracteriza agora, mais provavelmente, pela competição e pelo conflito entre diferentes identidades, o que tende a reforçar o argumento de que existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo (WOODWARD, 2000, p. 25).

⁴ Entende-se por mercantilização da etnia o processo de tornar algo referente a um determinado grupo, ou mesmo um grupo, algo comercializável. A cidade de Locke, na Califórnia, foi vendida em 1977 a empresários do setor de turismo, que a divulgaram como a única *Chinatown* intacta dos Estados Unidos. Seus moradores, juntamente com a cidade, tornaram-se museificados (FETHERSTONE, 1997, p. 166) e serviram como meio de obter lucro.

Essa crise se reflete no interesse e na revalorização do passado que se relaciona com a criação de “lugares de memória”, locais de rememoração desse passado, como monumentos, arquivos e especialmente museus, que buscam evitar o esquecimento e impor a noção de um tempo estável à instantaneidade atual. Esses “lugares de memória”, enquanto representações de um passado, procuram enfatizar uma noção de continuidade e pertença. Pierre Nora (1993, p. 7) destaca que há locais de memória porque não há mais meios de memória: “Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história” (NORA, 1993, p. 8). Esse movimento da sociedade é considerado por ele como um exemplo da “aceleração da história”, fenômeno vivido atualmente em que a possível ruptura com o passado em função da mundialização, da massificação, criou a necessidade de elaborar arquivos, registrar celebrações, isto é, criar “lugares da memória” (NORA, 1993).

1.2 Memória e Identidade

Nora caracteriza a memória como “vida, carregada por grupos vivos e, nesse sentido, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, sendo ela um fenômeno atual, um elo vivido no eterno presente” (1993, p. 9).

A priori, costumamos fazer referência ao conceito de memória como algo pessoal, individual, mas ela também deve ser entendida como um fenômeno coletivo, construído em conjunto e passível de sofrer alterações no decorrer do tempo. Maurice Halbwachs, em sua obra, já fazia referência às questões entre a memória individual e a coletiva.⁵ Ele parte do pressuposto de que não existe a memória interior de uma pessoa, que armazena e relembra as próprias experiências ao longo dos anos, mas que toda a lembrança significativa é um processo socialmente condicionado de reconstrução que se baseia na estrutura social de relíquias culturais e rituais de comunicação de um dado grupo no presente. Segundo Niethammer (1997),

⁵ Maurice Halbwachs, “que inventou, em meados da década de 20, a noção de uma memória coletiva e, portanto, uma primeira versão daquilo que mais tarde seria reinventado como ‘construção social do conhecimento’. As contribuições teóricas de Halbwachs sobre a natureza social, espacial e reconstrutiva da memória cultural estiveram no ostracismo por um longo período e tiveram que esperar a virada cultural do final dos anos 70 e a década de 80 para serem redescobertas e se tornarem assunto de debate” (NIETHAMMER, 1997, p. 128).

a lembrança não é uma questão de experiência própria de alguém ou de tempo, mas de espaço social em sua especificidade, mais depende dos símbolos, relíquias e tabus da estrutura social do presente que da narração de coisas passadas ou históricas. A lembrança reconstrói assim, uma visão de um passado significativo computando partículas insignificantes da própria memória do indivíduo com os símbolos e as estruturas comunicativas importantes no grupo social ao qual pertence e, com isso, cria a 'sensação de identidade' que é identidade social desde o início (1997, p. 128-129).

A memória, no entanto, não se mantém única, sempre igual, imutável. Ela sofre momentos de mudanças, de alterações, pois ela, da mesma forma que a identidade, não passa de uma construção. Construção essa elaborada e reelaborada inúmeras vezes conforme a necessidade dos elementos aos quais faz referência. Nesse sentido, ela também não deixa de ser seletiva, por priorizar determinados aspectos em detrimento de outros, considerados mais importantes dentro de determinado grupo:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS *apud* POLLAK, 1989, p. 3-4).

A memória é um elemento formador da identidade, pois permite dar um sentimento de continuidade e coerência para a pessoa ou coletividade. Além disso, ela reforça a união pela própria adesão afetiva ao grupo, isto é, forma-se uma "comunidade afetiva". A memória busca reforçar sentimentos de pertencimento, nos quais a referência a um passado serve como um meio de manter a união dentro de um determinado agrupamento. Segundo Michael Pollak (1989, p. 9), "Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, [...], eis as duas funções essenciais da memória comum". A memória pode então ser vista como resultante da gestão de determinados grupos, que podem ser considerados como os "enquadradores da memória". Conforme Le Goff:

De fato o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores (2003, p. 435).

Não devemos deixar de destacar que, no momento em que a memória se encontra constituída, ela também sofre processos de manutenção, de continuidade e de

reorganização, fundamentais para a sua existência. Assim, as permanências e as ausências possuem um caráter de extrema importância, pois “é necessário compreender as palavras que jamais foram ditas [...] é necessário fazer falar os silêncios da história, estas terríveis pausas em que ela não diz mais nada e que são justamente seus acentos mais trágicos” (RANCIÈRE, 1994, p. 70). Isto é, memórias e silêncios, lembranças e esquecimentos convivem em um mesmo espaço e acabam dependendo uns dos outros para sobreviverem: “A memória é constituída tanto de lembrança como de esquecimento, pois só esquecendo aprendemos e por conseguinte produzimos memória” (PINHEIRO, 2004, p. 91). O homem acaba por determinar o que deve ser recordado, e conseqüentemente, determina o que deve ser esquecido. E,

[...] ao lado da emergência da memória, tão importante como testemunho das rotinas necessárias para a sobrevivência étnica de um grupo, verifica-se a necessidade da memória coletiva continuar a se desenvolver no âmbito social, político, histórico e tecnológico. Entretanto, para esta evolução, muitas vezes o homem lança mão do esquecimento como instrumento de condenação ao desaparecimento de algo que lhe é contrário (PINHEIRO, 2004, p. 92).

Como a memória é um elemento essencial da identidade, tanto individual quanto coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje (LE GOFF, 2003, p. 469), é importante destacarmos o próprio significado da identidade, em especial, da identidade étnica.

A identidade étnica, compreendida pela etnicidade, “refere-se ao grau de conformidade dos membros da coletividade a normas compartilhadas no curso da interação social” (COHEN, 1996, p. 370).⁶ Uma de suas principais características é a idéia de uma presumida origem comum. Essa suposta relação muitas vezes pode ser real ou fictícia, inventada. A memória sobre a qual um grupo baseia a sua identidade pode alimentar-se de lembranças de um passado glorioso ou mesmo de um período de sofrimento. Conforme Hobsbawm (1998, p. 17), “O passado legitima. O passado fornece um pano de fundo mais glorioso a um presente que não tem muito a comemorar”. Exemplo disso encontramos no próprio autor:

Eu me lembro de ter visto em algum lugar um estudo sobre a civilização antiga das cidades do vale dos Indus com o título *Cinco mil anos de Paquistão*. O

⁶ “The term ethnicity refers to the degree of conformity by members of the collectivity to these shared norms in the course of social interaction” (COHEN, 1996, p. 370).

Paquistão nem mesmo era cogitado antes de 1932-3, quando o nome foi inventado por alguns militantes estudantis (HOBBSAWN, 1998, p. 17).

Assim, pode-se considerar a memória e a identidade a partir de uma dimensão cultural e, muitas vezes, imaginária, dos grupos e da sociedade, levando-se em consideração o movimento de elaboração e reelaboração dessas representações do passado, incorporadas em determinados espaços. A própria organização da memória coletiva vem ao encontro da intenção de aumentar os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sociais entre as coletividades.

Também devemos destacar que é necessária a comprovação da própria descendência para que os direitos étnicos possam ser reivindicados. Muitas tribos indígenas americanas especificam a quantidade de sangue indígena necessária para o reconhecimento como membro do grupo (KEYES *apud* POUTIGNAT; STREITT-FENART, 1998, p. 162). Mas, na maioria das vezes, as exposições de determinados atributos ligados a esta origem já são suficientes para presumir um laço genealógico. É justamente essa crença que “justifica e corrobora as outras dimensões ou signos da identidade e assim o próprio sentido da unicidade do grupo” (POUTIGNAT; STREITT-FENART, 1998, p. 162). Max Weber (1994) já afirmava que a crença na origem comum constitui um dos traços da etnicidade:

Nem toda crença na afinidade de origem baseia-se na igualdade dos costumes e do hábito. [...] semelhante crença pode existir e desenvolver uma força criadora de comunidade, quando apoiada na lembrança de uma migração real: de uma colonização ou emigração individual. De fato, os efeitos da adaptação ao habitual e as recordações da juventude continuam atuando nos emigrantes, como fonte do ‘sentimento de apego à terra natal’, mesmo quando estes se adaptaram tão completamente ao novo ambiente que um retorno ao país de origem lhes seria insuportável. Nas colônias, a relação interna dos colonizadores para com o país de origem sobrevive até a fortes misturas com os habitantes locais e a consideráveis modificações tanto do patrimônio tradicional quanto do tipo hereditária (1994, p. 270).

O grupo, no momento em que leva em consideração seu passado, sente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo (HALBWACHS, 1990, p. 87). Essa busca por uma origem comum muitas vezes se encontra relacionada com a própria necessidade de ter constituído uma tradição, que também pode ser inventada. Tradições que reivindicam ser antigas são, muitas vezes, de origem bastante recente. Hobsbawn (2006) utiliza o conceito de “tradições inventadas”,

noção trazida à discussão quando o autor estuda os movimentos que se dão no âmbito do que ele denomina de “fabricação das nações”:

‘Tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBBSAWN, 2006, p. 9).

Um exemplo de “tradição inventada” encontramos no trabalho de Wolff e Flores (1994). As autoras destacam que a *Oktoberfest*, festa “típica” de comunidades descendentes de alemães, é formada por dois componentes essenciais, a identidade étnica teuto-brasileira construída a partir da colonização da região do Vale do Itajaí e a valorização e crescimento do turismo. Segundo elas, a festa costuma ser apresentada pelos meios de comunicação e pelas autoridades como um retorno da história e das tradições da cultura germânica. No entanto, o real motivo de sua criação foi um esforço em reerguer o ânimo da população depois das grandes cheias que se sucederam no início da década de 90. “Era preciso tocar aquela musiquinha alemã para o cara chorar, para o cara sentir no coração que é uma coisa dele que está sendo valorizada. Foi isso que foi feito. Foi isso que deu certo”⁷ (WOLFF; FLORES, 1994, p. 210). Nesse sentido, as lembranças, recordações do passado são figuradas através de símbolos, práticas, discursos que servem para legitimar e dar credibilidade ao presente e ao grupo.

Outro exemplo ilustrativo dessa questão é a própria idéia de gaúcho desenvolvida pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, que, conforme Ruben Oliven (*apud* FEIX, 2006), não passa de uma invenção de um grupo de jovens:

Quem via Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Glaucus Saraiva e outros guris de 18 anos sequer tinha idéia do que aqueles trajes representavam. Ou melhor, do que os garotos pretendiam que os trajes representassem (FEIX, 2006, p. 6).

Podemos perceber que a identidade étnica não se define de maneira endógena, mas ela é um produto de atos significativos de outros grupos.⁸ Um grupo não tem como

⁷ Fala de um dos entrevistados na pesquisa das autoras.

⁸ Já de acordo com a concepção primordialista dos grupos étnicos, “aquela que procede pela identificação prévia de populações às quais são atribuídos traços culturais específicos vistos como sua posse e cuja manutenção é garantida de forma endógena pelo processo de socialização, independentemente de seus efeitos na organização das interações sociais” (POUTIGNAT; STREITT-FENART, p. 176).

ignorar a maneira pela qual os não-membros o categorizam, e algumas vezes, a sua própria autodefinição só tem sentido através dessa denominação exterior. Em alguns casos, quanto mais severo for o ato de dominação, mais as pessoas às quais se aplica essa definição externa são forçadas a retomá-la por conta própria. O esquema de rotulação étnica nunca pode ser resumido a uma pura imposição de identidade de dominante a dominado. Os próprios dominantes retomam, às vezes por sua conta, os nomes ou os sentimentos que lhes são atribuídos pelos dominados. Norbert Elias e John Scotson nos trazem o exemplo de Winston Parva, uma pequena comunidade onde é visível a diferenciação entre dois grupos, os estabelecidos, os antigos moradores, e os *outsiders*, os recém-chegados. Baseando-se em um elevado grau de coesão, os antigos moradores se conhecem há várias gerações, em contraste aos recém-chegados, que são estranhos não apenas entre os antigos residentes como também entre si.

Era graças a seu maior potencial de coesão, assim como à ativação deste pelo controle social, que os antigos residentes conseguiam reservar para as pessoas de seu tipo os cargos importantes das organizações locais [...] a exclusão e a estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 22).

Um grupo só consegue rotular um outro com eficácia quando está bem colocado em posições de poder das quais o grupo rotulado é excluído. Como se pode perceber, os diferenciais de coesão podem ser vistos como fontes de diferenciais de poder.

Mas os sintomas de inferioridade humana que os grupos estabelecidos muito poderosos mais tendem a identificar nos grupos *outsiders* de baixo poder e que servem a seus membros como justificção de seu status elevado e prova de seu valor superior costumam ser gerados nos membros do grupo inferior pelas próprias condições de sua posição de *outsiders* e pela humilhação e opressão que lhe são concomitantes (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 28).

Nesse caso, podemos ver a diluição da consciência individual na coletiva, quando a auto-imagem e a auto-estima de uma pessoa estão ligadas ao que os outros membros do grupo pensam dela. Um elemento de um grupo estabelecido pode ser indiferente ao que os *outsiders* pensam dele, mas não vai ser indiferente à opinião de seus pares. Dessa forma, a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro das pessoas, mas de uma falta de inteireza que se procura preencher a partir do exterior, pelas formas através das quais se imagina ser visto pelos outros (HALL, 2005,

p. 39). Nesse sentido, no plano do indivíduo, a identidade se define pelo que é subjetivamente reivindicado e pelo que é socialmente atribuído. Dessa forma, as reivindicações identitárias de um indivíduo podem ser ou não aceitas pelo grupo. Para que exista a formação de uma identidade étnica, são necessários determinados índices e critérios definidores deste pertencimento. Assim, há símbolos aos quais uma determinada identidade se encontra ligada, como, por exemplo, a língua, traços comportamentais e físicos.

Um dos mais importantes conceitos para o estudo da identidade étnica é a noção de fronteira, introduzida por Fredrik Barth. Até então, não se dava importância em estudos de etnicidade às relações e aos contatos em situações de fronteira.⁹ Persistia uma visão bastante simplista de que o isolamento geográfico e social tinham sido fatores responsáveis pela sustentação da diversidade cultural (BARTH, 1998, p. 188). Segundo Barth,

para que a noção de grupo étnico tenha um sentido, é preciso que os atores possam dar conta das fronteiras que marcam o sistema social ao qual acham que pertencem e para além dos quais eles identificam outros atores implicados em um outro sistema social. [...] as identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade (*apud* POUTIGNAT; STREITT-FENART, 1998, p. 152).

A identidade só pode existir quando está em contato, em confronto com o “Outro”. São na verdade essas fronteiras étnicas que definem o grupo e permitem a sua manutenção. Com o tempo, essas delimitações podem reforçar-se, manter-se, ou mesmo desaparecer, dependendo das próprias alterações internas, bem como das mudanças na natureza da própria fronteira. Para que essa persista é necessária a participação de seus membros na sua manutenção, pois ela se baseia no reconhecimento e na validação das distinções étnicas decorrentes das interações sociais. Essas fronteiras são manipuláveis pelos atores, elas aumentam ou diminuem conforme a escala de inclusividade na qual se situam e da pertinência, localmente situada, do estabelecimento de uma distinção Nós/Eles (POUTIGNAT; STREITT-FENART, 1998, p. 158). Essa diferença pode ser construída negativamente, por meio da exclusão, ou pode ser vista como enriquecedora por estar valorizando a heterogeneidade. Essa relação fronteira coloca em destaque a própria instabilidade da identidade. As possibilidades de se transpor as fronteiras ou

⁹ Não estamos nos referindo a fronteiras em termos geográficos e políticos, mas sim a fronteiras culturais.

mesmo de se encontrar inserido nela são uma demonstração do caráter muitas vezes artificial das identidades.

Outro conceito importante nas discussões sobre a etnicidade é a noção de realce, que exprime a idéia de que a relação étnica é um modo de identificação em meio a outros possíveis:

De acordo com as situações nas quais ele se localiza e as pessoas com que interage, um indivíduo poderá assumir uma ou outra das identidades que lhe são disponíveis, pois o contexto particular no qual ele se encontra determina as identidades e as fidelidades num dado momento (POUTIGNAT; STREITTFENART, 1998, p. 166).

Os índios Tükuna, localizados nas fronteiras entre Brasil, Colômbia e Peru, têm grande facilidade de transitar nas fronteiras onde a identidade indígena prepondera sobre as outras, mas uma determinada pertença nacional pode ser reivindicada em situações como, por exemplo, de assistência médica ou proteção (OLIVEIRA, 2000, p. 13). Assim, eles manipulam as suas identidades conforme o interesse ou outra circunstância.

O realce da identidade étnica é expressa, em primeiro lugar, por um rótulo étnico. Somente quando este rótulo se encontra selecionado é que os comportamentos e características que se referem a um grupo passam a ser quase naturalmente vistos como étnicos. A etnicidade pode ser realçada por meio de inúmeros signos, que podem ser mobilizados para tipificar um determinado grupo. Conforme Lyman e Douglass,

os traços étnicos nunca são evocados, atribuídos ou exibidos por acaso, mas manipulados estrategicamente pelos autores, como elementos de estratagemas, no decurso das interações sociais, por exemplo, para exprimir a solidariedade ou a distância social, ou para as vantagens imediatas que o ator espera obter pela apresentação de uma identidade étnica particular (*apud* PONTIGNAT; STREITTFENART, 1998, p. 168).

Existem atualmente amplas discussões e estudos sobre esses conceitos, em especial, sobre a sua atuação em determinados grupos. Como se trata de um assunto bastante amplo, suas possibilidades de análise podem ser variadas conforme o enfoque de estudo utilizado. Em relação à identidade étnica teuto-brasileira, é necessário levar em consideração determinados aspectos que foram e continuam sendo fundamentais para

sua formação. Podem-se visualizar alguns períodos, históricos inclusive, em que esta identidade se manifestou e se fortaleceu.

Podemos perceber que o surgimento de uma identidade teuto-brasileira ocorre no momento de emancipação das colônias, com o interesse mais direto de determinados grupos nos direitos de cidadania, ou seja, no momento em que buscam participação política (SEYFERTH, 2000b, p. 3). A emergência de uma identidade decorre do próprio contato com a sociedade brasileira, quando se passa a buscar, para os colonos, uma cidadania plena. Mas o que podemos denotar é que o nacionalismo brasileiro considerou a noção de *Deutschum* (caráter nacional alemão) uma perigosa ameaça à unidade brasileira. Os brasileiros buscavam uma assimilação, uma incorporação do imigrante aos preceitos e características nacionais, além do mais, os europeus faziam parte de um processo de “branqueamento” que estava ocorrendo no período.

A tentativa de assimilação forçada provocou, em algumas situações, o isolamento étnico. Deve-se ressaltar que, em muitos casos, buscou-se vincular essa falta de assimilação a um “enquistamento”; porém, isso pode ser relativizado, pois tais imigrantes mantiveram contato com outros grupos, sendo que a própria situação geográfica permitia a integração entre eles (próximos a rios e a centros comerciais importantes) (SEYFERTH, 2001, p. 3). O que se percebe é que, a princípio, tanto a identidade teuta, como as demais, polonesa e italiana, por exemplo, serão construídas em oposição à dos brasileiros, vistos, como analisaremos posteriormente, como inferiores em termos de capacidade para o trabalho e pela falta de devoção religiosa.

Outro momento importante no reforço dessa identidade ocorre no período da Campanha de Nacionalização entre os anos de 1939-1945, durante o qual podemos destacar o fechamento das escolas-alemãs que não se enquadrassem às políticas pregadas pelo governo brasileiro; proibição de falar alemão em lugares públicos; obrigatoriedade do serviço militar para filhos de imigrantes; proibição de todas as publicações e transmissões radiofônicas em língua alemã. Essa assimilação forçada não obteve as conseqüências desejadas, pois, ao contrário, muitos grupos se mantiveram ainda mais unidos e organizados.

No caso teuto-brasileiro, existem alguns critérios determinantes de pertencimento ou não a esse grupo: o uso da língua, a preservação de costumes (comportamento religioso, concepção de trabalho), a vida associativa (sociedades de tiro, de cantores, de ginástica), o papel preponderante da escola particular alemã e a própria origem comum.

O primeiro item acima certamente possui um papel importantíssimo, pois é o primeiro que se manifesta em um momento de contato. Os demais critérios de identificação só vão aparecer quando o teuto-brasileiro se coloca em confronto com indivíduos de outra origem étnica. Muitas pessoas dominam mais de uma forma dialetal: muitos descendentes vestfalianos, por exemplo, conhecem o dialeto *plattdeutsch*, mas também o *hunsrück* e o português.¹⁰ Conforme o momento e a situação em que se encontram, expressam-se em determinada língua, português em ambientes públicos, *hunsrück* com outras pessoas que não conhecem o seu dialeto e o *plattdeutsch* como uma língua familiar e interna ao seu grupo. Semelhante fato foi percebido por Joana Bahia em seu estudo sobre os descendentes pomeranos no Espírito Santo (BAHIA, 2001).

A preservação dos costumes é um outro elemento importante que determina uma distinção teuta. Casas arrumadas, possuidoras de hortas, jardins, a própria questão do trabalho muitas vezes vinculada à própria auto-suficiência dos imigrantes em zonas pioneiras, reforça a idéia de superioridade no trabalho. O fator trabalho aparece como um elemento essencial contra os casamentos interétnicos, em especial com os brasileiros, como podemos perceber na fala abaixo:

O sentido da vida do trabalhador e colono brasileiro é não fazer nada. Os homens ficam sentados diante da choupana até serem obrigados a fazer alguma coisa para não morrer de fome; as mulheres igualmente desprezam o trabalho e ficam os dias todos debruçadas nas janelas (SEYFERTH, 2004, p. 109).

Também com relação à impossibilidade do casamento, devemos destacar a difícil ocorrência entre católicos e luteranos, mesmo dentro de grupos teuto-brasileiros. De acordo com Seyferth, (1976, p.196):

Para a igreja protestante, o grupo étnico e o grupo religioso praticamente se confundem e da sobrevivência de um depende a sobrevivência do outro; para os

¹⁰ Estudei uma comunidade de descendentes vestfalianos, localizados em uma localidade rural do município de Imigrante – RS, para a conclusão do curso de Bacharelado em História UFRGS, sob orientação da professora Regina Weber (2002).

católicos, a religião vem em primeiro lugar, o que não impediu a manutenção de valores do seu grupo étnico.

Desse modo, o comportamento religioso que não se conformava aos preceitos familiares e de grupo acabava sendo evitado; devido a isso, podemos perceber um número expressivo de casamentos dentro de um mesmo grupo, inclusive dentro da mesma família. Esse fato também era significativo para a manutenção das terras entre as famílias, evitando, dessa forma, a sua fragmentação.

A própria vida comunitária, com as inúmeras associações que foram criadas, bem como a escola alemã com seu importante papel, colaboraram no reforço e na legitimação de muitas características culturais alemãs, em especial, a música, as atividades esportivas e, principalmente, a manutenção da língua alemã. Mesmo após a Campanha de Nacionalização, em que ocorreu uma substancial diminuição do número de associações e de escolas, muitos elementos continuaram sendo preservados familiarmente ou em associações, muitas vezes, secretas.

Outro elemento já citado é a origem comum, pois teuto-brasileiro seria um indivíduo nascido no Brasil, mas que possuiria sangue alemão, não importando o número de gerações que o separam da Alemanha. A maioria das famílias descendentes de alemães começa a traçar suas árvores genealógicas a partir de seu pioneiro, aquele que sai da Alemanha e chega ao Brasil. É comum a fotografia do casal pioneiro em inúmeras dessas famílias. Isso nos faz acreditar que no momento em que o pioneiro emigra da Alemanha e assume uma nova Pátria como sendo sua, inicia-se uma nova fase familiar.

Podemos destacar, nos dias atuais, um novo momento dentro da afirmação da identidade étnica, agora essencialmente marcado pelo movimento que há pouco abordamos, a globalização. A partir dessa idéia e recorrendo à idéia de Barth (*apud* POUTIGNAT; STREITT-FENART 1989, p. 158), segundo a qual a pressão exercida no interior de um grupo para a manutenção da fronteira é máxima nas situações políticas em que a violência e a insegurança dominam as relações, pode-se perceber que esse grupo étnico possui atualmente algumas especificidades. Tais especificidades, a princípio, não bastariam para descaracterizá-lo como grupo étnico, pois o grupo se adapta conforme o contexto e as condições que lhe são impostas e não deixa de ser produto de um trabalho

de construção, constantemente negociado. A língua alemã, como elemento de identificação desse grupo, está diminuindo de importância, devido em parte, ao aumento dos casamentos interétnicos nas últimas décadas. A língua, de certo modo, está sendo substituída pela “origem alemã” no quadro da identidade étnica. Verifica-se entre os teuto-brasileiros um aumento expressivo e visível dos encontros de famílias, das “festas típicas”,¹¹ da criação de grupos de danças e de corais que “resgatam” elementos germânicos, além de um aumento do número de arquivos, monumentos e principalmente museus que tratam desta temática. A questão da identidade, neste momento, está relacionada aos locais onde se cristaliza e se refugia a memória, isto é, aos “lugares da memória”.

No entanto, antes de analisarmos mais detidamente as questões relativas a esses locais de memória e identidade, apresentaremos um breve painel do processo de colonização alemã ocorrido no sul do país, em especial, no Rio Grande do Sul, fundamental para o entendimento deste trabalho.

1.3 Imigração alemã no Rio Grande do Sul

Os primeiros imigrantes alemães chegam ao Brasil para participar dos três primeiros projetos de colonização autorizados pelo governo português na Bahia, dos quais a colônia Leopoldina costuma ser destacada com mais frequência (SEYFERTH, 2000b). A ausência de sucesso nessas iniciativas e a pouca expressividade numérica de imigrantes fizeram com que a fundação de São Leopoldo, em 1824, se tornasse o marco inicial da imigração alemã no Brasil.

Entre 1824 e 1830 há indicações de que aproximadamente sete mil alemães foram destinados às colônias no sul pelo governo português e aos batalhões de estrangeiros incorporados ao exército brasileiro, criados para lutar contra os portugueses e na Guerra da Cisplatina (SEYFERTH, 2000b). Os principais fatores que levaram a coroa portuguesa

¹¹ Incluem-se além dos tradicionais *kerbs*, as *Oktoberfest*, bem como outras festividades tais quais a *Chuchoppfest* (Gaspar), *Kegelfest* (Rio do Sul), *Schützenfest* (Jaraguá do Sul), Festival do Chopp (Feliz, Igrejinha), Festa do Chucrute (Estrela), etc.

a se voltar para o sul do Brasil são, certamente, o interesse econômico de aproveitamento do gado e o interesse político-militar de expansão para o Prata, área fundamental em termos econômicos e políticos (TRAMONTINI, 2003, p. 21). Um número significativo de trabalhos sobre o projeto de imigração segue uma lógica que estabelece objetivos de acordo com seus promotores. Segundo Marcos Tramontini (2003, p. 44), percebe-se um ou outro aspecto ou objetivo específico “que vão do branqueamento e do desenvolvimento da agricultura e do artesanato, à ocupação do Brasil Meridional”. Conforme o autor, Guilhermino César destaca o papel de José Bonifácio, que

[...] defenderia a imigração tendo em vista o povoamento do território vislumbrando a abolição da escravatura e o branqueamento, além da implantação da pequena propriedade rural, projeto que teria como um de seus seguidores o futuro Visconde de São Leopoldo (TRAMONTINI, 2003, p. 44).

O povoamento e a efetiva ocupação dessas terras era uma questão não apenas brasileira, mas compartilhada pela maioria das jovens nações do continente americano no início do século XIX, como meio de garantir valorização econômica e soberania. Procurava-se instalar um sistema de subsistência agrícola subsidiária ao de exportação, exercido por homens livres em pequenas propriedades (TRAMONTINI, 2003, p. 46).

Pelos dados apresentados por Tramontini (2003), com exceção dos comerciantes fixados no Rio de Janeiro, não houve inicialmente um tipo de imigração espontânea de alemães para o Brasil, pois o governo subsidiou os colonos e pagou agenciadores para trazê-los ao país. O quadro social e econômico vivido na Europa naquele momento possibilitou que muitas famílias atendessem ao “convite” do governo brasileiro, que oferecia passagem e alimentação gratuita durante a viagem, doação de 77 hectares de terras, seis anos de isenção de impostos e auxílio em ferramentas e animais (WOORTMAN, 2000, p. 207). Dentre os que compunham essas famílias podemos destacar aqueles que se encontravam inseguros em decorrência das crises ocorridas em suas terras, como a grande fome de 1817, bem como os que eram vítimas da desorganização social e econômica resultante de seguidas guerras e pesados impostos.

Os grupos de imigrantes que chegam ao Brasil são bastante heterogêneos, neles encontraremos desde agricultores, artesãos, até intelectuais, médicos e pastores. Segundo Woortman (2000),

o continente de imigrantes chegados ao Brasil incluía também uma elite, além de camponeses. Essa elite não se destinou ao cultivo da terra; não fez parte de comunidades rurais, mas contribuiu para acentuar a heterogeneidade da região de colonização alemã de maneira geral (p. 208).

Essa heterogeneidade se amplia, segundo Haike da Silva (2006, p. 40), em regiões de colonização mista, onde grupos não alemães, eram identificados pelos brasileiros como se o fossem e, com o decorrer do tempo, passam a se identificar como sendo também alemães.

A imigração não era um projeto individual, era um sistema que envolvia não apenas a família, mas toda uma rede de relações que a circundavam. O governo brasileiro não aceitava nos projetos de imigração, com exceção feita aos soldados mercenários, pessoas solteiras. Era muito comum o casamento nos próprios navios que se dirigiam ao Brasil, bem como o recasamento, pois era freqüente a mortandade nessas viagens e era importante chegar ao Brasil tendo uma família formada (TRAMONTINI, 2003). Isso se devia ao fato de que o governo destinava terras somente para os pais de família.

A imigração foi interrompida em 1830, com a promulgação de uma lei proibindo gastos com a imigração, sendo retomada quase duas décadas depois com a fundação de novas colônias no Rio de Janeiro. A ação dos agenciadores de imigrantes e a elaboração da Lei de Terras, em 1850, que permitia o acesso a propriedade de terras públicas para estrangeiros, originou um novo espaço para a formação de empresas particulares de colonização, aumentando, dessa forma, o fluxo de imigrantes a partir desse período (SEYFERTH, 2000b). De acordo com Seyferth,

Quase duas centenas de colônias alemãs, surgiram nos três estados do sul na segunda metade do século XIX, concentradas em algumas regiões como os vales dos rios Sinos, Jacuí, Taquari e Caí, e no Alto Uruguai; o vale do Itajaí e a região noroeste de Santa Catarina; a região de Ponta Grossa e municípios próximos, no Paraná [...] Além disso, colônias com preponderância de alemães surgiram no Espírito Santo e, incipientemente, em alguns pontos de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (2000b).

O deslocamento dos primeiros alemães para os seus lotes de terra não foi tarefa fácil, pois muitos destes lotes ou ainda não se encontravam demarcados, ou apresentavam medições incorretas. Essas dificuldades, os conflitos, as necessidades de

superação de problemas, estariam na base da construção de uma identidade homogênea para o grupo. Willems (1940, p. 85), desenvolve a idéia de que a organização sociocultural dos imigrantes, com destaque para a ausência de comunicação e o reforçamento dos efeitos de isolamento, constituiu em condições favoráveis à formação de uma sociedade nova. Janaína Amado (1978, p. 28) destaca que o imigrante havia passado por um duplo processo de adaptação, interno (em busca de identificação) e externo (frente a uma sociedade e natureza desconhecidas). Jean Roche (1969) também reforça a tese do isolamento e da solidariedade entre o grupo, já que, “a Guerra Farrroupilha permitiu que os colonos aprendessem a conhecer os rio-grandenses, de forma alguma, em compensação, reduziu a distância que os separava” (1969, p. 18).

No entanto, acredita-se que o isolamento geográfico e social constantemente evidenciado como fator determinante para a manutenção de grupos étnicos deva ser revisto, como vimos acima. Isso porque se acredita que o relacionamento e o contato com outros grupos foram mais importantes para a formação desse grupo étnico do que o isolamento:

A emergência da identidade étnica nada tem a ver com uma situação de isolamento/enquistamento; ao contrário, ela é decorrência do contato e do próprio processo histórico de colonização, que produziram tanto uma cultura camponesa compartilhada com outros grupos imigrantes, como uma cultura especificamente teuto-brasileira. A etnicidade teuto-brasileira tem sido reafirmada de diferentes formas ao longo deste século, sempre destacando um modo peculiar, diferente, de ser brasileiro (SEYFERTH, 1994, p. 14).

Por sua vez, se a organização desses imigrantes baseou-se na etnicidade, isso não anula o seu desejo de naturalização. Na articulação desses dois elementos, a etnicidade e a cidadania, é que surgiria, na segunda metade do século XIX, o teuto-brasileiro (TRAMONTINI, 2003, p. 308).

O contexto histórico, no âmbito da colonização, é o da consolidação da emancipação política de algumas colônias importantes, com as lideranças locais e regionais reivindicando a participação efetiva dos colonos no exercício da cidadania. Ao mesmo tempo que se reivindica a participação dos colonos no processo político, qualificando-os como cidadãos leais à nova pátria, afirmam-se também as diferenças em relação aos brasileiros, através do postulado de germanidade – a qualidade étnica não compartilhada com os demais brasileiros (SEYFERTH, 1994, p. 15).

A característica étnica desse grupo não tem como base o germanismo, elemento que será abordado posteriormente, mas a necessidade de organização dos imigrantes no

sistema de colonização que aproveitasse também os espaços disponíveis na sociedade brasileira.

Freqüentemente destaca-se a importância da Igreja como elemento valorativo nesse grupo. Mas como podemos perceber, ela inexistia nos primeiros anos de colonização. Segundo Airton Jungblut (1994, p. 141), os primeiros colonos encontravam-se desprovidos de apoio religioso, o que os obrigava a conceder a manutenção de sua religiosidade aos leigos. Essa precariedade conduzia-os a subsidiarem, muitas vezes, a vinda de pastores da Alemanha, no caso dos protestantes. Destaca-se que, nesse período inicial de ocupação, a religião foi um expressivo elemento de organização dos imigrantes, desde o conforto de espírito até à formação de coros e festas.

Intimamente relacionada à organização religiosa estava a das escolas, onde, na maioria das vezes, um dos colonos assumia as funções de professor e também de religioso. Segundo Lúcio Kreutz (1994, p. 150), os imigrantes alemães dedicavam especial atenção à questão escolar e nela insistiam fortemente. No entanto, na primeira fase de ocupação, segundo o mesmo autor, que se estende de 1825 até 1850, surgiram apenas escolas de emergência, com períodos escolares flexíveis e não diários (1994, p. 154).

Mesmo quando uma criança freqüentava a escola por um ou dois anos, o ensino não era ministrado com regularidade. Muitas vezes necessitava-se das crianças para o trabalho agrícola incipiente. Na época da colheita, as crianças, certamente, não terão freqüentado a escola e nos dias de chuva não terá havido aula, pois tendo-se em vista a longa caminhada que as crianças tinham que fazer para chegar à escola e os péssimos caminhos, era impossível que elas chegassem à escola em dias de chuva. Além disso, era bastante precária a formação dos professores. Por isso, muitas vezes, as crianças mal aprendiam a ler e escrever (DREHER, 1984, p. 65).

No período compreendido entre os anos de 1850 e 1875, a rede escolar se amplia, destacando-se a importância dos *Brummer*, alemães-novos, que passam a exercer papel fundamental no desenvolvimento da escola e demais áreas culturais, em especial como incentivadores do associativismo e da participação política (KREUTZ, 1994, p. 155). “Em 1865, a maior parte dos professores das escolas de imigração alemã era *Brummer*” (KREUTZ, 1994, p. 155): Entre os anos de 1875 e 1890 triplica-se o número de escolas e de 1900 até 1938 acontece o maior desenvolvimento da escola teuto-brasileira, solidificando-se as estruturas de apoio, como, por exemplo, as associações de

professores teuto-brasileiros. As medidas tomadas pelo governo a partir de 1920, de abrir escolas públicas juntamente às comunitárias para que fossem incorporando gradativamente a clientela destas, e de passar a condicionar os auxílios às escolas particulares ao ensino de duas horas de português (KREUTZ, 1994, p. 159), acabaram por trazer problemas para as escolas. Com a Campanha de Nacionalização a partir da segunda metade da década de 30, as escolas teuto-brasileiras sofrem um impacto ainda maior. Surgem decretos estaduais e federais disciplinando a licença de professores, o material didático e tornando o idioma nacional obrigatório para a instrução (KREUTZ, 1994, p. 160).

Tanto as associações educacionais como religiosas eram muito semelhantes em seu funcionamento. As pessoas reuniam-se, construíam a escola e a igreja, mediante trabalho e material doado por todos. Após escolhia-se um professor, cujo salário geralmente era pago pelos moradores, que também se responsabilizava pela organização religiosa (AMADO, 1979, p. 45).

Também é de fundamental importância, nos estudos sobre a imigração e colonização alemãs, destacar a força do *turnen*, isto é, da ginástica. Silva (2006, p. 54) destaca que as origens do *turnen* estão ligadas ao nacionalismo alemão, pois esta atividade física fora gestada a partir de uma idéia de educação nacional. Jahn, o idealizador do *Turnen*, estipulava exercícios ao ar livre, sendo que não havia nenhuma espécie de obrigação. Existia, sim, um efervescente nacionalismo em suas idéias. O espaço privilegiado para essas atividades não era a escola, mas as associações ou sociedades de ginástica. De acordo com números apresentados por Silva (2006, p. 5), em 1869 havia 1546 associações teuto-brasileiras espalhadas pelas regiões de colonização alemã.

Também é bastante comum, nos estudos sobre a colonização alemã, fazer referência à organização dos teuto-brasileiros em associações recreativas, profissionais e assistencialistas.¹² Roche (1969, p. 644) destaca que as sociedades somente aparecem quando os comerciantes adquirem prosperidade e os *Brummers* despertam o *Deutschtum*, o germanismo. Isso indica que o surgimento de associações desse tipo

¹² Vale destacar que, nas áreas rurais, as modalidades de canto e de tiro eram mais difundidas (SILVA, 2006, p.134).

estava condicionado a conquistas de condições econômicas favoráveis, às influências de idéias étnico-nacionalistas que chegavam com as novas levas de imigrantes, bem como ao fato de essas associações serem formadas principalmente no meio urbano, onde o contato inter-étnico era mais evidente do que em áreas rurais: “O associativismo teuto como forma de bem ocupar o tempo livre e de demarcar fronteiras entre o ‘Nós’ e os ‘Outros’” (SILVA, 2006, p. 126).

A partir de 1850 e nas primeiras décadas do século XX, veremos a proliferação de sociedades entre os teutos espalhados pela zona colonial.¹³ Esta substancial vida associativa passa a ser assumida como característica própria da etnia: “Fala-se então no conhecido ‘espírito associativo’ dos alemães, força motora da criação da sociabilidade étnica dos teutos” (SILVA, 2006, p. 128). No entanto, a autora destaca três pontos importantes: a fundação de associações não foi uma exclusividade alemã; mesmo não sendo privilégio deste grupo, os alemães destacaram com mais frequência o pertencimento étnico da sociedade do que outras etnias e a difusão das sociedades na década de 30 poderia ser uma resposta ao projeto nacional de construção de uma identidade brasileira (SILVA, 2006, p. 138). O associativismo então pode ser entendido como o resultado da necessidade própria a diferentes grupos de se agregarem para fins diversos, e dessa forma definir fronteiras e limites, bem como um efeito da reprodução e atualização de representações a respeito do que faz ou não parte da cultura na construção da identidade teuto-brasileira (SILVA, 2006, p. 130).

Evidenciando algumas vezes as diferenças lingüísticas, outras vezes a aparência física em comparação com a população local, ou mesmo as diferenças religiosas, as relações familiares e de trabalho fizeram com que a população imigrante constituísse um grupo distinto: “Muitas das características de distinção foram sendo substituídas com o passar do tempo, outras sendo agregadas, algumas mais fortemente ressaltadas na medida em que o grupo demarcava seus limites à integração” (SILVA, 2006, p. 111).

Desde o final do século XIX, as populações imigrantes do sul vinham sendo alvos de propagandas provenientes da Alemanha. Surgem, dessa forma, várias instituições

¹³ A primeira associação a ser criada no Rio Grande do Sul foi a *Gesellschaft Germania*, em Porto Alegre: “Tinha como finalidade a conservação da língua, da arte e dos costumes alemães” (ROCHE, 1969, p. 644).

voltadas para os imigrantes, em especial a Liga para a Germanidade no Exterior e a Liga Pangermânica. Segundo Silva (2006), a Liga Pangermânica,

criada em 1891, constituiu-se de uma entidade política nacionalista radical, racista e expansionista, que buscou criar grupos locais (*Ortsgruppe*) responsáveis por mobilizar a população brasileira a favor do *Deutschum*. [...] Aos ideólogos germanistas que construíram a categoria '*Deutschbrasilianer*' – integrando o pertencimento étnico alemão à cidadania brasileira – a fidelidade exigida pela Liga vai muito além do que propunham – uma vinculação cultural, racial, étnica ou afetiva (SILVA, 2006, p. 176).

Podemos entender o germanismo como um movimento intelectual que surge no século XIX entre pessoas pertencentes ao grupo étnico alemão, tendo como anseio principal a defesa de uma identidade étnico-nacional, liderado essencialmente pela elite, que passa a criar uma identidade própria para esse grupo com base na diferenciação étnica. Elaboraram-se então os conceitos de *Volkstum* (etnia, caráter nacional) e *Deutschtum* (caráter nacional alemão) como incentivadores de uma unidade baseada na língua.

Uma percepção culturalista, em que traços como a língua e costumes diferenciam o grupo, é somada à percepção primordialista da etnicidade, em que a descendência, os laços familiares, os vínculos de sangue distinguem quem faz parte da etnia e, conseqüentemente, da nação alemã (SILVA, 2006, p. 231).

A luta pela germanidade configurava-se como resistência à assimilação, elemento fundamental para a incorporação à nação brasileira. Buscava-se então a elaboração de uma identidade teuto-brasileira. A porção teuta destacaria a ascendência, a origem étnica, a língua, o modo de ser alemão. Já a porção brasileira caracterizaria a garantia e a lealdade política (SILVA, 2006, p. 234). Ganz destaca a liderança de Karl von Koseritz, que buscou dar respaldo à necessidade de integração política dos teutos, em especial da população rural, procurando modificar a legislação brasileira para que participassem no processo político: "Sua liderança foi ainda mais além. Como intelectual e jornalista, propunha a formação de uma nova identidade para os alemães imigrantes, uma identidade 'genuinamente teuto-brasileira', insistindo na dualidade cidadania brasileira e nacionalidade alemã" (GANZ, 2004, p. 137). Silva também evidencia o papel de Wilhelm Rotermund entre os luteranos, pois propunha o "atrelamento entre igreja e germanidade como algo intrínseco aos dois elementos" (2006, p. 113). Segundo Silva, para Rotermund, "se os membros da comunidade luterana abdicassem da sua germanidade estariam perdidos para a Igreja" (SILVA, 2006, p. 114).

Assim, a luta dos germanistas se dá no sentido de fortalecer a identidade 'original', valorizar as características 'intrínsecas' aos 'de origem' alemã, evitar que o imigrante ou o 'brasileiro de sangue alemão', abandone ou renegue sua essência. Isso não deve implicar em desobediência ao Estado ou às instituições políticas: graças às virtudes próprias à essência, ao caráter do povo (*Volkstum*), ele cultiva a fidelidade à pátria. Da mesma forma, só será um bom cidadão brasileiro de sangue alemão aquele que dá o devido valor ao seu *Volkstum* (SILVA, 2006, p. 240).

A manutenção da língua materna, juntamente com a laboriosidade, são tidos como elementos fundamentais da identidade teuto-brasileira. A língua aparece de forma mais evidente nos discursos germanistas, sendo considerada o meio de manter vivo o espírito alemão: "A língua alemã tornou-se a principal forma de diferenciação da 'comunidade nacional alemã' fora da Alemanha" (GANZ, 2004, p. 178). É importante frisar que, mesmo depois da Campanha de Nacionalização e da significativa diminuição da prática desse idioma pelas novas gerações, não houve uma perda de identidade, mas novos limites passaram a ser constituídos, como vimos acima.

Costuma-se valorizar a laboriosidade dos imigrantes como uma de suas características étnicas fundamentais. No entanto, essa visão de engrandecimento pelo trabalho não era totalmente aceita pela população nas primeiras décadas de imigração. Segundo Magda Ganz (2004, p. 190), a criação de um discurso valorativo dos alemães enfocando a sua capacidade de trabalho passa a ser enfatizada essencialmente pelos intelectuais alemães vindos ao Brasil a partir de 1850: "A imagem do imigrante na província constituiu-se, portanto, inicialmente, de forma depreciativa. Somente na década de 1850, quando o governo provincial assume o encargo do processo imigratório [...] tal situação começa a mudar" (GANZ, 2004, p. 191).

É importante destacarmos que, a princípio, nada impedia a posse de escravos pelos colonos, mas isso se tornaria uma incoerência, pois a chegada dos imigrantes se inseria em um processo de transição do trabalho escravo para o livre. Segundo Tramontini,

ao mesmo tempo que se passou a discutir mecanismos que limitassem acesso à terra pelo imigrante, que culminaria com a Lei de Terras, implementaram-se mecanismos que restringiriam e proibiriam a propriedade de escravos pelos mesmos colonos, não só como meio de drenar os valorizados cativos para os setores preferenciais da economia (2003, p. 370-371).

É de meados do século XIX a legislação que passa a proibir o uso de escravos nas terras destinadas à colonização e a introdução de escravos nas colônias. No entanto, a escravidão continuou sendo praticada em cidades formadas por núcleos populacionais alemães (GANZ, 2004, p. 99-100).

Para finalizar, é importante destacarmos que a partir da segunda metade do século XX começam a ser publicados pequenos livros relativos aos antepassados alemães, bem como às grandes festas e reuniões familiares. De acordo com Woortmann,

[...] essas festas marcam o contraste com a condição camponesa anterior, enfatizando a ascensão social dos descendentes que se distinguem daqueles, inclusive parentes, que 'ainda andam de tamancos'.[...] Cultua-se o patriarca, aquele que, pela capacidade de luta no passado, tornou-se exemplo das qualidades germânicas (2000, p. 232).

Para os descendentes localizados nas áreas rurais, a “comunidade vivida” no passado não deveria ser trazida para o Brasil. No entanto, para a elite urbana o que deveria ser lembrado era dado pela Alemanha do presente e pela história que a formou. Conforme Woortman (2000, p. 233), é “[...] em função dessa Alemanha do presente que buscam raízes passadas para legitimar ideologicamente a posição social alcançada”, raízes essas que podem ser encontradas nos “lugares de memória” por eles construídos, como, por exemplo, nos museus.

1.4 Museu – Espaço de Memória

Museu é filho de Orfeu. Orfeu cujo mito é o mais complexo e extenso que há na Grécia: Orfeu fundamentalmente foi poeta, aliás o protótipo do poeta. Com sua lira encantada, amansava os animais, desceu ao inferno (em grego: a parte inferior) para resgatar Eurídice, sua amada, e comoveu Prosérpina, olhou para trás e assim transformou Eurídice numa estátua de sal. No fim da vida Orfeu foi esfacelado pelas Eríneas e seu corpo espalhado através de um sopro, pelo mundo, nas coisas. Entramos aqui em outra modalidade da identidade e ação do Museu: Museu recompilou as obras do pai. Isto é, museu repropõe a ação civilizadora de Orfeu (a lira que amansa os animais) que depois com sua civilidade e olhar curioso e destacante, retira seu amor (Eurídice), da região dos mortos, da inferioridade, transformando-a a seguir numa congelante (estátua), em objeto símbolo da inteligência (sal). Finalmente, Museu recompila, reordena, recupera, o espalhamento da poesia nas coisas, isto é, a matriz da ação (*poiéo*-fazer) em cada coisa ou ainda o que determina o modo de ação de cada coisa no mundo! É isto, entre outras coisas, que o Museu nos diz que é. O que será que isto nos propõe a pensar? (GUIMARÃES; BARBANTI, 1991, p. 8).

A instituição Museu passou, durante a sua evolução, por diferentes concepções quanto a sua função e espaço de atuação: casa das musas, gabinete de curiosidades, espaço de deleite de uma elite, local de coisas velhas, “lugar de memória”. De templo do patrimônio burguês para fórum, espaço de discussão e debate sobre a sociedade. Segundo Gonçalves (1995, p. 64),

O museu é pensado não mais como ‘templo, espaço de representação de uma cultura transcendente, trans-histórica, espaço de representação da ‘civilização’; mas o museu como fórum [...], espaço de representação das diferenças e conflitos entre os vários segmentos sociais e suas respectivas culturas. Enquanto fórum, o museu retrata uma concepção de cultura cuja ênfase está menos na coerência e na estabilidade e mais no caráter fragmentário e instável dos diversos sistemas culturais. Na medida em que são fragmentários e instáveis, os sistemas culturais constituem sistemas abertos e em permanente processo de reconstrução. Isso significa dizer que as chamadas práticas museológicas não apenas refletem sistemas culturais já existentes e que vêm a ser legitimados no espaço do museu, mas que na verdade, essas práticas, como qualquer prática cultural têm uma dimensão de criatividade, de tal modo que podemos afirmar, até certo ponto elas inventam as culturas representadas no museu (GONÇALVES, 1995, p. 64).

Os museus nacionais têm a sua origem na França oitocentista, no contexto de formação do Estado Moderno. Com a Revolução Francesa e a conseqüente apropriação pelo Estado dos bens da igreja, da nobreza e da burguesia, são fundados quatro museus: Museu da República (Museu do Louvre), Museu de História Natural, Museu de Monumentos Franceses e Museu de Artes e Ofícios (DIAS, 2006, p. 70). O Louvre foi o depositário privilegiado de uma estratégia que buscava retirar a arte francesa de propriedade exclusiva da realeza e da aristocracia, e expô-la ao interesse público (SCHWARCZ, 1989, p. 22). Nesse contexto, os museus passaram a ter um papel importante na consolidação e no fortalecimento dos Estados, por representar um valor significativo na construção da identidade nacional, que necessitava ser fortalecida perante o Antigo Regime. O patrimônio “em termos políticos, assumiu um novo papel simbólico, o de representar a comunidade identificada com a nação” (DIAS, 2006, p. 70). As grandes coleções passaram a ser exibidas ao público. Sendo que

[...] sua principal finalidade era de preservar e celebrar esse patrimônio para conservar o passado nacional e manter uma mitologia das relíquias culturais tradicionais a serem veneradas a fim de valorizar a nação e o *status* do homem através de sua identidade cultural (NOVAES *apud* SANTOS, 1998, p. 180).

Durante os séculos XIX e XX, esse modelo de museu nacional espalhou-se por toda a Europa, chegando inclusive ao Brasil. Durante o governo de D. João VI, são estabelecidos, no Rio de Janeiro, o museu da Escola Nacional de Belas-Artes iniciado com a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios (1815), e o Museu Nacional¹⁴ (1818) (SANTOS, 1998, p. 180). No século XIX, entre os maiores expoentes encontraremos o museu Goeldi¹⁵ (1866), no Pará e, em 1894, o Museu Paulista,¹⁶ em São Paulo. Durante o século XX, surgem como principais nomes o Museu Histórico Nacional (1922), no Rio de Janeiro; o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro (1934); o Museu do Diamante (1954), em Minas Gerais; o Museu Nacional da Imigração e Colonização (1957), em Santa Catarina e o Museu da Abolição (1957), em Pernambuco.

Atualmente, conforme o Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Demu/Iphan), e de acordo com o seu levantamento estatístico, existem 2.106¹⁷ instituições museológicas no Brasil (IPHAN, 2006a). No Rio Grande do Sul, propriamente dito, foram mapeados 352 espaços, dos quais 162 se encontram cadastrados, o que representa uma porcentagem de 45,86% do total de museus. Vale destacar que o número de museus mapeados no Estado é exatamente igual ao número existente em São Paulo (IPHAN, 2006b). Segundo Luciana Vicente (2007), é o Rio Grande do Sul que tem o maior número de museus distribuídos por suas cidades. Em termos financeiros, segundo o relatório “Política nacional de museus” destaca-se que, entre 2003-2006, o investimento no setor de museus no país pelo Ministério da Cultura foi de 300 milhões de reais (VICENTE, 2007). Nesse sentido, podemos perceber a ampliação do interesse pelos museus e, conseqüentemente, seu aumento numérico, uma verdadeira museomania (SEGALL, 2001, p. 129), visível na propagação expressiva de museus em várias partes do mundo, em especial a partir da década de 70. Tal perspectiva é exemplificada pela abertura de um museu a cada três

¹⁴ O museu contava com material oferecido por D. João VI, constituído de peças de arte, objetos de mineralogia, animais empalhados, produtos naturais. Embora criado em 1818, o seu período de apogeu, no que se refere à maior produção, se dá a partir dos anos 70, quando não só faz circular uma revista como monta cursos e realiza pesquisas. A revista *Archivos* (1876) foi vista como símbolo de cientificidade, contribuindo para a divulgação do museu no Brasil e no mundo (SCHWARCZ, 1989, p. 29-39).

¹⁵ “O principal objetivo do recém-fundado museu seria o estudo da natureza amazônica, de sua flora e fauna, da constituição geológica, rochas e minerais, da geografia da imensa região, bem como assuntos correlatos com a história do Pará e da Amazônia” (SCHWARCZ, 1989, p. 48).

¹⁶ “Segundo a história oficial, a criação de um museu em São Paulo esteve a princípio ligada à idéia de se erguer um monumento ‘escultural e grandioso em homenagem a Independência Nacional’; ‘Montava-se a partir de 1895, em São Paulo, um projeto de ‘museu enciclopédico’ que buscava reunir exemplares de todo o conhecimento humano” (SCHWARCZ, 1989, p. 39, 41).

¹⁷ 2045 instituições abertas ao público, 20 instituições em implantação e 41 instituições fechadas (IPHAN, 1996b).

semanas na Inglaterra, e de mais de quinhentos no Japão nos últimos quinze anos (PINHEIRO, 2004, p. 109). Desde o surgimento dos primeiros museus, esses se multiplicaram e se diversificaram: “Em 1997, 17,8% dos franceses freqüentavam museus, enquanto que, em 1998, 32,6% declararam fazê-lo como lazer” (LEENHARDT, 1999, p. 1). De acordo com Huysen (*apud* PINHEIRO, 2004, p. 98),

[...] o mundo está sendo musealizado e é como se todos nós tivéssemos como objetivo a recordação total, o que o leva a questionar se há algo a mais no desejo de trazer tantos passados para o presente, algo que esteja de acordo com a temporalidade atual e que não tenha sido experimentado da mesma forma em outros tempos.

O museu não pode mais ser visto como uma instituição estável, seu espaço se ampliou e se diversificou, o público se modificou tanto nos aspectos sociais quanto nos culturais: “O museu deixa de ser uma instituição, um local onde estão preservadas algumas coleções, para tornar-se uma atitude, a representação de um comportamento em meio à fragmentação do mundo contemporâneo” (PINHEIRO, 2004, p. 173).

Existem diversas conceitualizações a respeito do Museu. De acordo com o ICOM (Conselho Internacional dos Museus), ele é,

O ICOM reconhece a qualidade de museu a toda instituição permanente que conserva e expõe coleções de objetos de caráter cultural ou científico com fins de estudo, educação e deleite (ESTATUTOS DO ICOM, II, 3, Paris, 1969, *apud* GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 98).

Segundo a Conferência da Unesco realizada em Santiago do Chile, em 1972, o museu pode ser compreendido como

[...] uma instituição a serviço da sociedade, que adquire, comunica e expõe, especialmente para fins de estudo, conservação, educação e cultura, testemunhos representativos da evolução da Natureza e do Homem (ILAM, 1972).

A partir da década de 80, depois de inúmeros congressos sobre patrimônio cultural e sobre a prática e funções do museu, bem como da elaboração de diversos documentos, especialmente aqueles produzidos no *Seminário Regional da UNESCO sobre a Função*

Educativa dos Museus,¹⁸ ocorrido no Rio de Janeiro em 1958, na *Mesa Redonda de Santiago do Chile*¹⁹ em 1972, no *I Atelier Internacional da Nova Museologia*,²⁰ na cidade de Quebec, no Canadá, realizado em 1984, na *Reunião de Oaxtepec*,²¹ ocorrida no México em 1984, e na *Reunião de Caracas*,²² na Venezuela, em 1992, surge uma Nova Museologia, um tipo de museologia diferente da tradicional na qual o museu era visto como um

[...] modelo constituído no mundo ocidental ao longo do século XVIII, e transformado em seguida por toda a parte em norma para o desenvolvimento da instituição museológica – é profundamente marcado pelo projeto de construção de uma cultura nacional baseado no mito da homogeneidade cultural – segundo a qual uma cultura dominante é selecionada e elevada ao estatuto de cultura oficial em detrimento da variedade de culturas existentes ou que existiram no passado, no território nacional (SOARES, 2006, p. 2).

Essa nova perspectiva da museologia busca ver o museu como um local que possibilite crescimento social e cultural, de modo que as comunidades nas quais eles se encontram inseridos passem a participar na formação desses espaços. Introduz-se a noção de museu integral, isto é, leva-se em consideração a totalidade dos problemas da sociedade e o museu como instrumento que possibilite alterações sociais:

¹⁸ O documento estabelece um objetivo de estudo para a museologia: o objeto museológico, entendido como o objeto artístico, histórico e tridimensional. Além de enfatizar a função educativa dos museus, também dedica grande atenção para a exposição museográfica, destacando o seu caráter didático (PRIMO, 1999b, p. 2).

¹⁹ O documento define um novo conceito de ação dos museus: o Museu Integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural. Ele passa a ser entendido enquanto instrumento de mudança social e sua função passa a ser assimilada para além da recolha e conservação de objetos, pois passa a ser visto como agente de desenvolvimento comunitário, exercendo um papel decisivo na educação da comunidade (PRIMO, 1999b, p. 3; 1999a, p. 95-104), (ILAM, 1972).

²⁰ Neste encontro se reconheceu um novo movimento museológico, isto é, o movimento da Nova Museologia. O essencial para a Nova Museologia era aprofundar as questões da interdisciplinaridade. A investigação e a interpretação assumiam importância no contexto museológico, sendo que o objetivo da museologia deveria ser, a partir deste momento, o desenvolvimento comunitário e não só a preservação de artefatos materiais de civilizações passadas (PRIMO, 1999b), (ILAM, 1984b).

²¹ Neste documento é considerada indissolúvel a relação: território-patrimônio-comunidade. Além de propor que a museologia, seja ela a Nova ou Tradicional, leve o homem a confrontar-se com a realidade por meio de elementos tridimensionais, representativos e simbólicos. Para tanto é necessário o diálogo e participação comunitária (PRIMO, 1999b), (ILAM, 1984a).

²² Analisa a atual situação dos museus da América Latina, estabelecendo um perfil das mudanças sócio/políticas, econômicas e tecnológicas nos últimos 20 anos da América Latina e a transformação conceitual e operacional nas instituições museológicas. Propõe que o museu assuma a sua responsabilidade como gestor social, através de propostas museológicas que reflitam os interesses da comunidade e utilizem uma linguagem comprometida com a realidade, sendo esta a única forma de transformá-la (PRIMO, 1999b).

As comunidades protegem e afirmam a sua identidade cultural quando identificam, valorizam e administram o seu patrimônio cultural e material. Por esta razão, os museus podem demandar um maior compromisso com a comunidade e conhecer as suas necessidades mediante a comunicação regular com ela, informando aos cidadãos e outras organizações sobre seus programas, exposições e atividades auxiliares. Se deve desenvolver um processo de avaliação para que a comunidade possa julgar quão bem está respondendo o museu a suas expectativas (ILAM, 1998).²³

A Nova Museologia passa a perceber o museu como um instrumento capaz de provocar mudanças sociais, baseando as suas atividades nos problemas e necessidades da sociedade. No entanto, o museu sofre dois dilemas: precisa provar a sua importância para sociedades com variadas opções de lazer, e como instituição pública, acredita possuir responsabilidades para com a sociedade em que se encontra inserido (AIDAR, 2002, p. 52). Segundo Aidar,

As mudanças sociais que os museus podem provocar, e as esferas nas quais ele atua são consideradas em três níveis: um individual, um comunitário e um societário. O individual se refere às iniciativas desenvolvidas pelos museus que podem trazer resultados positivos relacionados a esferas pessoais, psicológicas e emocionais da vida de uma pessoa, como o desenvolvimento da auto-estima e da confiança pessoal ou de um senso de identidade e pertença [...]. O nível comunitário lida com as iniciativas que fortalecerão as comunidades, por meio da aprendizagem de competências e do desenvolvimento da habilidade e confiança para a mudança [...]. O nível societário refere-se ao papel que os museus podem assumir como criadores de narrativas sociais dominantes, mediante suas práticas de seleção e exposição, e dos discursos expositivos criados. Assim, os museus podem ajudar a desenvolver um sentimento de pertença e afirmação de identidade (2002, p. 57).

No mundo atual, nada escapa à lógica da musealização. Nesse sentido, os museus parecem funcionar como vias que permitem uma negociação e articulação entre o passado e o presente. Segundo Zita Possamai (2001, p. 89), a relação de representação que se estabelece com um objeto material ou imagem presente e algo ausente e, por outro lado, as representações mentais elaboradas no sentido de enunciar e definir uma determinada realidade são processos mentais, pois em ambos pode estar ausente uma relação de representação direta com um dado objeto ou imagem:

²³ “Las comunidades protegen y afirman su identidad cultural cuando identifican, valoran y administran su patrimonio cultural y material. Por esta razón, los museos pueden demandar un mayor compromiso de la comunidad y conocer sus necesidades mediante la comunicación regular con ella, al igual que informando a los ciudadanos y otras organizaciones acerca de sus programas, exhibiciones y actividades auxiliares. Se debe desarrollar un proceso de evaluación para que la comunidad pueda juzgar cuan bien está respondiendo el museo a sus expectativas” (ILAM, 1998).

Quando, por exemplo, um conceito tenta definir o museu e o passado, pode não estar ancorado em uma relação de representação com um dado objeto, mas apenas em construções mentais de pressupostos que têm por estratégia determinar a percepção das coisas que estão em jogo. [...] analisar essas representações ajuda a compreender como a sociedade relaciona-se com o museu (POSSAMAI, 2001, p. 89).

A museologia pode ser entendida como o estudo do fato museal, isto é,

[...] a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, ou o museu (GUARNIERI, 1990, p. 7).

O processo de musealização, entendido como “o conjunto de procedimentos que viabiliza a comunicação de objetos interpretados (resultado de pesquisa), para olhares interpretantes (público), no âmbito das instituições museológicas” (BRUNO, 1991, p. 17), se efetua em uma série de ações sobre os objetos, como, por exemplo, a sua obtenção por compra, doação, a sua documentação, pesquisa, conservação, exposição e comunicação. É importante destacar que nenhum objeto é aparentemente criado com a função de se tornar peça de museu, mas no momento em que é escolhido por alguém, ou por um grupo de pessoas, devido ao seu caráter único, ou mesmo como representante de uma coletividade, passa a se tornar algo musealizável. Isto é, sendo representativo de um recorte da realidade. Para Mário Chagas (1995, p. 58), a passagem do museável para o musealizado é que se denomina musealização:

[...] uma coisa ou objeto só se transforma em bem cultural quando alguém (indivíduo ou coletividade) o diz e o valoriza de um modo diferenciado. [...] A constituição do bem cultural passa através de um processo de atribuição voluntária de valores (CHAGAS, 1995, p. 44).

Segundo Marília Xavier Cury (1999, p. 9), “os objetos selecionados para uma exposição são, na verdade, escolhidos (valorados) duas vezes: a primeira para integrar o acervo da instituição (ou *in situ*) e a segunda para associar-se a outros objetos – também escolhidos – para serem expostos ao público”:

Os objetos se convertem assim em suporte de significados culturais, em portadores de idéias, em signos materiais de conteúdos conceituais; sendo inicialmente documentos para a investigação científica se transformam,

posteriormente, em signos de comunicação, em linguagem codificada em chave científica (BLANCO, 1999, p. 13).²⁴

É de grande importância ter em mente que, na maioria das vezes, as feições, as características que um determinado museu possui, o seu acervo, isto é, os objetos musealizados e a sua conseqüente exposição ao público são estabelecidos por uma determinada pessoa ou pequeno grupo, como, por exemplo, em museus de pequeno porte, o diretor ou funcionário responsável pelo espaço. Muitas vezes, para entendermos a própria temática e a adoção de determinadas visões em um museu, é necessário conhecer aqueles que selecionaram determinados aspectos em detrimento de outros. Esses elementos, evidenciados por essa pessoa ou grupo de pessoas, acabam por se tornar a imagem que o visitante poderá ter desse espaço. Nem sempre, e principalmente quando o processo de obtenção do acervo não possui uma política estabelecida de aquisição, essa imagem pretendida poderá ou não ser assimilada pelo público:

Os objetos que formam parte das coleções dos museus estão neles porque alguém em algum momento reconheceu que teriam um valor, uma relevância ou interesse que os distinguia de outros. Porém as razões desta relevância não têm sido fixas e imóveis, mas tem evoluído ao compasso das mudanças de interesses havidos na sociedade (BLANCO, 1999, p. 13).²⁵

O objeto do museu é visto a partir desse momento como documento capaz de fazer referência a uma época histórica definida, a diferentes classes, a grupos, a gêneros ou a idades, isto é, ele passa a ser representativo de uma determinada realidade que é construída pelo próprio Homem e que é com ele posta em confronto através dos objetos e das relações desses objetos dentro do museu. A memória e a identidade é trazida para o espaço/tempo do museu, que lhe confere importância e legitimidade.

O objeto museológico enquanto documento jamais pode ser visto como algo neutro. De acordo com Ulpiano Bezerra de Meneses (1994),

²⁴ “Los objetos se convierten así en soporte de significados culturales, en portadores de ideas, en signos materiales de contenidos conceptuales; siendo inicialmente documentos para la investigación científica se transforman, posteriormente, en signos de comunicación, en lenguaje codificado en clave científica” (BLANCO, 1999, p. 13).

²⁵ “Los objetos que forman parte de las colecciones de los museos están en ellos porque alguien en algún momento ha reconocido que tenían un valor, una relevancia o interés que los distinguía de otros. Pero las razones de esta relevancia no han sido fijas e inamovibles, sino que han evolucionado al compás de los cambios de intereses havidos en la sociedad” (BLANCO, 1999, p. 13).

[...] o artefato neutro, asséptico é ilusão, pelas múltiplas malhas de mediações internas e externas que o envolvem, no museu, desde os processos, sistemas e motivos de seleção (na coleta, nas diversificadas utilizações), passando pelas classificações, arranjos, combinações e disposições que tecem a exposição, até o caldo de cultura, as expectativas e valores dos visitantes e os referenciais dos meios de comunicação de massa, a *doxa* e os critérios epistemológicos na moda, sem esquecer aqueles das instituições que atuam na área (1994, p. 20).

O processo de musealização de um objeto está intimamente relacionado com a necessidade de preservação. Os valores atribuídos a determinados objetos não se encontram apenas nas suas características físicas ou nos períodos históricos a que possam fazer referência, mas principalmente no conjunto de suas representações identitárias.

Quando nos referimos ao espaço museológico sempre estamos fazendo referência ao patrimônio. Esse conceito, intimamente relacionado com a identidade, pode ser entendido como uma

Construção social, ou se quiser cultural, porque é uma idealização construída. Aquilo que é ou não é patrimônio, depende do que, para um determinado coletivo humano e num determinado lapso de tempo, se considera socialmente digno de ser legado a gerações futuras. Trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um grupo um sentimento coletivo de identidade. Neste sentido, toda a construção patrimonial é uma representação simbólica de uma dada versão da identidade, de uma identidade “manufaturada” pelo presente que a idealiza. Assim sendo, o patrimônio cultural compreenderá então todos aqueles elementos que fundam a identidade de um grupo e que o diferenciam dos demais (SILVA, 2007).

O alargamento do conceito de patrimônio processou-se principalmente a partir da década de 80 do século passado, quando este deixa de ser somente relacionado ao setor tradicional dos monumentos históricos, passando também a levar em conta outras manifestações culturais, artísticas e sociais do Brasil:

Desde fins dos anos de 1970, principalmente com a criação do Pró-Memória, a categoria patrimônio expandiu-se e passou a incluir não somente monumentos arquitetônicos e obras de arte erudita, mas também documentos, antigas tecnologias, artesanato, festas, materiais etnográficos, arquitetura, arte e religiões populares entre outras manifestações (MEC-SPHAN, 1980).

A ampliação do conceito de patrimônio implicou na extensão de sua tipologia. Hoje podemos encontrar referências ao patrimônio natural, cultural, imaterial, urbano

(VADELORGE, 2006), em inúmeros trabalhos ligados à política de preservação de bens culturais. O próprio uso do termo tem-se processado em um contexto que corresponde a uma tendência global de “histeria do patrimônio”, marcada pelo sentimento de ameaça da perda (GONÇALVES, 2002) de referenciais ligados à identidade e à memória.

A noção de patrimônio interessa neste estudo na medida em que a valorização e divulgação desse conceito estão relacionadas com a construção de identidades e de memórias. Isso porque o patrimônio evoca o sentido de vínculo com a identidade individual e coletiva: “Falar de patrimônio é também falar de identidade, ou de afirmação de identidades, e o desaparecimento do signo patrimonial pode colocar em risco ou reforçar esses vínculos identitários” (FERREIRA, 2004, p. 30).

Além de possuírem um valor histórico ou artístico, os objetos expostos no museu possuem outro papel de extrema importância, relacionado ao modo como eles se apresentam. Essa importância é percebida através da relação desses objetos com o público que visita o espaço museológico e que lhes confere aparentemente um significado. É justamente nesse processo de comunicação entre público-objeto-museu que se pode estabelecer uma relação de associação ou referência com determinado fato, momento ou período. A comunicação pode se dar de diversas formas, pelos catálogos, materiais didáticos, mas a principal é a exposição propriamente dita, pois é através dela que o público entra em contato com o objeto e a partir desse contato constrói diferentes concepções a respeito de questões pessoais, coletivas, que se referem a uma determinada realidade. Segundo Cury (1999, p. 18), “[...] a exposição é a ponta do iceberg que é o processo de musealização, é a parte que visualmente se manifesta para o público e a grande possibilidade de experiência poética através do patrimônio cultural”. Isso quer dizer que esses espaços não são somente fontes de informação, mas também lugares e meios de comunicação que servem para estabelecer relações da comunidade com seu patrimônio:

Participar de um processo de apreciação é existir por um momento através da sensibilidade e valores do outro. Os autores criam através de quem eles são pessoal e culturalmente, e o fruidor responde através de quem ele é, pessoal e culturalmente. É um encontro profundo (RIZZI, 1998, p. 220).

A comunicação acontece no espaço de encontro entre a mensagem enviada pela exposição, pelo objeto e a sua recepção pelo público. Todos os recursos museográficos, como legendas, textos, fotografias, sons, cenários, colaboram no sentido de valorizar a experiência do visitante, ampliando dessa forma a sua interação com o patrimônio. Assim, mesmo que o Homem se depare com a certeza de que é impossível salvar o que se perdeu, pode-se reforçar o entendimento de que os locais de preservação, construídos como “lugares de memória”, são também produtores de renascimentos, porque permitem negociar uma nova relação com o passado e com a morte (HUYSSSEN, 1997). Se a principal razão de ser de um “lugar de memória” é parar o tempo, tornar concreto o imaterial, imortalizar a morte, é porque ele precisou suprir-se das mudanças e dos significados a ele atribuídos pela história. De acordo com Pippi (2005),

A materialização da memória, é uma tendência do mundo contemporâneo de reencontrar, imaginativamente, as suas origens, permitindo distender os sentidos construídos pelo conceito e perceber os ‘lugares de memória’, através do alargamento de fronteiras que esses mesmos lugares e seus significados propiciam (2005, p. 25).

Segundo Henry-Pierre Jeudy (1999, p. 2) a museologia traria a solução ante o desabamento das crenças nos grandes valores da humanidade, seria a reserva de passagem do conhecimento, constituindo-se em um verdadeiro teatro das memórias, não se tratando aí de descobrir o que o tempo encobriu, mas sim de entender a urgência do perigo da perda de fragmentos ainda atuais, que comprovam um passado que não estaria verdadeiramente morto. É justamente o distanciamento dos objetos no tempo e no espaço que os transforma em objetos de desejo. Eles são considerados, ao mesmo tempo, como uma presença e uma ausência. Esses objetos são usados para significar uma realidade que nunca poderá ser trazida por eles, uma realidade que estará, como todo objeto de desejo, para sempre ausente. Segundo Gonçalves (2002, p. 26), “as práticas de apropriação, restauração e preservação desses objetos são estruturalmente articuladas por um ‘desejo permanente e insaciável’ pela autenticidade, uma autenticidade que é o efeito de sua própria perda”. É o distanciamento desses bens culturais no tempo e no espaço, por meio da retórica da perda, que os transforma em objetos de desejo autênticos, a mobilizar empreendimentos no sentido de buscá-los ou recuperá-los como parte de um patrimônio nacional. Sob este aspecto, o patrimônio cultural jamais poderá

ser reelaborado em toda a sua totalidade, mas sempre por meio de seus fragmentos, que buscam ser “resgatados” e preservados nestes espaços de memória e de identidade.

Os processos de musealização são responsáveis pela conscientização da existência do patrimônio, enquanto o conjunto de signos possibilita a identificação do indivíduo em relação a si mesmo e ao grupo que sente pertencer.

Esses processos partem de informações, como também tratam e geram informações, impulsionando o conhecimento (afetivo/cognitivo), o registro do que é apreendido (sensação/imagem/idéia) e a educação da memória (sistematização de idéias e imagens) objetivando a percepção, a convivência e o uso qualificado do patrimônio, com vistas a sua valorização e projeção como herança cultural (BRUNO, 2002, p. 93).

Encontramos o espaço museal como um local de reforço da coesão cultural e das identidades, portanto como um espelho no qual as pessoas se enxergam e refletem sua imagem para os outros. Isto é, os museus, enquanto lugares depositários de memória, fazem-se representar por imagens, às quais se relacionam uma série de significados e onde se produzem informações. Imaginário e imagens, no entanto são manifestações diferentes:

Os lugares de memória se definem como espaços físicos e construídos através de relações sociais em que o homem vive e produz informações e o imaginário corresponde à necessidade que o homem tem de produzir conhecimento, de atribuir ao lugar, significados que se acumulam e que acabam resultando em outros significados (NAGEL, 2000, p. 287).

O ICOM apresenta nos seus Estatutos do ano de 1995 o seguinte:

Além dos "museus" designados como tais, são admitidos como correspondendo a esta definição:

- (I) os sítios e os monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos e os sítios e monumentos históricos que possuam a natureza dum museu pelas suas atividades de aquisição, de conservação e de transmissão dos testemunhos materiais dos povos e do seu meio ambiente;
- (II) as instituições que conservam coleções e que apresentam espécimes vivos de vegetais e de animais tais como os jardins botânicos e zoológicos, aquários, viveiros;
- (III) os centros científicos e os planetários;
- (IV) os institutos de conservação e galerias de exposição que dependem das bibliotecas e dos centros de arquivo;
- (V) os parques naturais;
- (VI) as organizações nacionais, regionais ou locais de museu, as administrações públicas de tutela dos museus tal como foram acima definidas;

- (VII) as instituições ou organizações com fins não lucrativos que exercem atividades de investigação, educativas, de formação, de documentação e outras relacionadas com os museus ou a museologia;
- (VIII) qualquer outra instituição que o Conselho executivo, segundo opinião da Comissão consultiva, considere como detentoras de algumas ou da totalidade das características de um museu, ou que possibilite aos museus e aos profissionais de museu os meios de fazerem investigações nos domínios da museologia, da educação ou da formação (*apud* PRIMO, 1999b).

Como destaca Costa (2004), com as novas definições propostas nos grupos de trabalho nacionais e internacionais, o patrimônio cultural e os museus têm apresentado uma noção ampliada e mais abrangente. Dessa forma, há instituições que se assemelham aos museus sem estarem necessariamente inseridas em todas as características que os identificam: centros de interpretação, centros científicos, casas históricas, fazendas históricas em atividade, parques temáticos, conjuntos urbanos, ambientes de culto, parques históricos, parques para safáris, centros de patrimônio, jardins históricos, jardins botânicos. Dentre as tipologias propostas, a que merece um destaque especial é a que diz respeito aos museus ao ar livre, pois acreditamos que o Parque Histórico de Lajeado, espaço de análise nessa pesquisa, possa inserir-se nessa conceitualização.

Os museus ao ar livre geralmente ocupam grandes extensões de terreno onde se encontram construções nas quais os objetos da cultura material são dispostos da mesma forma em que eram utilizados na época que se pretende retratar. O primeiro desses museus surgiu na Suécia, em 1891, o parque *Skansen*. Seu objetivo era mostrar como as pessoas viviam e onde moravam ao longo dos séculos, em todas as regiões da Suécia. Nesse museu encontraremos cerca de 150 prédios históricos autênticos, trazidos de todas as regiões do país, a maior parte dos séculos 18 e 19 (SKANSEN, 2007):

[...] no parque Skansen, este museu de nova tipologia, onde pode-se visitar diversos tipos de construções rurais, uma igreja antiga, fazendas, moinhos, ateliers espalhados no meio de um parque botânico e zoológico (SOARES, 2006, p. 4).

Hoje é possível visitar inúmeros museus ao ar livre em todo o mundo. Encontraremos o *Mouséon Arlaten*, de 1896, sediado na França, o Museu Basco, de Baiona, na Espanha, criado em 1922. No Brasil surge, em 1978, o Museu Felícia Leirner,

em Campos do Jordão/SP, instalado em um terreno de 350 mil metros quadrados. Possui cerca de cem esculturas da artista polonesa que lhe empresta o nome, radicada no Brasil desde 1927. As esculturas estão localizadas em pontos estratégicos do parque e integradas com o entorno:

Devido ao respeito à natureza, o local fez da paisagem uma forte aliada, que o qualifica como museu ao ar livre. Esse quesito, no entanto, não é o único: devem ser observadas ainda questões acerca da participação e valorização do espaço em todos os segmentos da sociedade, a preservação ampla dos patrimônios natural e construído, bem como a sedimentação e a divulgação das tradições e rituais característicos do local, elementos estes frágeis e os primeiros a se perderem quando não transmitidos (VERGOLINO, s/d).

Outro exemplo dessa tipologia de museu é o *Chiltern Open Air Museum*, localizado na Inglaterra:

O museu ao ar livre de Chiltern preserva e interpreta o patrimônio construído pelos Chilterns que de outra forma seria perdido. O museu foi fundado em 1976, com o objetivo de resgatar construções ameaçadas e reerguê-las em nossos quarenta e cinco acres de parque natural, prado e mata, preservando dessa forma uma variedade de estruturas de interesse histórico ou vernacular que são típicos da região. Nossa coleção de mais de 30 prédios está intencionalmente agrupada [...]. Os prédios, em seus locais apropriados, os artefatos que eles contêm e as atividades relacionadas a eles, ilustram todas as influências que têm moldado a distinta paisagem dos Chilterns. Os prédios são interpretados de várias maneiras, alguns servem sua função original, alguns são equipados e mobiliados para representarem períodos mais antigos em sua história, alguns são exposições de casas sobre a vida nos Chilterns e outros foram adaptados para proporcionar facilidades aos visitantes (CHILTERN OPEN AIR MUSEUM).

Mais um exemplo, também na Inglaterra, é o museu *Beamish*:

Beamish é um famoso museu mundial ao ar livre. Nós contamos a história das pessoas do nordeste da Inglaterra em dois pontos importantes de sua história (1825 e 1913). Em 1825 a região era rural e pouco povoada. A revolução industrial, especialmente a vinda das ferrovias, acelerou a mudança. Em 1913 as indústrias fortes da região estavam no seu auge. Beamish não é um museu tradicional. A maioria das casas, lojas e outros prédios foram "desconstruídas" de algum outro lugar da região e reconstruídas aqui. Alguns, a *Drift Mine*, *Home Farm* e *Pockerly Manor* já estavam aqui. Todos são prédios ocupados com objetos, mobília e maquinaria, coisas autênticas de nossas vastas coleções. Saber e pesquisa detalhada estão por trás de tudo que fazemos (BEAMISH MUSEUM).

O museu ao ar livre de *Weald* e *Downland*, também na Grã-Bretanha, tem como principal tema casas e edificações históricas que, por perigo de serem demolidas, foram

resgatadas e reconstruídas em um cenário campestre. Seu acervo inclui casas, celeiros e cabanas desde épocas medievais até a era vitoriana (MURTA; ALBANO, 2005, p. 30).

As discussões relacionadas ao âmbito museológico são bastante amplas e atuais e, devido a isso, merecem especial atenção nesta pesquisa, o que, evidentemente, não encerra seu debate e análise.

Neste capítulo, buscou-se trazer à tona os principais conceitos norteadores dessa pesquisa e, principalmente, a relação que existe entre eles. Percebemos que a globalização é um fenômeno atual que possui uma ação direta sobre o surgimento ou manutenção de identidades e de memórias, em especial, étnicas. Isso se deve ao fato das pessoas sentirem cada vez mais, ante as mudanças que se efetuam, a necessidade de reforçarem e reelaborarem as suas identidades e mediante essa necessidade, construir “lugares de memória”. Esses “lugares de memória” são aqui representados pela instituição Museu, que, a partir de seus acervos e das relações desses com o público que frequenta seus espaços, passa a ser fundamental e determinante para a construção de identidades e de memórias.

2 TEUTÔNIA – UMA BREVE HISTÓRIA

O município de Teutônia se encontra localizado no Vale do Taquari, na região nordeste do Rio Grande do Sul. A cidade possui uma população estimada, segundo o IBGE-2007, de 25.105 habitantes, ocupando uma área de 179,17 km². Faz divisa com os municípios de Imigrante, Westfália, Estrela, Colinas, Fazenda Vilanova, Paverama, Poço das Antas, Barão, Boa Vista do Sul e Maratá. Ocupa a terceira posição como maior economia entre os 39 municípios pertencentes à Associação dos Municípios do Vale do Taquari. Seu PIB corresponde a R\$ 6.734.967,00 e seu PIB per capita, a R\$ 26.836,00 (IBGE/2007). Sua base econômica é formada principalmente pela atividade industrial e pela produção agropecuária. Encontram-se estabelecidas no município 1.454 empresas, dessas 173 são da área industrial, 603 estabelecimentos comerciais e 678 prestadoras de serviços. A taxa de desemprego no município gira em torno de 7% a 10%. Destaca-se, no caso de Teutônia, a proximidade com acessos rodoviários, o que acabou por facilitar o afluxo de empresas para a cidade, em especial a BR 386.



Figura 1) Localização do município de Teutônia ²⁶

²⁶ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:RioGrandedoSul_Municip_Teutonia.svg. Acesso em: 20 jan. 2007.

O setor industrial tem como expoente a indústria alimentícia e a calçadista. Este setor é responsável por 85,06% dos empregos (5.712), seguido pelo comércio com 12,75% (1.198), e os prestadores de serviços correspondem a 2,19% (215) (PMT, 2007). A atividade agropecuária se caracteriza pelo minifúndio, sendo que as propriedades rurais possuem em média oito hectares de terras e produzem os mais variados produtos, destacando-se o milho, a cana-de-açúcar, a produção de leite, a suinocultura e a avicultura (IBGE, 2006). Teutônia possui uma diversidade de cooperativas: a de produtores,²⁷ a de eletrificação ²⁸ e a de crédito rural.

Os aspectos que configuram a situação atual de Teutônia encontram-se relacionados com elementos referentes à sua ocupação e conseqüente colonização por imigrantes alemães, cujo estabelecimento foi fundamental para o surgimento de determinadas características visíveis nessa cidade, como poderemos perceber nas informações analisadas a seguir.

Quando nos referimos à ocupação e desenvolvimento desse município, em especial da colônia Teutônia, encontraremos três obras principais que se referem ao tema. Tratam-se fundamentalmente de obras escritas por não-acadêmicos, que buscam fazer uma trajetória do surgimento e desenvolvimento de suas cidades de origem. No entanto, os dados que oferecem são muito esparsos e são em boa parte inexistentes as referências às fontes consultadas. Mas, mesmo assim, devemos ressaltar a sua importância como fontes de pesquisa.

²⁷ Em 13 de novembro de 1955 foi criada a Cooperativa Agrícola Mista Languiru Ltda, cuja fundação se deve à necessidade de melhoramento na comercialização dos gêneros agrícolas produzidos nas comunidades. A cooperativa utilizava-se de um pequeno armazém para fornecer insumos agrícolas e gêneros alimentícios, bem como recebia a produção dos associados, que podia ser estocada ou vendida. Em 1957 ela aluga um espaço de um frigorífico de suínos e bovinos, em uma de suas picadas. No mesmo ano inicia-se a construção da primeira fábrica de rações. Seis anos depois, com o aumento da produção de leite, ela passa à industrialização de laticínios da marca Mimi. A partir deste momento, outras cooperativas se incorporam à Languiru, sendo ela, ainda hoje uma das empresas mais importantes do município. Dados disponíveis em: <http://languiru.com.br>. Acesso em: 20 jan. 2007.

²⁸ Em 1956 é fundada a Certel – Cooperativa Regional de Eletrificação Regional de Teutônia Ltda, sendo a mais antiga e a maior cooperativa no que se refere ao faturamento de energia elétrica. Ela fornece energia a aproximadamente 47 municípios, atendendo a mais de 42 000 associados. As suas fontes geradoras de energia elétrica são a Hidroelétrica Salto Forqueta, com um potencial de produção de 6.124 KW, e a Hidroelétrica Boa Vista, com um potencial de 700 KW. Dados disponíveis em <http://certel.com.br>. Acesso em: 20 jan. 2007.

Podemos citar três obras principais, “A Fundação e os Primeiros 30 anos de Teutônia” (1963) de Klaus Becker, “Colônia Teutônia – História e Crônica: 1898-1908” (1995) de Guido Lang e “Colonização de Teutônia e Corvo” (2004) de Ruben Gerhardt. As três obras buscam retratar o início da ocupação e formação da colônia, dando especial destaque aos seus fundadores e aos imigrantes alemães que se estabeleceram na colônia. São evidenciados elementos referentes à vida familiar, às moradias, ao ensino, à religião, ao lazer, a sua evolução política e conseqüentemente ao seu desenvolvimento econômico. Esses trabalhos possuem o seu mérito, pois nos oferecem as primeiras referências à colonização nessa área. Como foram escritos por pessoas que aparentemente não tinham a preocupação na indicação das fontes torna-se necessária a sua verificação.

As principais referências sobre os primórdios da Colônia Teutônia podem ser encontradas nos registros de entradas e saídas de imigrantes e o seu destino, disponíveis no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. As fontes concernentes à compra e venda de terras, isto é, Livros de Notas e demais documentos relativos às questões de posse, podem ser encontradas no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Também se encontram disponíveis, nas comunidades locais, inúmeras fontes eclesiásticas, com informações sobre nascimento, batismo, casamento e falecimento, bem como dados referentes aos aspectos educacionais e associativos, pois muitas entidades continuam ainda em funcionamento, como, por exemplo, a *Schutzverein* (Sociedade de Atiradores), fundada em 1891.

A história do município de Teutônia se encontra intimamente relacionada com a história da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul. Sua sucessiva ocupação e colonização inicia-se na segunda metade do século XIX, mais precisamente no ano de 1858, quando o comerciante atacadista Carlos Schilling adquire terras naquela região. No entanto, antes de se iniciar a colonização de fato, Schilling adquire mais terras para permitir o acesso até a colônia. Em 26 de novembro de 1861 o acesso é possibilitado pela compra de um trecho de terras do casal José de Azambuja e Simiana Cândida Villa Nova.²⁹

²⁹ Livro de Notas do Cartório de Taquari, n. 5 (01.04.1861 – 15.12.1861), APERS.

Organiza-se a partir deste momento a “Empresa Colonizadora Carlos Schilling, Lothar de la Rue, Jacob Rech, Guilherme Kopp & Companhia”, que fica responsável pela medição dos lotes de terra e sua conseqüente comercialização. De acordo com o contrato da companhia colonizadora, o comprador estava ciente das suas responsabilidades ao adquirir lotes. Ele era obrigado a abrir na colônia uma estrada e conservá-la, de habitar a área estipulada, de pagar todas as despesas da escritura, dentre outros deveres.³⁰



Figura 2) Contrato de Venda de lotes da Colônia Teutônia

Quando se analisa a venda de lotes destinados à Colônia Teutônia, percebe-se que no principal período de vendas, que se estende até 1886, outras duas companhias também atuaram na colônia, a “Sociedade Carlos Arnt e sua mulher Filippina Arnt, Henrique Bier e sua mulher Joaquina Rita Bier e Luiz Bier” e a “Sociedade Huch e Companhia”. Como vimos no capítulo anterior, o número de companhias colonizadoras aumenta a partir de 1850 com a retomada da política de colonização pelo governo brasileiro.

Carlos Arnt havia sido sócio de Carlos Schilling, e funda mais tarde, essa segunda companhia colonizadora. Ele será uma figura de destaque, e, posteriormente, é inclusive

³⁰ Contrato da Companhia Colonizadora. MHU.

considerado fundador da Colônia Teutônia. Conforme o documento “Síntese histórica da Comunidade Redentor” (1973, p. 3), podemos ver que

[...] a colonização da Colônia Teutônia teve início no atual Canabarro, no ano de 1858, com o negociante Carlos Schilling. Infelizmente esta iniciativa não teve êxito. Os primeiros resultados concretos tivemos um pouco depois com a vinda de Karl Arnt, que deixou marcada a sua passagem, e até hoje é considerado o fundador da colônia e que deu os primeiros frutos no desenvolvimento desta região.

De acordo com Klaus Becker (1963, p. 226-227), em sua listagem sobre os profissionais existentes em 1873, Carlos Arnt aparece como carreteiro, comerciante, moleiro e açougueiro, isto é, era responsável pelas mais diversas áreas fundamentais para o andamento da colônia. Também aparece referência a ele nos relatos de Janfrüchte, imigrante alemão, professor na comunidade:

Este Diretor Arnt era verdadeiro cristão, disposto a auxiliar na construção do Reino Divino. Por profissão era comerciante. Agrimensor e Comissário eram cargos que exercia sem remuneração. Era ele que tinha de dedicar os lotes de terra aos novos imigrantes.³¹

A sociedade Huch e Companhia, conforme Gerhardt (2004, p. 35), surge em 1875, quando a empresa que então colonizava Teutônia teria admitido novos sócios, mas mantendo a administração de Carlos Arnt. Ela será responsável pela comercialização de lotes mais distantes, próximos às ex-colônias Conde D’eu e D. Isabel. Em documento existente no AHRS, encontramos referência à necessidade do acompanhamento de um membro do “Escritório da Comissão de Discriminação de Terras e Medições de lote nos Município de Taquary e Estrella” nas medições de terras naquela região,³² sob a responsabilidade da Companhia Huch.

Os primeiros lotes começam a ser comercializados em 1863 e aproximadamente em 1886 aparecem as últimas referências à venda de terras naquela colônia. O número de compradores de lotes é de aproximadamente 50 (MHU), sendo que grande parte das

³¹ **Relatos do viajante Janfrüchte.** Neste documento não há referência à possível data de sua elaboração, mas acredito ser posterior a 1873, pois aparece referência à chegada do pastor Hauser, que, conforme os dados disponíveis, era o pastor das comunidades de Teutônia Norte e Sul durante o período de 1873-1890. Esse relato foi encontrado por Hermana Fiegenbaum na Alemanha e traduzido em português pelo professor Friedhold Altmann, em torno de 1926. MHU.

³² **Comissão de Terras e Colonização – Papéis Avulsos, ano 1885-1886,** Taquary e Estrella, (maço 42, caixa 22) 26 de maio de 1885, n. 17. AHRS.

áreas serão vendidas na primeira década de comercialização essencialmente para colonos já residentes no Brasil, em especial da região colonial de São Leopoldo, como Dois Irmãos, Picada 48, Bom Jardim, Lomba Grande, Herval e outras. Somente no final da década de 60 é que se percebe o fluxo de imigrantes vindos diretamente da "Alemanha" para a colônia Teutônia, como podemos ver pelo Códice 299 (AHRS)³³. De acordo com ele, de março de 1865 até junho de 1871, 280 imigrantes tiveram como destino essa colônia, sendo desses sete idosos,³⁴ cento e quarenta adultos³⁵ (80 homens e 60 mulheres) e cento e trinta e três crianças. Eram de naturalidade prussiana, pois a Alemanha ainda não existia como Estado unificado até a década de 70, e fundamentalmente luteranos, havendo a indicação de apenas uma família católica.³⁶

Em junho de 1871 também encontramos referência à chegada de vinte colonos procedentes de Hanover, mas, principalmente, ressalta-se a chegada de colonos vestfalianos a partir desse período. O início da colonização por vestfalianos é visto como um marco na história do município, pois teriam sido esses os que teriam dado impulso ao desenvolvimento da colônia. Tanto Klaus Becker como Guido Lang (1995, p. 24), este último valendo-se da referência de Becker (1963), indicam que a colonização por vestfalianos tem início em 14 de agosto de 1868, com a chegada do vapor "Proteção". Pelas fontes disponíveis não foi possível confirmar esse dado, pois as primeiras referências a colonos desta região ocorrem a partir de 08 de junho de 1871 até 07 de janeiro de 1872, quando da chegada de 36 colonos vestfalianos, através dos vapores Electric (08.06.1871), Margareth (20.10.1871), Mercur (25.11.1871) e Willy (07.01.1872). Nesse último vapor encontramos também a presença de colonos procedentes da região do Reno (17 pessoas), da Pomerânia (5 pessoas) e de Holstein (9 pessoas).

De acordo com a Lei Provincial n. 1044, de 20 de maio de 1876, sancionada pelo Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, cria-se o município de Estrela, do qual a colônia Teutônia fará parte, juntamente com os atuais municípios de Lajeado, Encantado, parte de Guaporé, Colinas e Imigrante. Suas divisas serão ao norte Passo Fundo, Santo Antônio da Patrulha e Montenegro à leste, Taquari à sul e Rio Pardo e Soledade à oeste. Pelo ato n. 58 do município de Estrela de 26 de abril de 1882, cria-se o 3º. Distrito de

³³ **Registro de colonos chegados e o destino que tiveram (1862-1876)**. C299, AHRS.

³⁴ Considero idoso aquele que apresenta ter mais de 60 anos.

³⁵ 18-60 anos.

³⁶ Refere-se à família de Carlos Augusto Dietze, sua esposa Christina e seus quatro filhos.

Teutônia e em 1885, pela Lei Provincial n. 1519 ele é elevado à categoria de freguesia (MHU).

Devido aos dados acima destacados, levamos em consideração a chegada de colonos também à Estrela, que, a partir de sua incorporação, possuía íntima relação com Teutônia. Segundo os dados disponíveis pela Inspetoria de Terras e Colonização, através do mapa estatístico dos imigrantes entrados na província e as localidades a que se destinaram durante o ano de 1888, podemos perceber a entrada de poucos imigrantes alemães com destino a Estrela (14) e apenas um imigrante com destino a Teutônia.³⁷ Em outro mapa estatístico, agora referente ao período de 1891-1892,³⁸ encontramos a chegada de 25 alemães com destino a Estrela. O que podemos perceber é que a maior parte dos colonos que iniciaram a colonização em Teutônia adquire os lotes antes do final da década de 80.

Quando comparamos os nomes dos compradores de terras com o dos imigrantes que se destinaram à colônia Teutônia, encontramos 18 colonos alemães, chefes de família, como compradores de terra, principalmente depois de 1869. Os nomes que aparecem como compradores antes desse período fazem-nos acreditar que se tratava de imigrantes que já se encontravam no Rio Grande do Sul e que não se destinaram exclusivamente para a colônia Teutônia, como havíamos afirmado acima.

A colônia possuiu seis diretores entre os anos de 1862 e 1902, sendo que durante seus mandatos a colônia foi ocupada e passou a desenvolver-se nos mais variados aspectos, mas principalmente, no sentido de proporcionar a melhoria de vida da população colonial.

Diretor	Ano
Lothar de la Rue	1862-1868
Carlos Arnt	1868-1872
Oscar Von Boronski	1872-1876
Jacob Kilpp	1876-1878
Roberto João Júlio Paulsen	1878-1889
Walter Wienandts	1889-1902

Tabela 1) Diretores da Colônia Teutônia (1862-1902) ³⁹

³⁷ Inspetoria de Terras e Colonização. Mapa Estatístico dos Imigrantes entrados na província e as localidades que se destinaram (1888). C 193, AHRS.

³⁸ Delegacia da Inspetoria Geral de Terras e Colonização: Mapa Estatístico dos Imigrantes entrados na província e as localidades a que se destinaram (1891-1892). C197, AHRS.

Como podemos perceber pelos dados disponíveis, a grande massa da população residente em Teutônia será de luteranos. A necessidade de atendimento religioso começa logo no início da ocupação da colônia. A partir de 1865, ela passa a ser visitada pelo pastor Wilhelm Kleingünther, pastor da Paróquia Evangélica de Porto Alegre. Em 1888, através de relatório elaborado na época,⁴⁰ podemos perceber que o atendimento religioso era efetuado por três pastores que atendiam diferentes áreas da colônia, o pastor Häuser, que atendia em torno de 285 famílias e 1900 membros, o pastor Von Grasen, 110 famílias e 670 membros e o pastor Beckmann, com 52 famílias e 310 membros. Esses dados nos permitem verificar o número de habitantes naquele período, número em torno de 2880 pessoas. Em 1906, as comunidades são divididas em Teutônia Norte e Teutônia Sul e em 1911 ocorrem novas organizações, com algumas comunidades se incorporando a Teutônia, outras se associando a outras comunidades, como, por exemplo, à comunidade evangélica de Estrela e à de Corvo.

Conforme os dados disponíveis nos registros eclesiásticos, podemos destacar os seguintes pastores, abaixo listados, como responsáveis pelo atendimento religioso na comunidade Teutônia Norte, denominada Comunidade Evangélica Paz de Teutônia, que atualmente conta com 2.345 membros.⁴¹

Pastor	Período de atuação
Wilhelm Kleingünther	1868-1872
Ferdinand Häuser	1873-1890
Wilhelm Hasenack	1890-1910
Emil Bartsch	1910-1921
Wilhelm Wolf	1921-1925
Eduard Leverenz	1925-1934
Bernhardt Theunert	1934-1946
Werner Walhäuser	1946-1955
Gerog Lecke	1955-1974
Edgar Hummes	1974-1986
Wili Becker	1986 -atual

Tabela 2) Pastores da comunidade Paz de Teutônia

³⁹ As referências aos nomes dos diretores das colônias podem ser encontradas nos Livros de Notas do Cartório de Taquari. APERS.

⁴⁰ **Relatório da Comunidade Redentor.** (SCER).

⁴¹ Dados disponíveis pela Secretaria da Comunidade Evangélica Paz – Bairro Teutônia.

Já na comunidade de Teutônia Sul, denominada Comunidade Redentor,⁴² que, segundo sua secretária, conta atualmente com cerca de 1200 membros, foram os seguintes pastores os responsáveis pelo atendimento:

Pastor	Período de atuação
Wilhelm Kleingünther	1868-1872
Ferdinand Häuser	1873-1890
Albert Reinecke	1890-1909
Karl Sick	1909-1914
Gustav Schreiner	1914-1916
Ferdinand Mater	1916-1926
Jonathan Striebel	1927-1931
Wilhelm Ziebarth	1932-1965
Arno Wartschow	1965-1980
Martin Backhouse	1980-1983
Nelson Walbrinck	1983-1991
Iedo Brandenburg	1985-1991
Silvio Meincke	1991-2004
Mauri Biensfeldt	2004 -atual

Tabela 3) Pastores da Comunidade Redentor

Em 14 de outubro de 1998 foi criada a Paróquia Teutônia Centro, composta pelas comunidades evangélicas Martin Luther e comunidade Evangélica Betânia. O atendimento nessa comunidade foi realizado pelos pastores: Iedo Brandenburg (1992-2004), Mônica Tesch Muller (fevereiro a julho de 2004), Enio Luis Fuchs (2004-atual). A paróquia conta com 978 membros.⁴³

Pelos dados atuais disponíveis, segundo a Secretaria da Comunidade Redentor, a paróquia de Teutônia compreende nove comunidades, incluídas as três acima listadas que são as mais importantes e possuem aproximadamente 5000 membros. Trata-se de um número expressivo, pois são os membros que pagam anualmente os encargos em suas respectivas comunidades. Existe ainda um bom número de luteranos que não mantêm vínculos diretos com essas comunidades devido principalmente à necessidade de pagamento de taxas anuais. Em Teutônia, também é possível perceber um aumento

⁴² Os sócios fundadores da comunidade Redentor, fundada em 8 de maio de 1873, foram Bernardo Roberto Greuner (colono alemão), Mathias Dienstmann (comerciante brasileiro), Fridolino Dienstmann (colono brasileiro), Wilhelm Schneider Sobrinho (colono brasileiro), Ernesto Alberto Roloff (colono brasileiro), Frederico Guilherme Windmoeller (colono alemão), Ricardo Güntzel (colono alemão), Johann Huether (colono alemão) e Carlos Fett (colono brasileiro). Mesmo os fundadores considerados brasileiros eram descendentes de alemães que haviam nascido no Brasil (SCER).

⁴³ Dados fornecidos pela Secretaria da Comunidade Evangélica Martin Luther, Bairro Languirú.

expressivo de outros grupos religiosos, como os pentecostais, o que é um fator responsável pela redução tanto do número de fiéis protestantes, quanto do de católicos.⁴⁴ É importante frisar que muitas comunidades passaram a ser incorporadas a outros municípios no momento de suas emancipações políticas. Citamos os casos das comunidades que formarão os municípios de Westfália, Imigrante, Colinas, Paverama e Estrela. Ainda hoje, o número de luteranos no município é bastante expressivo, sendo que é possível afirmar, de acordo com a Secretaria da Comunidade Redentor, que uma grande parte da população ainda é de luteranos descendentes de alemães.

Nos primórdios da colonização em Teutônia, como nas demais colônias espalhadas pelo Rio Grande do Sul, o ensino das crianças era ministrado por membros pertencentes às próprias comunidades, como já vimos acima. Geralmente se tratava de pessoas com melhor instrução e que, muitas vezes, não possuíam aptidões para os trabalhos agrícolas, ou se dedicavam a essa atividade nos momentos de descanso dos afazeres na agricultura. Segundo os dados educacionais disponíveis, podemos destacar que em 1867 funda-se a primeira escola, isto é, a Escola Evangélica General Canabarro,⁴⁵ sendo seu primeiro professor o senhor Peters.⁴⁶ Encontra-se referência a uma escola criada para o sexo masculino em 1873, através da lei 909, de 30 de abril, mas os dados não permitem saber sua localização.

Segundo documentos da Escola Evangélica General Canabarro, em 1888 a colônia Teutônia possuía 15 escolas, com uma frequência superior a 700 crianças, não existindo nenhuma escola pública. A partir daí, o número de escolas aumenta. Em 1910, segundo Gerhardt (2004, p. 47), existiam na colônia 21 escolas particulares, todas ainda mantidas pela Comunidade Evangélica de Confissão Luterana.

Quando analisamos a referência aos nomes dos primeiros professores que lecionaram nessas escolas, encontramos os de muitos colonizadores que se dirigiram

⁴⁴ Vale destacar que a fundação da comunidade católica é muito recente, ocorrendo apenas em 08 de abril de 1984.

⁴⁵ **Ata da Escola Evangélica General Canabarro**, de 6 de agosto de 1867. IECEG.

⁴⁶ Os primeiros professores a serem referidos nos dados até meados do século XX são: Peters, 1867-1869, Reunicke, 1870-1871, Wilhelm Matzenbacher, 1872-1874, Hopper, 1875-1886, Walter Raabe, 1886-1887, Gustavo Robinson, 1887-1888, Max Beutler, 1889-1890, Philipp Geib, 1891-1905, Schmeeling, 1906-1907, Arthur Böhme 1908-1911, Arwed Matzenbacher, 1912-1916, Alfons Rost, 1917-1919, Paul Ahrens, 1919-1920; Frederico P. Hätinger, 1921-1926, Ferdinand Lannaster, 1926-1927, Alfredo Rex, 1927-1937, Walter Kabmann 1937-1939.

àquela região a partir da década de 80, bem como os de filhos desses imigrantes já nascidos no Brasil, como, por exemplo, Guilherme Sommer, filho de um dos primeiros colonizadores, que se torna um dos professores mais conhecidos na colônia. Atualmente, uma das escolas municipais da cidade recebe a denominação de Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Guilherme Sommer, em homenagem a essa figura de destaque no município.

Dessas escolas, muitas acabaram se desmembrando, pois se tratavam de escolas rurais de pequeno porte e que acabaram se incorporando a escolas maiores, muitas vezes já na área urbana. Isso fez com que muitas crianças tivessem que se deslocar por grandes distâncias para que chegassem até as escolas mais próximas. Conforme relatos de moradores mais antigos, podia-se levar várias horas para chegar até as escolas, pois as distâncias chegavam a mais de 6 km. Esses percursos eram feitos geralmente a pé, ou para alguns, com cavalos ou carroças. Os materiais disponíveis eram bastante rudimentares, comuns na maioria das escolas desses períodos. Somente décadas mais tarde é que os materiais didáticos começaram a fazer parte do dia-a-dia dessas populações. É importante frisar que pelo fato de essas aulas serem ministradas pelos próprios imigrantes, obviamente se tratava de aulas no dialeto alemão. Como grande parte dos alunos conhecia quase que unicamente essa língua, era comum que as aulas fossem dessa forma, além de ser essa a língua falada cotidianamente pelas populações coloniais da área.

Destacamos que, em Teutônia, a questão do idioma é de extrema importância, pois desde o início de sua colonização, conforme pudemos ver nos dados acima expostos, populações alemãs de diferentes regiões e características, especialmente lingüísticas, se deslocaram. É o caso em especial dos vestfalianos. Como esse grupo chegou mais tarde, no momento da venda dos lotes de terra acabaram por adquirir terras mais distantes do “centro da colônia”, áreas muitas vezes de difícil acesso e localizadas nas divisas de outras colônias. É o caso das picadas de Linha Clara, Berlim e Imhoff, colonizadas fundamentalmente por colonos de origem vestfaliana. O dialeto vestfaliano difere muito do *hunsrück*, dialeto falado pelos demais colonizadores, dificilmente entendido pelo segundo grupo. A manutenção desses dialetos até os dias de hoje nessas localidades se deve aos casamentos realizados entre as famílias dessas comunidades. Quando os casamentos com pessoas de fora da comunidade ocorriam, a incorporação se dava através do

aprendizado do dialeto, fundamental para ser aceito dentro do grupo. Muitas crianças no momento em que passavam a freqüentar escolas confrontavam-se com situações bastante difíceis, pois em muitos casos não falavam português.

Atualmente, existem em Teutônia, conforme dados da Secretaria Municipal de Educação de Teutônia, matriculados no ano de 2008, 6.992 alunos distribuídos em treze escolas municipais (2620 alunos), três escolas estaduais (2559 alunos), duas particulares (1041 alunos) e onze escolas de educação infantil (772 alunos). Foram desativadas, ao longo da segunda metade do século passado, cinco escolas municipais: Escola Municipal Daltro Filho (Linha Geralda), Escola Municipal Duque de Caxias (Linha Germana Frente), Escola Municipal Carlos Arnt (Linha Catarina Alta), Escola Manuel Ribeiro Pontes (Linha Pontes Filho) e Escola André Marcolino Mallmann (Linha Capivara). Todas essas escolas pertenciam à zona rural e, devido ao número escasso de alunos, tiveram suas atividades encerradas e a conseqüente realocação de seus alunos para escolas mais distantes, em geral na área urbana.

Como as esferas educacional e religiosa se encontram intimamente relacionadas, as práticas e rituais religiosos também ocorriam no idioma alemão, inclusive os materiais, bíblias, cancionários disponíveis aos membros da igreja encontravam-se nesse idioma. Com a Campanha de Nacionalização efetuada na década de 30 do século passado, essa prática diminuiu, mas não desapareceu, pois ainda hoje são comuns os cultos em língua alemã, especialmente nas datas importantes como a Páscoa e o dia da Reforma Protestante. Em toda a história educacional do município, a língua alemã não foi abandonada. Ela sofreu momentos de decréscimo em seu uso, mas continuou sendo a mais importante nas relações privadas de seus membros.

A participação dos grupos vestfalianos na formação do município sempre foi extremamente valorizada, sendo considerados por alguns de seus descendentes como os verdadeiros colonizadores de Teutônia. Sua importância e presença se encontram evidenciadas e se relacionam no município com o “sapato de pau”. O uso do termo “sapato de pau” tem o mesmo significado ao de “dialeto vestfaliano”. Devido a isso, muitos elementos visíveis atualmente na cidade e em outras localidades vizinhas, como Westfália, valorizam-no. Em Teutônia a escultura de um “sapato de pau” se encontra em evidência no Centro Administrativo da cidade. O município também participa de uma rota

turística, denominada Rota Germânica, na qual um dos pontos mais importantes é o momento da visita a um “escultor de sapatos de pau”. No município vizinho de Westfália, área que fazia parte do município de Teutônia e de colonização exclusivamente vestfaliana, podemos ver esse objeto inclusive como lixeira e sendo utilizado pelos integrantes de um grupo de danças alemãs da cidade.



Figura 3) Sapato de pau – Centro Administrativo de Teutônia



Figura 4) Confeção de Sapato de pau – Rota Germânica

O sapato de pau costuma se encontrar relacionado com uma das características geralmente associadas aos colonos alemães, a valorização do trabalho, virtude muito

prezada por essas populações. Trata-se de um calçado de confecção bastante rudimentar, utilizado nas áreas rurais para a proteção contra possíveis animais e ambientes enlameados. Por ser feito de madeira, era muito mais seguro na proteção do que outros tipos de materiais, além de possibilitar uma melhor ventilação, facilidade de colocação, retirada e principalmente durabilidade. Atualmente, pouquíssimas pessoas usam esse tipo de calçado, ele só aparece como elemento de decoração e de recordação para a população.

Outro elemento que também aparece como referência ao município de Teutônia e à sua história é a arquitetura enxaimel. Esse estilo arquitetônico foi analisado por Gunter Weimer (2005), que destaca Teutônia com um dos sítios mais importantes do enxaimel no Rio Grande do Sul:

Ainda que percebam algumas variações formais que talvez sejam conseqüências externas ou da própria dinâmica do processo de adaptação, é em Teutônia que encontramos os melhores exemplares daquilo que se poderia chamar de variante vestfaliana do enxaimel no Rio Grande do Sul (WEIMER, 2005, p. 152).

Existe um certo tipo de padrão nas construções em enxaimel, sendo que o modelo tradicional de moradia era composto de dois blocos separados, o primeiro constituído pelos dormitórios e sala de estar, contando com um pequeno espaço que servia para acomodar as visitas, e o outro formado pela cozinha e despensa. Também era importante a presença de um porão, pois servia para depositar os grãos para a colheita e o plantio, guardar alimentos e ferramentas para o uso agrícola. A uma distância aproximada de 80 a 100 metros da cozinha, era geralmente construído o abrigo para os animais (WEIMER, 2005).

O Enxaimel, ou *Fachwerk*, é uma técnica de construção que consiste em paredes montadas com hastes de madeira encaixadas entre si em posições horizontais, verticais ou inclinadas. Os espaços são preenchidos geralmente por pedras ou tijolos. Inicialmente era construído o esqueleto da casa, todo de toras grossas de madeira. Entre as vigas verticais eram colocadas as horizontais e, nas extremidades das paredes, algumas em ângulo, para evitar inclinação. Pronta a "caixa", os espaços eram completados com tijolos à vista, ou outro material que estivesse disponível.

Historicamente, o enxaimel se desenvolveu primeiramente onde havia, em grande quantidade, “madeiras duras” como o carvalho, encontrado em especial no centro da Alemanha. Na primeira fase da Idade Média, o enxaimel já havia se difundido por toda a Europa Central. A partir de 1700, a produção de madeira já não conseguia mais atender às demandas e houve a necessidade de se substituir a construção de madeira pela de pedra. Surgiram, então, as construções mistas, em que o andar inferior era de pedra e os superiores, de enxaimel. Paulatinamente, a pedra assumiu maior importância, até que, no século XIX, a madeira se restringiu quase que exclusivamente ao telhado (WEIMER, 2005, p. 66-67).



Enchimento de um tramo de enxaimel pela técnica de rolo de barro e palha (Minke, 1994, p.101).

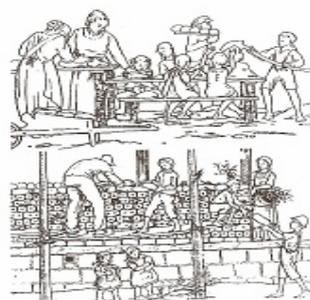


Ilustração de técnica do “pió-de-barro” (Minke, 1994, p.96).

Figura 5) Modelo de confecção de casa Enxaimel ⁴⁷

As referências ao estilo enxaimel podem ser encontradas em grande parte das cidades colonizadas pelos imigrantes alemães, principalmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, berços da imigração alemã no Brasil, bem como na Alemanha.

⁴⁷ WEIMER, 2004, p. 103.



Ilustração do uso de pedra bruta, aparelhada e barro numa casa do Hunsrück (Freckmann, 2002, p.36).

Figura 6) Detalhe de casa Enxaimel ⁴⁸



Figura 7) Casa Enxaimel – Teutônia

Há muitas casas no município em bom estado de conservação, algumas delas, inclusive, depois de um processo de restauração acabaram por se tornar pontos turísticos da Rota Germânica, que será analisada posteriormente. Como podemos ver na imagem acima, essa antiga residência em estilo enxaimel foi transformada em um café colonial, um dos pontos turístico dessa rota.

É importante frisar que existe uma diferença muito grande e visível entre o verdadeiro enxaimel e a sua estilização. Em muitos locais, inclusive no Centro Administrativo de Teutônia, encontraremos o segundo tipo. É muito mais fácil produzir imitações de madeiras nas construções do que efetuar-las nos moldes antigos. Existe inclusive uma regulamentação municipal que determina que nas imediações do Centro

⁴⁸ WEIMER, 2004, p. 111.

Administrativo não devam existir construções que não obedeçam ao estilo enxaimel (estilizado).



Figura 8) Módulos do Centro Administrativo de Teutônia- Estilização do Enxaimel

A Rota Germânica, criada em 26 de outubro de 2001, semelhante a outras rotas turísticas do Rio Grande do Sul e de outras localidades, buscou aliar as peculiaridades e as características dessas populações com a possibilidade de obtenção de renda associada ao turismo. Atualmente, da Rota Germânica fazem parte pontos turísticos que poderíamos relacionar com a colonização e formação do município, outros contudo, são em essência e fundo econômico, pois não poderiam ser associados aos colonizadores. De acordo com a Ata de Fundação da Rota Germânica, podemos entender que: "A Associação da Rota Germânica tem como objetivo difundir o turismo através de reuniões, círculos de estudos [...] sempre buscando resgatar e difundir o turismo na região. Colaborar no patrimônio turístico e cultural do município e das entidades afins".

Nos últimos anos, o número de turistas que realizam esse passeio não é considerado tão bom, segundo Ivo Feine,⁴⁹ integrante da diretoria da Rota Germânica. Trata-se principalmente de excursões vindas de grandes cidades, em especial da grande Porto Alegre, que buscam diferentes opções de lazer e divertimento, e encontram nesse tipo de atrativo turístico algo diferenciado em relação ao que é oferecido nas cidades.

Teutônia também costuma estar associada ao canto coral, sendo considerada por seus moradores a cidade com o maior número de corais do Brasil. A música sempre fez

⁴⁹ FEINE, Ivo. **Rota Germânica de Teutônia**. Teutônia, 15 maio 2006. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

parte da vida dos colonizadores, era uma forma de lazer, de encontro com outras pessoas, uma das únicas atividades disponíveis para algumas famílias. Em 1877, encontramos referência à primeira sociedade de cantores, a Sociedade de Cantores da Linha Frank e também à sociedade de cantores da Linha Schmidt, na década de 90 (PMT).

Os trinta e sete corais existentes no município atualmente organizaram-se entre o final do século XIX e o final do século XX, de acordo com os dados expostos nos quadros abaixo:

Nome do coral (mistos)	Ano da Fundação
Sociedade de Cantores Lira	15.09.1900
Coro Misto da Linha Germano	03.04.1903
Coro Misto Sociedade de Cantores São Jacó	24.03.1906
Sociedade Aliança Linha Wink	03.01.1917
Sociedade de Canto Concórdia	15.03.1919
Sociedade de Cantores Linha Pontes Filho	14.02.1934
Coral Misto Ouro Branco	18.08.1938
Sociedade de Cantores Coro Misto	23.04.1949
Coro Misto Alegria de Boa Vista	01.12.1957
Coral Santa Cecília	09.05.1965
Coro Misto Castelo Forte	02.10.1986
Coro Nossa Senhora do Rosário	20.01.1988
Coral Primavera	01.09.1988
Coro do Grupo do Lar Aprender é Viver	10.03.1998
Coro Martin Luther	02.06.1998
Coro Misto Sociedade de Canto Cristo rei	29.06.1999
Coro Misto Sociedade de Cantores Inovação	22.02.2000

Tabela 4) Corais mistos de Teutônia

Nome do coral (mulheres)	Ano de Fundação
Coro da OASE	19.06.1920
Coro de Senhoras	18.05.1946
Coral da OASE de Linha Clara	11.08.1946
Coro de Senhoras de Linha Germano	29.05.1950
Coro da OASE de Languiru	19.05.1953
Coro de Senhoras Evangélicas	10.1955
Coral da OASE da Linha Wink	05.1956
Coro de Senhoras de Pontes Filho	07.03.1959
Coro da OASE Linha Catarina	23.05.1965
Coro das Senhoras de Linha Geraldo	28.08.1969
Coro de Senhoras Boa Vista Fundos	20.01.1982
Coro de Senhoras de Linha Harmonia	10.11.1985
Associação Coro de Senhoras	22.06.1992
Coro de Senhoras Pastoral da Esperança	20.05.1998

Tabela 5) Corais de mulheres, Teutônia

Nome do Coral (homens)	Ano de fundação
Sociedade Educacional e Cultural Boa Vista	15.11.1885
Sociedade Recreativa Concórdia	03.05.1903
Soc. Aliança Linha Wink – Coro de Homens	03.11.1917
Sociedade de Cantores General Canabarro	06.06.1939

Tabela 6) Corais de homens, Teutônia

Como podemos perceber pelas denominações dos corais acima, a grande maioria é de corais ligados à igreja luterana, em especial os das OASEs (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas). Muitos desses corais têm como função, além de participar dos encontros desses grupos, cantar durante as atividades da igreja e também no momento dos funerais.

O município também conta com grupos de danças alemãs, que buscam resgatar e valorizar as características e a cultura dos primeiros colonizadores. O primeiro grupo de danças alemãs surge a partir da metade do século XX, mais precisamente em 1985, na então Escola Evangélica General Canabarro, quando a professora Líria Wiebusch começa a trabalhar danças folclóricas com os alunos de 1ª a 4ª séries. O grande objetivo de realizar esse tipo de dança, segundo a professora,⁵⁰ era “preservar, cultivar os costumes dos imigrantes alemães que fundaram a colônia de Teutônia e dar a oportunidade de conhecer algo sobre seus antepassados e dar momentos de lazer sadio”. Esse grupo ainda existe atualmente e se denomina “Grupo Folclórico Teutônia” da Associação Artística e Cultural Teutônia, localizada no bairro Canabarro. Os outros grupos de danças existentes são o “Teutotanzgruppe” no bairro Languirú, o “Kindertanzgruppe”, no bairro Teutônia. Nas escolas municipais do interior as danças folclóricas alemãs fazem parte das atividades disponibilizadas aos alunos de forma extraclasse.

Outro exemplo evidente do caráter associativo das populações de imigrantes são as Sociedades de Tiro e Caça, sendo que ainda existe atualmente a Sociedade de Tiro da Linha Clara, a *Schutzenverein*, fundada em 1891. Ela foi criada pelos moradores da picada, além de outras pessoas que demonstraram interesse pela prática desse esporte. Faziam-se competições, geralmente anuais, nas quais eram escolhidos os melhores

⁵⁰ WIEBUSCH, Líria. **Grupos de danças alemãs**. Teutônia, 03 abr. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

atiradores. Essa sociedade, ainda em funcionamento, continua realizando disputas desse tipo, mas segundo alguns membros, essa prática tende a diminuir, principalmente devido às campanhas contra o uso de armas.

Uma das questões que também merece ser destacada é a possível presença de negros na colônia Teutônia. Encontraremos referência a eles no relato de Janfrüchte e também em dados de uma escritura de vendas de um escravo. Do relato de Janfrüchte podemos destacar: “Ao entardecer chegamos à beira da mata virgem e a uma aldeia habitada por negros” (p. 14). “Pensei que se tratava dos escravos de ‘Kimoreis’ que morava nas proximidades e tinha 380 escravos” (p. 19). “Terminada a colheita, normalmente oferecia uma semana de folga, quando os escravos podiam andar a cavalo e divertir-se” (p. 20). “Com serviço de escravo o dono preparava tábuas para a venda” (p.24). Através de relatos de pessoas idosas, temos informações de que era comum a presença de escravos em Taquari, principalmente por se tratar de uma área de colonização não alemã. Mas é possível que também tenha havido imigrantes, especialmente com melhores condições, que pudessem adquirir escravos. No entanto, o número de escravos citado pelo viajante talvez seja excessivo para a realidade da época e da região. No livro de Notas n. 36 do Cartório de Taquari encontramos referência à venda de um escravo, como podemos ver abaixo:

Escritura de venda de um escravo preto de nome Paulo, que Adão Zimmermann faz a Jacob Arnt: Saibam quantos esta escritura de venda virem que sendo no ano de nascimento do nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta e um, aos trinta e um dias do mês de março do dito ano, nesta vila de Taquari, em meu cartório, compareceu presente Adão Zimmermann, morador do segundo distrito de Estrela, e de outra parte Jacob Arnt, morador desta Vila, conhecido por mim tabelião e das testemunhas no fim assinadas de que dou fé, perante as quais por Adão Zimmermann foi dito que sendo senhor possuidor de um escravo preto de nome Paulo, de trinta e dois anos de idade, solteiro, natural desta Província e porque o possui livre e desempedido de qualquer embargo, penhor ou hipoteca, como todos os achados novos e velhos, vendedor hoje para sempre a Jacob Arnt, pela quantia de um conto de réis.⁵¹

Pelas informações que temos disponíveis podemos acreditar que Jacob Arnt era filho de Carlos Arnt e que Adão Zimmermann foi um dos primeiros colonos a adquirir lotes na colônia Teutônia. No entanto, Teutônia era denominada terceiro distrito de Estrela e não como aparece no texto. Existe a possibilidade de esse colono ter alterado a sua residência para outra área após os primeiros anos de colonização. Muitas pessoas idosas

⁵¹ Documento publicado em LANG, 1995, p. 53-54.

do município afirmam que seus pais e avós contavam que Carlos Arnt havia sido um proprietário de escravos na colônia.⁵²

Sem dúvida nenhuma, a história do município e sua atual situação se encontram intimamente ligadas ao primeiro prefeito da cidade, o senhor Elton Klepker. Teutônia torna-se independente de Estrela em 1981, depois de ampla campanha pelo “sim”. O primeiro prefeito, Elton Klepker, foi responsável pelo estabelecimento das principais indústrias do município, como, por exemplo, a Cooperativa Languiru, Elegê, e do primeiro hospital do município. Ele foi responsável pela construção do Centro Administrativo do município, sendo importante frisar que este passaria a se localizar em uma área ainda desabitada entre os bairros de Canabarro e Languirú, que havia sido escolhida por acordos políticos, mesmo antes da campanha emancipacionista, como o local ideal para a sua construção. Tratava-se de uma área que não fazia parte de nenhum dos bairros, pois não se podia agradar mais um bairro do que outro.

A então secretária de educação do município, Clisa Wallauer⁵³ (2006), destaca que diariamente vinham levadas de moradores de outras áreas do Estado, em especial da cidade de Seberi, morar em Teutônia. Eles acreditavam que Teutônia tinha emprego para todos, que não havia violência e analfabetismo. O número de pessoas que chegou ao município foi tão grande que era impossível, segundo a secretária, ter escolas suficientes para os alunos que lá passaram a residir. Cita o caso de aulas que foram realizadas inclusive, em uma casa mortuária. Essas pessoas passaram a residir no “loteamento 8”, área atualmente considerada como uma das mais “perigosas” do município. Conforme a secretária, em pesquisa realizada durante a década de 80, na escola de tal loteamento havia crianças de mais de vinte municípios diferentes.

Nesse breve relato, pudemos ter uma visão geral da formação do município de Teutônia e das características ligadas à imigração e colonização alemãs que continuam a ser determinantes para a cidade. Partiremos, agora, para a análise do museu Henrique Uebel.

⁵² Esses dados ainda não foram confirmados devido à carência de fontes disponíveis sobre essa questão.

⁵³ WALLAUER, Clisa. **A educação no município de Teutônia**. Teutônia, 17 mar. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

2.1 Museu e Arquivo Histórico e Geográfico Henrique Uebel



Figura 9) Museu Henrique Uebel

O Museu e Arquivo Histórico e Geográfico Henrique Uebel de Teutônia, com sede no Centro Administrativo de Teutônia, foi criado pela Lei Municipal n.º. 731 de 06 de maio de 1993. A história do museu está intimamente relacionada com a do Centro Cultural 25 de Julho, fundado em 27 de maio de 1987, que destaca em sua própria Ata de Fundação⁵⁴ que o “objetivo principal e inicial do Centro Cultural 25 de Julho será o de fundar o Museu do Município”. Em seus estatutos⁵⁵ podemos destacar que, de acordo com o artigo 2, o Centro Cultural 25 de Julho de Teutônia tem por fim:

- a) Cultivar, propagar, difundir, preservar e pesquisar a história riograndense e brasileira em todos os seus aspectos, com ênfase nas suas relações e origens teuto-brasileiras.
- b) Promover cursos, conferências e outras atividades de caráter cívicos e culturais, sociais e desportivos que tenham por finalidade reviver as tradições legadas pelos antepassados.
- c) Estimular a coleção e guarda de objetos e documentos, como também a preservação de monumentos, lápides tumulares e estilos arquitetônicos típicos do Vale do Taquari, com a finalidade de conservar estes valores para a posteridade e manter intercâmbio cultural com sociedades congêneres.

Também encontramos referência à importância de um museu na Lei Orgânica do município de 03 de abril de 1990, cujo artigo 166, 2 determina:

⁵⁴ Ata de Fundação do Centro Cultural 25 de Julho (27.05.1987). MHU.

⁵⁵ Estatutos do Centro Cultural 25 de Julho de Teutônia (25.05.1987). MHU.

Compete ao município a coleta dos fatos históricos e objetos antigos, relativos à criação do Município, distritos e comunidades, para formação de um museu e arquivo histórico e geográfico.

O museu e arquivo receberam essa denominação em homenagem ao homem-orquestra Henrique Uebel, que tocava sete instrumentos simultaneamente em um equipamento criado por ele mesmo. Henrique Uebel nasceu no ano de 1906, em Vila Schmidt, picada pertencente ao município de Teutônia, atual Westfália. A idéia de confeccionar um aparato que possibilitasse o uso de sete instrumentos simultaneamente surge em uma cama de hospital, no momento em que se vê impossibilitando de colaborar no sustento da família:

Eu toquei Bandoneon desde 15 anos e com 28 anos depois de ter sofrido três operações, não sabia mais como poderia sustentar a família, no Hospital na cama, me deu a idéia, de fazer um instrumento de 82 cordas na marcenaria de Adolfo Hollmann, em Linha Schmidt coloquei Bombo Prata Gaitinha de Bocca e Pistão, tocava quatro instrumentos ao mesmo tempo, com este instrumento toquei na Rádio Difusora em Porto Alegre e no Cine Coliceu, foi no ano de 38 [...], mais tarde coloquei mais instrumentos, me lembrei da Flauta, tinha duas flautas, de duas flautas fiz uma, tirei o teclado da outra flauta e coloquei nessa, para ser possível de tocar a flauta com uma só mão, com outra mão a gaita piano, mais tarde coloquei os Baixos da Gaita, para tocar com os pés, fiz o mecanismo de acordo e os foles da gaita com o joelho e com outro joelho faço as posições de acordo com o instrumento de cordas de fazer os acordes maior menor e a septima passei muitas noites sem dormir, estudando neste mecanismo, mais tarde, mais instrumentos Violino e Violão Celo sempre lutando aperfeiçoando muitos anos, as vezes passei mal, viajei quase todo Estado do Rio Grande do Sul.⁵⁶

Ele teve a idéia de fazer um instrumento musical com 57 cordas movimentadas com os pés, pouco depois o número de cordas era de 82, possibilitando o uso de quatro instrumentos. Em 1944, com 38 anos, fez sua primeira apresentação para a rádio Difusora de Porto Alegre, e mais sete apresentações no Cine Coliseu.⁵⁷ Sua estréia na televisão brasileira se deu em 25 de outubro de 1954, em um programa onde se apresentavam artistas com entrevistas e músicas, comandado pelo comunicador Airton Rodrigues (UEBEL, 2007, p. 186).

Anos depois, o ex-diretor da Rádio Alto Taquari de Estrela, Oscar Chaves Garcia, torna-se empresário de Henrique em uma série de apresentações em Caxias do Sul. No

⁵⁶ **Entrevista Henrique Uebel**, p.1-2, 1959. MHU.

⁵⁷ REABERTO Museu Henrique Uebel. **O informativo**, Teutônia, 16 ag. 2006, p. 3.

entanto, ele vive o auge de sua carreira quando realiza uma turnê pela Alemanha, entre 25 de julho e 25 de novembro de 1959. Fez inúmeras apresentações por todo o país, destacando-se na Festa da Uva de Bockenheim, onde foi assistido por aproximadamente 5.000 pessoas. Depois desse grande sucesso, ainda na Alemanha, ele produz aproximadamente 300 filmes como “homem-orquestra”, que foram vistos em vários países. Estima-se que cerca de 40 milhões de pessoas viram, ao vivo, pela televisão ou no cinema, as aptidões musicais de Henrique Uebel.

A fama entre o povo também despertou o interesse da imprensa. A TV de Baden Baden foi uma das primeiras a entrevistá-lo e abrir espaço para uma apresentação ao vivo. Depois, Henrique Uebel concedeu entrevista coletiva para 13 repórteres de diferentes veículos. Chama a atenção que até a TV de Köln (Colônia), na época a maior rede da Alemanha, interessou-se, entrevistou e filmou o dom peculiar do brasileiro.⁵⁸

Segundo Ademar Uebel (2007, p. 170), para ajustar os quatro primeiros instrumentos e tocá-los simultaneamente, trabalhou cinco anos e para incorporar os sete trabalhou mais dez anos. Henrique usava os dedos, as palmas das mãos, os pés (tendo funções distintas os dedos e os calcanhares), os joelhos, a boca e o queixo.

O manejo da flauta, por exemplo, executo exclusivamente com os dedos da mão esquerda. O manejo dos ventis do pistão, faço pelo transporte das alavancas, que são servidas pelo dedão, polegar, enquanto com a mão toco ao mesmo tempo o violino, o bandoneon ou o acordeon. Com os dedos do pé movimento os teclados do piano especial, que é de minha própria invenção. Com o auxílio de um mecanismo especial consigo ressoar todos os acordes em maior, menor e sétimos dominantes. Com o joelho direito sirvo os pratos e os tambores. Com o joelho esquerdo movimento o fole do acordeom. O arco do violoncelo é fixo na cadeira. Desse modo fricciono o instrumento contra o arco, enquanto toco ao mesmo tempo pistão e acordeom, onde manipulo os ventis do pistão com a mão direita. Para fazer tudo isso é necessário uma concentração enorme e muito ensaio (UEBEL, 2007, p. 244-245).

Henrique Uebel faleceu em 8 de janeiro de 1973, com 67 anos, vítima de câncer. Acredita-se que tenha proferido a seguinte frase antes de morrer: “Quem conseguir tocar os meus instrumentos os ganhará de presente”.

⁵⁸ POUÇO valorizado no Brasil, músico encantou milhões na Europa. **Folha Popular**, Teutônia, 15 ag. 2006.

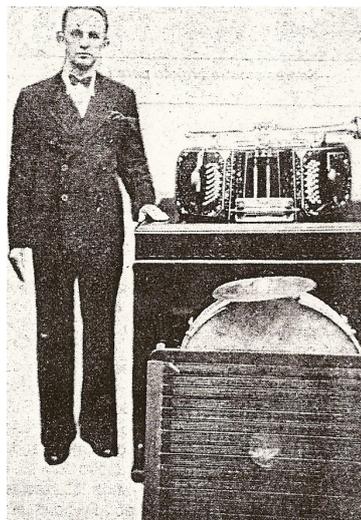


Figura 10) Henrique Uebel e seu instrumento musical – MHU

A famosa peça de Henrique Uebel, encontrada no museu, foi recebida em 06 de maio de 1987, antes mesmo de sua fundação. Atualmente, ela é a peça principal da exposição, juntamente com outras que retratam os costumes e hábitos dos primeiros imigrantes alemães que chegaram à região, como também da história do município de Teutônia.



Figura 11) Instrumento musical criado por Henrique Uebel

A necessidade de ter um museu que retratasse a vida e os costumes dos pioneiros da colonização em Teutônia partiu principalmente de um grupo de lideranças políticas, encabeçado pelo então prefeito do município, Elton Klepker. De acordo com um vereador da época,⁵⁹ ele buscava fazer campanhas positivas nos meios de comunicação

⁵⁹ WALLAUER, Selbi. **Fundação do museu Henrique Uebel**. Teutônia, 17 mar. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

sobre a prosperidade do município, como vimos acima, e para aumentar ainda mais o seu destaque e valorizar o papel dos colonizadores era importante ter um museu, pois muitos municípios tinham e era relevante que Teutônia também tivesse. Segundo Elton Klepker,⁶⁰ “Eu acho que um povo deve honrar a sua cultura, nada mais significativo do que mostrar essa cultura e por isso as peças estão lá”. O prefeito fez inúmeros apelos à comunidade, em constantes campanhas no rádio, para que a população fizesse doações de objetos e demais utensílios para a fundação de um museu. Essa campanha se inicia em 1983, quando é adquirido um número substancial de peças que passaram a ser armazenadas em duas salas, pois a sede do museu ainda não estava concluída. De acordo com Selbi Wallauer, vereador na época, o prefeito achava essencial ter um museu para “resgatar a memória dos antepassados, a cultura, a história e como todas as cidades tinham seu museu, Teutônia também queria o seu.”

Uma das pessoas que mais se destacou nessa tarefa e que se tornaria um de seus primeiros diretores foi o próprio Selbi Wallauer. Ele era bastante conhecido dentro da comunidade, sendo inclusive eleito como vereador na primeira legislação. Ele havia se tornado responsável pela aquisição das peças nas propriedades do interior. Quando visitava as casas de possíveis doadores, muitos afirmavam que não possuíam objetos que pudessem se tornar peças de um museu, mas Wallauer insistia e, juntamente com os donos das propriedades, buscava possíveis objetos nos porões, nos sótãos. Quando essa prática se tornou mais comum e a divulgação de um futuro museu se ampliou, muitas pessoas começaram a perceber a importância de participar e ceder alguma peça. As doações começaram a chegar em grande número, não havendo a preocupação de delimitar o que seria exposto. Tudo era importante, desde que fizesse referência aos antecedentes do município e aos primeiros colonizadores.

Nesse primeiro momento, as peças expostas em uma sala podiam ser visitadas pela população local e, principalmente, pelos escolares. Não havia exposições temporárias, apenas se expunha o material existente, fruto de doações. Somente a partir da conclusão da obra do museu e, conseqüentemente, de sua inauguração em 1993 podemos encontrar algumas modificações em sua configuração.

⁶⁰ KLEPKER, Elton. **Museu Henrique Uebel**. Teutônia, 04 out. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

A partir do momento em que o museu passou a ter uma sede própria era possível expor os objetos de uma maneira que permitisse um melhor entendimento do cotidiano da população alemã. Procurou-se delimitar um espaço para as atividades ligadas ao trabalho, outro para o cotidiano das residências desses colonizadores e também outros espaços ligados aos aspectos culturais e profissionais. Desde os primórdios da formação do museu nunca houve uma política definida de aquisição de peças. Tudo que era doado permanecia no museu, mas isso acabou por sobrecarregar o local de peças, muitas delas semelhantes. Isso também se tornou um problema quando alguns doadores chegavam ao museu e não admitiam que suas peças não estivessem expostas.

O museu teve até hoje cinco responsáveis efetivos, geralmente pessoas que tinham alguma afinidade com questões históricas e que demonstravam interesse na preservação dos costumes das populações alemãs. Segundo Paulo Lohmann,⁶¹ muitas vezes não se sabia o que fazer corretamente com as peças que chegavam, pois não se tinha nem conhecimento sobre a burocracia ligada à obtenção de doações, nem acesso a informações sobre o tombamento de peças.

É importante frisarmos que as mudanças ocorridas na direção do museu se deram conforme o grupo político no poder. Essa prática é comum na grande maioria dos museus públicos, em que, a cada eleição, esse tipo de cargo costuma ser alterado. A partir de sua fundação até os dias de hoje os responsáveis foram Ledi Schneider, Selby Wallauer, Helio Dahmer, Werno Lohmann e Paulo Lohmann.

Durante a década de 90, o museu praticamente manteve a mesma exposição de peças. Somente a partir de 2000 começou a diversificar as exposições, mediante mostras temporárias, que passaram a se encontrar, em grande parte, logo na entrada do museu, devido à facilidade de colocação do acervo, pois esse espaço não costumava ser utilizado pelas exposições permanentes. Podemos citar, de acordo com o atual responsável, Paulo Lohmann,⁶² uma exposição sobre o centenário de Henrique Uebel, de brinquedos antigos, de implementos agrícolas, de uma sala de aula, de vestimentas antigas, dos primórdios

⁶¹ LOHMANN, Paulo. **Fundação e principais características do Museu Henrique Uebel**. Teutônia, 8 mar. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

⁶² LOHMANN, Paulo. **Fundação e principais características do Museu Henrique Uebel**. Teutônia, 8 mar. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

da telefonia no município. Como podemos perceber, essas exposições também buscam se relacionar com a colonização e o passado do município de Teutônia.

Em termos de programações culturais realizadas pelo museu, não existe nenhuma política específica. O museu, em toda a sua história, manteve-se apenas com a função de local de exposição, não buscando outros meios de interferência cultural na comunidade. As visitas recebidas costumam enquadrar-se nos momentos em que ocorrem grandes programações no Centro Administrativo, em especial na Festa de Maio, quando se comemora o aniversário do município, bem como em outras festividades que se realizem no Centro Administrativo, como o Encontro de Carros Antigos.

No ano de 2006, o museu foi visitado por aproximadamente 10.000 pessoas. A maioria das visitas (7.627, segundo os dados disponibilizados pelo responsável pelo museu) se concentrou no mês de maio, época da festa do município.⁶³ Estima-se que em 2007 o número tenha chegado a aproximadamente 15.000 freqüentadores.

O museu Henrique Uebel possui um acervo de aproximadamente 500 peças. Não existe um controle exato sobre o que lá se encontra, pois não há um Livro Tombo que registre o acervo. Atualmente, existe o interesse na catalogação das peças: durante o ano de 2007 iniciou-se um trabalho de levantamento do acervo, isto é, começa-se a ter preocupação com o controle desses materiais. Acredita-se, inclusive, que muitas peças acabaram sendo perdidas durante todos esses anos em que não se teve a preocupação de registrá-las.

O que podemos perceber é que existem principalmente utensílios domésticos, como ferros a carvão, louças, roupas; instrumentos de comunicação, como rádios e televisores; instrumentos de trabalho, como enxadas, foices; instrumentos musicais, como violino, clarinete, acordeon; materiais escolares, como lousas, canetas tinteiro, carteiras escolares. Também encontraremos referência a algumas profissões consideradas de grande importância na comunidade por permitirem o progresso na cidade, especialmente aquelas relacionadas com a agricultura. Além disso, encontramos também um considerável acervo de fotografias que retratam o município e os seus pioneiros desde os

⁶³ MUSEU Henrique Uebel recebe mais de dez mil visitas em 2006. **O informativo**, Teutônia, 31 jan. 2007, p. 11.

primeiros momentos de sua história. Como a intenção do museu é ser, também, um arquivo, lá podemos encontrar documentos referentes à colonização e aos primeiros povoadores de Teutônia, bem como os demais documentos referentes à história da cidade. O atual prefeito municipal, Silvério Luersen,⁶⁴ afirma que

o museu é de extrema importância para nossa cidade. Ele retrata parte da história dos nossos antepassados, embora não se apresente de forma ideal, por ter pouco espaço e uma certa falta de organização, manutenção e restauração, este é o único museu do município, [...]. Com uma estrutura melhor e profissionais adequados, atingirá cada vez mais e melhor os seus objetivos.

Como se percebe pelas imagens abaixo, os objetos são dispostos sem nenhum ordenamento, simplesmente são postos no espaço ou pendurados nas paredes. Não existe a preocupação com o armazenamento das peças de modo a conseqüentemente, permitir sua conservação, sobretudo pela falta de esclarecimento e também de recursos disponíveis para o museu. As etiquetas que se encontram nos objetos, que deveriam ser uma das fontes principais de informação sobre as características e os doadores das peças, estão extremamente danificadas ou são inexistentes. Vale destacar que, em grande parte das peças, as etiquetas estão coladas diretamente sobre o objeto, o que acaba aumentando o seu grau de deterioração e a sua não conservação.

Mediante as colocações acima expostas pretendemos ter trazido um painel sobre as características gerais de formação do município de Teutônia e principalmente do museu Henrique Uebel, que será analisado em maior profundidade no último capítulo do presente trabalho, quando se buscará realizar associações entre esse espaço e uma possível identidade teuto-brasileira.

⁶⁴ LUERSEN, Silvério. **Museu Henrique Uebel**. Teutônia, 25 jul. 2005. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.



Figura 12) Imagem de instrumentos de trabalho



Figura 13) Imagem de meios de comunicação e instrumentos musicais

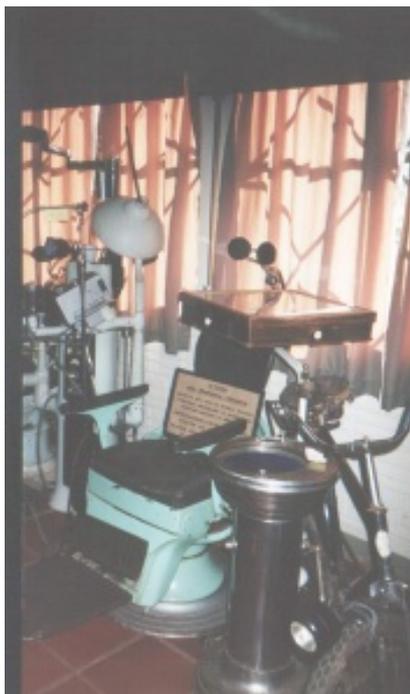


Figura 14) Imagem de um equipamento odontológico



Figura 15) Imagem de materiais escolares



Figura 16) Imagem de fotografias



Figura 17) Imagem de utensílios domésticos

3 LAJEADO – SUA HISTÓRIA

O município de Lajeado situa-se na região centro-leste do estado do Rio Grande do Sul e está inserido na região do Vale do Taquari. A cidade possui uma população estimada, segundo o IBGE-2007, de 67.513 habitantes, abrangendo uma área total de 90,14 km². Lajeado faz divisa com as cidades de Arroio do Meio, Marques de Sousa, Cruzeiro do Sul, Santa Clara do Sul, Forquetinha e Estrela. Seu PIB corresponde a R\$ 1.071.118,00 e seu PIB per capita é de R\$ 16.430,00 (IBGE, 2004).



Figura 18) Localização de Lajeado – RS ⁶⁵

As principais atividades econômicas de Lajeado estão ligadas à indústria alimentícia. A cidade é conhecida como a "capital do Vale do Taquari", tendo em vista sua importância sócio-econômica no Vale. Lajeado é considerado um pólo da alimentação, contando com grandes empresas do setor, como Avipal e Minuano (frangos), Monibel, Docile Alimentos e Florestal Alimentos (balas), e Fruki

⁶⁵ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:RioGrandedoSul_Municip_lajeado.svg. Acesso em: 20 jan. 2007.

(refrigerantes). O setor industrial corresponde a 45% da receita do município, possuindo em torno de 741 empresas (PML/2005). O comércio corresponde a 42% da receita e os serviços a 13%, reunindo aproximadamente 544 estabelecimentos. A estrutura fundiária do município está constituída por pequenas propriedades, semelhante à Teutônia, estimando-se que existam cerca de 400 áreas rurais, que ocupam, em média, 10 hectares de terras. Os principais produtos cultivados no município são o milho, o feijão, a soja e o trigo (IBGE, 2006). No entanto, a participação deste setor na economia do município é pequena, em torno de 11% da receita (PML, 2007).

A área rural do município tem diminuído seu grau de importância econômica devido à impossibilidade de sobrevivência neste espaço sem o uso de meios modernos para o trabalho com o solo, o que fez com que um grande número de pessoas se deslocasse para o centro da cidade, isto é, gerou-se um êxodo rural, fenômeno comum em várias cidades brasileiras.

Da mesma forma como percebemos no município de Teutônia, a imigração e colonização alemãs também serão fundamentais para a cidade de Lajeado. Como muitos dos aspectos referentes a esse processo já foram mencionados e analisados nos capítulos anteriores, apenas destacaremos as características referentes à esta cidade, sem novamente pormenorizá-las, pois se repetem em grande parte neste segundo caso.

As referências bibliográficas referentes a essa cidade e à sua formação são, mais numerosas, se comparadas com as disponíveis para Teutônia, pois Lajeado é uma cidade com número mais expressivo de habitantes, é considerado pólo de desenvolvimento dentro da região, e possui um centro universitário que por si só é um gerador de pesquisa e conhecimento. O que se percebe é que os trabalhos, em sua maioria, são escritos nos mesmos moldes daqueles encontrados para Teutônia, isto é, não há uma produção acadêmica disponível no momento que aborde elementos relevantes para essa pesquisa. Trata-se, como vimos, de produções de não-acadêmicos dessas cidades, que resolvem reconstruir as trajetórias de seus municípios. No entanto, esse tipo de trabalho é muito importante por nos trazer referências fundamentais sobre o início da colonização nesses municípios.

Devemos destacar o trabalho de José Alfredo Schierholdt, que possui uma produção expressiva de livros que tratam sobre temas referentes aos primórdios da história do vale do Taquari, em especial de Lajeado. Suas obras são muito importantes pois são claras em suas constatações; além disso, em boa parte de seus textos há indicação das fontes de consulta. Não podemos deixar de assinalar a importância, para o estudo da formação da cidade de Lajeado, das fontes encontradas em arquivos, tanto no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, como também nos demais arquivos eclesiásticos e escolares disponíveis. Ressalta-se a importância e a documentação existente no Arquivo Municipal de Lajeado, onde encontramos vários documentos, em especial de caráter administrativo, que se referem à trajetória de formação da cidade.

Fazer um estudo de uma cidade com as proporções de Lajeado não é tarefa fácil, pois, como pudemos perceber ela ocupa posição importante na região e em âmbito estadual. Se isto, por um lado, dificulta, por outro também instiga a realização deste trabalho, que nos permite entender melhor o comportamento que as pessoas têm em relação à sua identidade e memória, em especial teuto-brasileira.

Atualmente Lajeado comporta vários grupos étnicos e religiosos, no entanto, ainda mantém muito das características de sua colonização alemã, visíveis principalmente em sua arquitetura e costumes. Hoje se encontram na cidade pessoas de diversas regiões do Estado, que se deslocaram para lá com o intuito de melhorar sua condição de vida, sem que fossem, no entanto, descendentes de imigrantes alemães propriamente ditos. Esses grupos aumentaram a massa da população na periferia da cidade, onde as condições precárias de vida e também de violência tornam a sobrevivência penosa, levando, inclusive, a atos ilegais, como, por exemplo, assaltos e homicídios.

Como veremos a seguir, a colonização em Lajeado não se dará exclusivamente por alemães, mas também por luso-brasileiros e, mais tarde, por italianos. No entanto, as áreas ocupadas por esses grupos serão diferentes. Posteriormente tais áreas serão desmembradas e formarão novas cidades. Esse é o caso das áreas mais afastadas do centro da colônia, localizadas em sua parte mais alta, nas quais se fixarão os imigrantes italianos, pois as áreas mais privilegiadas e próximas ao rio Taquari já se encontravam ocupadas pelos primeiros grupos de imigrantes alemães.

A colonização de Lajeado inicia no ano de 1855, quando Antônio Fialho de Vargas funda a Colônia Conventos:

Colônia fundada em 20 de março de 1855 por Baptista Fialho e Companhia na sua fazenda denominada Conventos na margem direita do rio Taquary no município do mesmo entre os arroios Forqueta, dos Moinhos ocupando uma área de 7.262.500 braças quadradas, divididas em 49 colônias cada povoadas com casais.⁶⁶

Estas terras são adquiridas de José Inácio Teixeira, que as havia comprado em 1830 (FALEIRO, 1996). Aparecem na documentação os registros da compra de dois lotes de terras, no primeiro Fialho de Vargas compra uma área em nome da empresa imobiliária Batista Fialho & Companhia,⁶⁷ e no segundo consta como proprietário individual:

Declaração para registro de terras, Batista Fialho e Companhia possuem por título de compra, nesta freguesia de Santo Amaro, duas fazendas unidas: uma, denominada Conventos, [...] e com a referida segunda fazenda denominada do Carneiro ou Lajeado.⁶⁸

Declaração para registro de terras que Antônio Fialho de Vargas possui por título de compra, nesta freguesia de Santo Amaro uma data de terras com mil e trezentas braças de superfície. [...] Freguesia de Santo Amaro, quinze de Julho de mil oitocentos e cinquenta e seis.⁶⁹

Fialho de Vargas inicia o processo definitivo de colonização dessas terras demarcando e vendendo os lotes aos primeiros imigrantes que se deslocam para aquela região. Segundo documentos referentes à colônia Conventos encontrados no AHRS, podemos perceber que no início da década de 1860 a área achava-se quase toda dividida em lotes coloniais, que eram vendidos a colonos tanto nacionais como estrangeiros. Podemos perceber, mediante estas fontes, que ocorre um razoável crescimento do

⁶⁶ **Relatório ao Major João da Cunha Lobo Barreto.** 24.08.1861. AHRS.

⁶⁷ A empresa era formada por João Batista Soares da Silveira e Souza, casado com Ana Joaquina de Jesus; Manuel Fialho de Vargas; Antônio Fialho de Vargas (SCHIERHOLDT, 1992 p. 65-66).

⁶⁸ **Documento referente à Colônia Conventos.** 18.12.1863. AHRS.

⁶⁹ **Documento de compra de terras.** AML.

número de habitantes durante as duas primeiras décadas, 231 pessoas (1855),⁷⁰ 309 (1861),⁷¹ 386 (1863),⁷² 408 (1864),⁷³ 500 (1869).⁷⁴

Nos documentos referentes à Colônia Conventos listados acima, encontramos referência à existência de ferreiros, marceneiros, sapateiros e demais ofícios, mas os colonos, em sua maioria eram agricultores que produziam principalmente feijão, milho, batata, trigo e cevada, sendo que “a colônia somente tem exportado milho, feijão e batata porque os mais gêneros que cultiva ainda não chegam para seu consumo”.⁷⁵ Em 1863 a produção em sacas de feijão era de 2714, de milho, 4530, e de batata, de 950.⁷⁶

Em 1860 Fialho de Vargas envia relatório à Secretaria do Governo, em Porto Alegre, destacando que:

A colônia prospera com a concorrência voluntária dos colonos nacionais e estrangeiros que buscam a sua aquisição. De julho de 1859 a julho do corrente ano, nasceram 9 e faleceu 1. A colônia foi aumentada neste período com mais de 10 fogos, compreendendo 40 colonos: ressent-se da necessidade de uma aula de instrução e de uma pequena capela para o culto.⁷⁷

Quando analisamos os nomes dos primeiros imigrantes alemães que adquirem terras em Lajeado nas fontes referentes à entrada de imigrantes para o Rio Grande do Sul⁷⁸ podemos perceber que grande parte deles se deslocou de outras regiões colonizadas por imigrantes alemães, caso semelhante ao encontrado em Teutônia, para onde somente em um segundo momento imigrantes alemães passaram a se deslocar diretamente. Ao contrário do que analisamos com relação à cidade de Teutônia, em Lajeado encontraremos colonizadores que não serão unicamente alemães, mas o que devemos ressaltar é que, devido à própria extensão das terras e à dificuldade de contato com os demais grupos imigrantes, os imigrantes alemães que ocuparão o território de Lajeado terão terras mais próximas uns dos outros. Dessa maneira, podiam ser melhor

⁷⁰ **Mapa Estatístico 1855.** AHRS.

⁷¹ **Relatório ao Major João da Cunha Lobo Barreto. Oficial Maior da Secretaria do Governo.** 24.08.1861. AHRS.

⁷² **Mapa Estatístico do ano de 1863.** AHRS.

⁷³ **Mapa Estatístico 1864. 01.12.1864.** AHRS.

⁷⁴ **Documento referente à Colônia Conventos.** 05.05.1869.AHRS.

⁷⁵ **Documento referente à Colônia Conventos.** 18.12.1863. AHRS.

⁷⁶ **Mapa Estatístico do ano de 1863.** AHRS.

⁷⁷ **Mapa estatístico 1855.** AHRS.

⁷⁸ Refiro-me aos livros de entrada de colonos para o Rio Grande do Sul. AHRS.

organizadas a vida comunitária e social e a ajuda mútua necessária nas fases iniciais de ocupação e desenvolvimento nessas terras.

Segundo Schierholdt (1992, p. 76), a colônia Conventos se encontrava dividida em Picada dos Conventos, São José dos Conventos e Picada São José. Na primeira havia a predominância de imigrantes alemães luteranos, sendo que nela também surge a primeira escola da colônia, em 1861. As aulas eram ministradas por pessoas da própria comunidade e, eventualmente, por pastores que realizavam visitas à colônia. Este dado referente à organização do espaço educacional também pode ser percebido em Teutônia, bem como nas demais áreas de imigração alemã, pois era a única forma de oferecer educação na nova terra, visto que o ensino era considerado aparentemente importante para esses imigrantes. Como podemos perceber, era nesse espaço que a aprendizagem da língua alemã ocorria, bem como a propagação de características culturais alemãs, tão importantes para a vida dessas populações.

Em São José dos Conventos havia a predominância de famílias católicas (SCHIERHOLDT, 1992, p. 76). Ressalta-se que a maioria dos imigrantes que se deslocam para a Colônia Conventos era protestante, vindos freqüentemente da Prússia, área com predominância dessa religião. Os imigrantes católicos, por outro lado, provinham das mais diversas áreas do futuro território alemão. Devemos destacar que muitos imigrantes, mesmo já residindo no Brasil, na colônia de São Leopoldo, por exemplo, costumavam com freqüência adquirir terras próximas de alguém “conhecido”. Isto é, muitos imigrantes que se deslocaram para Lajeado, mesmo não se dirigindo diretamente da Alemanha para esta colônia, procuravam ocupar áreas com as quais possuísem alguma identificação, em especial lingüística e religiosa. Existe uma grande possibilidade de que esses imigrantes preferissem comprar lotes próximos a outras pessoas “iguais” a eles e não aos “outros”, o que contribuiu para a separação em diferentes áreas quanto à opção religiosa e étnica.

Na colônia Conventos podemos perceber, como vimos acima, que existiam várias atividades profissionais, mas a maioria dos colonizadores dedicava-se às atividades agrícolas. Esse fato também aparece comumente em outras áreas, pois, na realidade, era essa a intenção do governo ao adotar uma política de colonização: incentivar a pequena propriedade de subsistência, bem como a substituição da mão-de-obra escrava pela livre.

No entanto, para a própria sobrevivência e crescimento dessas colônias era necessária a presença desses profissionais (sapateiros, marceneiros, pedreiros, professores, etc.), que certamente ocuparam posição importante na fundação dos primeiros núcleos urbanos.

Fialho de Vargas desde o início do processo de ocupação se defrontou com a necessidade de um porto que escoasse a produção e facilitasse os transportes e as comunicações, pois a colônia encontrava-se em local estratégico, na margem do rio Taquari:

A necessidade maior da colônia são trez pontes, que podem ser de madeira; e algumas estivas na margem direita do rio Taquary desde o arroio Moinho até o Castelhana na distância de trez léguas pouco mais, cujo terreno já se presta a uma boa estrada de rodagem, facilitando por este meio as dificuldades que tem o rio quando está muito seco, ou muito cheio. Esta necessidade já foi reconhecida pela Assembléia provincial em 1857; cujas obras foram arrematadas em praça, porém ficarão na pasta da Repartição respectiva até o presente.⁷⁹

A 'Cachoeira do Lajeado' não permitia a passagem de barcos maiores para atracar no 'porto' de Conventos Velho, a não ser em períodos de chuvas. Obrigava a cachoeira o desembarque de passageiros em local mais abaixo, oferecendo mais segurança às embarcações, abrigo às cargas e comodidade aos passageiros. Surgiu assim o porto de Lajeado (SCHIERHOLDT, 1992, p. 78).

Com o surgimento do porto, o desenvolvimento tornava-se evidente. Embarcações de vários locais, inclusive Teutônia e Estrela, atracavam no porto para efetuar suas transações comerciais. Inúmeras companhias de comércio procuravam estabelecer agências para armazenar fretes e depositar combustíveis (SCHIERHOLDT, 1992, p. 82). Isto é, começava a se organizar e desenvolver o comércio fluvial entre as diversas colônias próximas a Lajeado, e se buscava escoar a produção colonial para outras áreas, em especial São Leopoldo. Como consequência do desenvolvimento comercial no Rio Taquari, houve o aumento e desenvolvimento do núcleo urbano. O número de construções começou a crescer e as atividades de organização administrativa e fiscal passaram a se tornar cada vez mais necessárias para melhor organizar a colônia.

Ela é incorporada à freguesia de Estrela pela Lei 916 de 24 de abril de 1874. Mediante o desenvolvimento da colônia Conventos e outras áreas coloniais na margem direita do Rio Taquari, a freguesia de Estrela é dividida em dois distritos pela Lei 963 de

⁷⁹ Mapa geral dos Conventos organizado de 1861 até o 1. de Maio de 1862. 15.05.1862. AHRS.

29 de março de 1875, sendo a sede do 2º. distrito estabelecida com o nome de Santo Inácio de Lajeado. Pela Lei 1.044 de 20 de maio de 1876 é criado o município de Estrela, dele fazendo parte o Distrito de Lajeado (PML).

Lajeado sempre se sobressaiu em relação a Estrela, o que evidenciava a necessidade de uma separação e a formação de um município. No entanto, para Estrela, a perda de Lajeado significava uma derrota muito grande em termos econômicos e territoriais, que seria sentida fortemente nos cofres públicos. Segundo Schierholdt (1992, p. 94), o número de eleitores em 1890 indicava a distribuição da população durante este período: “No então extenso município de Estrela estavam registrados 2.608 eleitores, dos quais 558 (23%) no 1º. Distrito (Estrela), 1411 eleitores (54%) no 2º. Distrito (Lajeado) e 599 (23%) no 3º. Distrito de Paz (Teutônia).”

Mediante esse números podemos perceber a importância e a projeção que Lajeado começava a possuir, tanto que em 25 de fevereiro de 1891, através do ato 57, é criada a vila de Lajeado.⁸⁰

Conforme era há muito esperado, foi elevado à categoria de vila o lugar denominado Lajeado, segundo distrito de Estrela. Com o desmembramento deste distrito, o município de Estrela sofreu notável prejuízo, pois que era ele o de maior importância de todo o seu território.⁸¹

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Lajeado, até 20 de outubro de 1891 a nova comunidade foi administrada por uma Junta Municipal, presidida por Frederico Henrique Jaeger. Em 5 de novembro de 1891, foi empossado o primeiro Conselho Municipal, e eleito o intendente Frederico Heineck. A 20 de fevereiro de 1892 foi dissolvido o Conselho Municipal pelo então governador do Estado e nomeada uma Comissão para gerir os negócios e os interesses da comunidade. Em 19 de agosto de 1892 tomou posse do cargo de Intendente Provisório Bento Rodrigues da Rosa, que administrou o município até 1894, quando foi substituído por Joaquim de Moraes Pereira. Somente em 20 de dezembro de 1939 foi a Vila de Lajeado elevada à categoria de cidade.

⁸⁰ Prefeitura Municipal de Lajeado. Disponível em: <http://www.lajeado-rs.com.br/indexbdl.html>. Acesso em: 22 jan. 2008.

⁸¹ O TAQUARYENSE, 08.02.1891. (*Apud* SCHIERHOLDT, 1992, p. 96).

Devemos destacar que, durante o governo do intendente Francisco Oscar Karnal (1902-1908), ocorre um estímulo à colonização italiana na zona mais alta de “Lajeado”, criando o distrito de Vila Fão (SCHIERHOLDT, 1992, p. 129). Muitas dessas áreas colonizadas por imigrantes italianos serão desmembradas e formarão novos municípios como Encantado (1915) e Progresso (1989).

No início do século XX, na vila de Lajeado, havia várias escolas comunitárias. Em 1913 o número de alunos era de 4.656, sendo inclusive criada, em 1917, uma Escola Noturna gratuita (SCHIERHOLDT, 1992). Em 1924 o número de escolas já era de 98. Durante o decorrer do século perceberemos um grande desenvolvimento no campo educacional, ampliando-se cada vez mais o número de escolas e de alunos efetivamente matriculados, o que demonstra claramente um acentuado crescimento da população nas primeiras décadas do século. Em 2008, segundo dados da Secretaria de Educação, encontram-se matriculados 14.406 alunos da educação infantil ao ensino médio, em um total de 42 escolas. Ressalte-se que em 1969 começou a campanha para a formação de uma faculdade com sede em Lajeado, mas que abrangeria os demais municípios da região do Taquari. Através da Lei n. 2575, de 16:11:1972, foi instituída a Fundação Alto Taquari de Ensino Superior, FATES, em 1999 surgiu a UNIVATES, que conta atualmente com 39 cursos de graduação e com aproximadamente 7.000 alunos.⁸²

É importante destacarmos a importância da presença de escravos no início da formação da colônia. Schierholdt destaca em suas pesquisas a presença de escravos. Enfatiza inclusive que Antônio Fialho de Vargas fora padrinho de escravos e ao falecer sua esposa em 1881, na lista de bens inventariados constavam 19 escravos.⁸³ A princípio, quando analisamos os nomes de proprietários de escravos, percebemos que se tratam em mais da metade dos casos de sobrenomes luso-brasileiros, o que não impedia que os próprios colonos alemães também os possuíssem, ainda que não tivessem permissão para adquiri-los, a não ser que se naturalizassem. O autor também indica que os escravos foram responsáveis por inúmeras obras, como, por exemplo, muralhas de proteção, calçamentos, bem como pela construção de barragens.

Da mesma forma que em Teutônia, as construções em estilo enxaimel também serão encontradas em Lajeado, o que indica a importância desse tipo de construção no

⁸² Disponível em <http://www.univates.br/>. Acesso em: 22 jan. 2008.

⁸³ Livro 239-M, 101 e 102, do Cartório de órfãos e Ausentes de Taquari. APRS.

início da formação dessas cidades. Algumas dessas residências ainda existem nos dias de hoje, pois, como em Teutônia, sofreram processos de conservação e restauração, o que permitiu a sua manutenção. No entanto, a maior parte dessas construções serão encontradas no interior do município, onde a necessidade de terras para a construção de novos empreendimentos imobiliários não fora tão determinante.

Este estilo arquitetônico de edificação certamente foi estimulado pela presença em abundância de materiais necessários para sua construção, como madeiras e pedras. Tais habitações certamente buscavam reforçar e determinar as características deste grupo étnico, enquanto as casas de imigrantes italianos, por exemplo, se destacarão pelas cores acentuadas e marcantes.

Quando analisamos essas edificações percebemos que existe uma diferença importante entre as construções em enxaimel de Teutônia e as de Lajeado. Na primeira o tamanho das casas é maior, bem como o pé direito, o que indica que havia, a princípio, melhores condições financeiras para a construção de residências. Isso pode ser explicado pelo fato de Teutônia ser principalmente colonizada por colonos vindos da região da Vestfália. Já em Lajeado a região de predominância dos colonos será a do Hunsrück. Mas qual a relação dessas regiões com a arquitetura enxaimel?

Desde o período medieval europeu, o maior desenvolvimento arquitetônico se deu nas regiões em que os agricultores mais puderam-se impor à nobreza. Segundo Gunter Weimer (2005), isso aconteceu basicamente no Tirol, Bavária, Alta Suábia, Vestfália e Schleswig-Holstein:

Como o agricultor vivia da exploração da terra, o tamanho de seu lote era de importância fundamental. A legislação sobre o direito hereditário da terra era um fator decisivo. Nas regiões discriminadas, vigorava o *Anerbenrecht*, ou seja, o direito de apenas um dos filhos herdar o lote – o mais velho entre os católicos e o mais moço entre os protestantes (2005, p. 72).

Nas regiões onde vigorava a *Realteilung*, ou seja, a divisão igualitária do lote entre todos os filhos, o padrão de desenvolvimento não pôde ser atingido, é o caso das regiões do Palatinado e do Hunsrück:

[...] a terra foi demasiadamente dividida em conseqüência da *Realteilung*, transformando as propriedades no que poderíamos chamar de 'microfúndios'. Isso significa que as dificuldades econômicas sempre foram grandes na região e que a Arquitetura não teve as chances de se desenvolver como noutras regiões (WEIMER, 2005, p. 82).

As residências apresentam em grande parte a mesma disposição de casa, cozinha, galpão. Nesta primeira construção encontraremos a sala para receber convidados, realizar atividades de lazer com a família e os dormitórios. No segundo espaço, o fogão e os demais materiais necessários para a preparação dos alimentos e refeições; esta parte não mantinha ligação com a primeira a fim de evitar incêndios que pudessem destruir totalmente a residência. E em um terceiro espaço, o local para a guarda dos animais e utensílios de trabalho. É importante frisar que, em alguns casos, a experiência teria demonstrado a importância de abrigar os animais sob um anexo junto à cozinha, já que o calor do ambiente, transmitido através da parede ajudava a aquecê-los:

[...] logo a seguir, passou-se a construir um só telhado sob o qual o fogo da cozinha central aquecia o resto da moradia, por um dos lados e, pelo outro, os animais. Em tempos bem mais recentes teria-se descoberto as vantagens de anexar o celeiro à construção anterior, junto ao estábulo, visto que passaria a desempenhar a função de isolante térmico da parede, até então, externa (WEIMER, 2005, p. 83).

O problema do aquecimento certamente era muito mais determinante no clima temperado europeu do que no subtropical brasileiro. Isso com certeza foi fundamental para a incorporação de um telhado a tais espaços, que facilitava a ligação entre as diferentes áreas, favorecendo, dessa forma, sua utilização pelos colonos, especialmente em dias de chuva.

É importante frisarmos também o papel fundamental ocupado pelo pátio, pois nele o colono realizará grande parte de suas atividades, e por isso deveria ser um local agradável, que mantivesse, juntamente com as demais construções, uma certa harmonia.

Como a cidade de Teutônia, Lajeado também terá a presença de corais e grupos de danças típicas alemãs. O grau de importância dos corais é mais evidente no interior da cidade, nas áreas com feições rurais, enquanto que os grupos de danças são mais evidentes no centro da cidade. Acredita-se que isso ocorra devido, em grande parte, ao

fato de os moradores das áreas rurais não disporem de recursos para adquirir a indumentária necessária à participação nestes grupos folclóricos. Esse fator, pelo contrário, não será determinante para a formação de corais, que participam de encontros e festivais de músicas em várias regiões do estado e que são uma das únicas alternativas de lazer para as populações rurais.

Lajeado possui os grupos de danças alemãs denominados Grupo Folclórico Wilhelm Richter e Grupo Folclórico *Tanzen macht Freunde*. Ambos os grupos participam de encontros de dança em várias cidades do Rio Grande do Sul e do país e buscam reforçar as características ligadas à imigração alemã na região, em especial a sua relação com a cultura. Muitas dessas atividades artísticas e culturais são realizadas no próprio Parque Histórico de Lajeado:

O Parque Histórico de Lajeado está recebendo os últimos retoques para sediar neste domingo, dia 27, o I Encontro Infantil de Danças Folclóricas Alemãs.[...] ‘O evento promete movimentar a cidade e a comunidade está convidada a apreciar essas belas danças e trajes que fazem a alegria de muita gente. Além disso, a ação visa preservar a tradição e valorizar as raízes’, afirma a secretária.⁸⁴

Ligado a esse aspecto devemos destacar o papel desempenhado pelo Centro de Cultura Alemã de Lajeado, fundado em 14 de julho de 1992, com o objetivo de preservar e divulgar os valores culturais e a herança deixada pelos imigrantes alemães. A entidade realiza trabalhos de apoio a grupos culturais que se destinam a valorizar as características da colonização alemã no município. O centro cultural participa de trabalhos relacionados com a história de Lajeado; tradução de documentos; organização de cursos de danças folclóricas, além de realizar a Festa Anual de Dança Folclórica, denominada “VOLKSTANZFEST”:

Tem como principal objetivo estatutário promover a cultura, especialmente no que se refere aos seguintes aspectos: organizar e promover intercâmbio de grupos artísticos, nacionais e estrangeiros; incentivar o estudo, a pesquisa e a divulgação da contribuição da cultura alemã na história de nosso país, de nosso Estado e de nosso município; fomentar a restauração e conservação do patrimônio histórico e artístico do município; transmitir, através do intercâmbio cultural os valores da cultura alemã do Rio Grande do Sul e os da cultura brasileira aos países europeus de língua alemã; proporcionar aos associados, oportunidades para vivência prática, através do

⁸⁴ EVENTO regional reúne grupos do Vale do Taquari e Rio Pardo, em Lajeado. Disponível em: <http://www.lajeadors.com.br/Imprensa/D070525.html>. 25.05.2007. Acesso em: 10 jan. 2008.

cultivo das tradições, folclore e todos os valores históricos e culturais, em busca de sua identidade cultural; realizar cursos e conferências; manter biblioteca, museu e equipamentos audiovisuais.⁸⁵

No entanto, pela própria dimensão da cidade e da sua formação, também encontraremos em Lajeado outros centros culturais, representantes de outros grupos, como os centros de tradições gaúchas,⁸⁶ a Societá Italiana Tutti Fratelli⁸⁷ e o Centro de Cultura Afro-brasileira de Lajeado.⁸⁸ No entanto, essas associações não possuem uma visibilidade muito grande no município, onde, pelo que se percebe, a imigração alemã é mais valorizada e evidenciada.

A partir de Lajeado originaram-se os municípios de Guaporé, Encantado, Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul, Boqueirão do Leão, Progresso, Santa Clara do Sul, Sério, Marques de Souza, Forquetinha e Canudos do Vale. Essas emancipações políticas levaram à fragmentação da área, sendo que a cidade de Lajeado acabou concentrando-se na área próxima ao rio Taquari e ao seu entorno, enquanto que as áreas periféricas acabaram emancipando-se e formando novos municípios.

3.1 Parque Histórico de Lajeado – *Deutscher Kolonie Park*

A idéia de implementar um Parque Histórico da Colonização Alemã em Lajeado surge em 1991, durante as festividades de aniversário de emancipação política do município. O então vereador Waldemar Laurido Richter propôs a construção de um parque, que em sua visão “nascia da necessidade de resgatar a história e a cultura da comunidade lajeadense, constituída em sua maioria por descendentes de imigrantes

⁸⁵ CULTURA Alemã. Disponível em: <http://www.regiaodosvales.com.br/cidade.php?pagina=cidadecanaisitem&id=293&idc=22> Acesso em: 27 jan. 2007.

⁸⁶ CTG Galpão de Barro, CTG Bento Gonçalves, CTG Clube de Laço, CTG Entrevero Charrua, CTG Esteio da Tradição, CTG Porteira do Vale, CTG Querência Nativa, CTG Tropicilha Farrapa.

⁸⁷ Criada em 1992, é uma entidade recreativa que busca promover os valores culturais da imigração italiana através de danças, jogos, canto, gastronomia.

⁸⁸ “Uma conquista. Assim foi definida a inauguração do Centro de Cultura Afro-brasileira de Lajeado pelo presidente da entidade [...] Lajeado agora sedia o primeiro Centro de Cultura Afro-brasileira da região do Vale do Taquari, com o objetivo de cultivar os costumes e a cultura dos afro-descendentes e valorizar a trajetória de lutas e vitórias do povo negro na construção do país. A prefeita Carmen Regina Pereira Cardoso ressaltou a importância de apoiar e valorizar todas as etnias. ‘O município de Lajeado é grande e cresce sempre mais por causa da miscigenação existente aqui. Esse centro é o exemplo de que juntos podemos tornar um sonho realidade, proporcionando esse ponto de encontro para os afro-descendentes’, declarou ela” (INAUGURADO, 2007).

alemães, que foram pioneiros na colonização do município” (COLLISCHONN, 2001, p. 20).

No entanto, somente em 1997 a idéia começa a sair do papel e é iniciada a sua implementação. Segundo Wolfgang Collischonn,⁸⁹ neste ano se realiza um inventário fotográfico que buscou cadastrar casas e prédios de antigos imigrantes pioneiros de Lajeado, pois as casas em estilo enxaimel que existiam no município possuíam uma importância cultural e histórica muito grande e por isso deveriam ser preservadas, além de ser esse estilo de construção um exemplo representativo da cultura e dos hábitos dos primeiros imigrantes alemães que se deslocaram para a região. Tais casas com certeza eram facilmente identificadas como sendo casas de alemães.

Em um primeiro momento, com auxílio da administração municipal, foi realizado o levantamento que durou aproximadamente um ano. Através dele foram encontradas 140 casas ou edificações que apresentavam as características deste estilo arquitetônico. Além disso, as casas foram fotografadas e se procurou conhecer mais sobre a história de seus moradores. Essa pesquisa deu origem ao livro “Enxaimel em Lajeado”, no qual aparecem as imagens das casas com um breve histórico de sua utilização ao longo das décadas.

Vários donos dessas casas demonstravam o interesse de se desfazer delas, muitas vezes por motivos financeiros ou pela necessidade de espaço para a construção de outras obras. Segundo Collischonn,⁹⁰ freqüentemente afirmavam: “Nós vamos demolir, construir um chiqueiro, qualquer dinheiro serve para levar, é só deixar o terreno limpo.” Essas eram falas comuns que foram aparecendo no decorrer do levantamento e que reforçaram ainda mais a idéia de transferir essas edificações, sob risco de demolição, para um local único, que buscasse representar uma colônia típica de imigração alemã. Surge naquele momento a idéia de implementar o *Deutsche Kolonie Park*. Como o próprio nome destaca, uma colônia alemã, onde se pudesse encontrar todos os elementos típicos representativos dos primeiros colonizadores que se deslocaram para a cidade de Lajeado:

Através do patrimônio natural e histórico-cultural e infra-estrutura existente em Lajeado e região, legado pelos imigrantes alemães no Estado do Rio Grande do Sul, especificadamente no Vale do Taquari, teremos todos os recursos necessários para a implementação da atividade turística nesta região, que

⁸⁹ COLLISCHONN, Wolfgang Hans. **Parque Histórico de Lajeado**. Lajeado, 18 dez. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

⁹⁰ COLLISCHONN, Wolfgang Hans. **Parque Histórico de Lajeado**. Lajeado, 18 dez. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

planejada devidamente será capaz de atrair uma melhor qualidade de vida à comunidade regional. Diante desta realidade promissora se faz necessário o trabalho de resgate e valorização da história e cultura legada por nossos antepassados alemães, que deixaram marcas visíveis até hoje encontradas no território de Lajeado, que são identificadas na arquitetura, nas manifestações artístico-culturais, na gastronomia típica e em outras manifestações, com o intuito de desenvolver nos distintos receptores a auto-estima necessária para a sua preservação. A partir daí, transformar essas riquezas num grande e audacioso empreendimento turístico capaz de gerar renda e emprego à comunidade local, que será refletido em âmbito regional (COLLISCHONN, 2001, p. 30).

Em 21 de setembro de 1997 surge a Associação dos Amigos do Parque Histórico da Colonização Alemã *Deutscher Kolonie Park*. Essa associação tinha por finalidade o resgate da história da imigração alemã e das primeiras comunidades teuto-brasileiras do município, promovendo:

A reconstrução e recuperação de prédios antigos, típicos da arquitetura dos imigrantes de origem germânica que colonizaram o município de Lajeado e região, em parque público;
Instalação de museu de objetos utilizados pelos imigrantes germânicos, biblioteca e de oficinas típicas do artesanato colonial da época da imigração;
Criação de espaços para atividades artísticas, culturais e de lazer, com salão para danças folclóricas, restaurante típico, com finalidade de tornar o parque atração turística regional, com incentivo ao próprio turismo cultural e histórico;
Realizar cursos e conferências;
Proporcionar aos associados, oportunidades para vivência prática através do cultivo das tradições, folclore, enfim, todos os valores históricos e culturais em busca de identidade cultural;
Incentivar o estudo e a pesquisa e divulgação da contribuição alemã no Rio Grande do Sul, mantendo um arquivo histórico das famílias colonizadoras e descendentes;
Incentivo às entidades do Município que se dedicam ao cultivo e preservação das tradições dos imigrantes germânicos, oferecendo-lhes apoio e espaço para desenvolverem suas atividades;
Elaboração e manutenção de um minucioso cadastro de todos os prédios históricos da arquitetura teuto-brasileira da região e estimular seus proprietários a preservá-los;
Manter um cadastro atualizado das entidades que se dedicam à cultura alemã na região (COLLISCHONN, 2001, p. 19).

A Associação teve uma grande importância nas primeiras fases de implementação do projeto, pois buscava encontrar subsídios financeiros para a obtenção dessas construções. As primeiras aquisições, inclusive, foram feitas pelos próprios associados. É importante destacarmos que os membros dessa sociedade eram principalmente descendentes de imigrantes alemães que acreditavam ser de extrema importância a valorização e a divulgação desta etnia no município.

O local escolhido para o estabelecimento do futuro parque era um espaço de terra pertencente à prefeitura municipal de Lajeado, localizado em região privilegiada da cidade, ao lado do parque de eventos do município, o Parque do Imigrante, e até então não estava sendo ocupado para outras finalidades.

A partir do levantamento feito se procurou elaborar um esboço do que seria a parte física do parque, isto é, a definição dos prédios e a sua distribuição no espaço para a formação de uma típica colônia alemã. Posteriormente confeccionou-se uma planta baixa dos prováveis prédios a serem transferidos para a área do parque e futuramente adquiridos mediante doações, patrocínios, ou compra. Buscava-se também inserir o parque nos demais pontos turísticos da cidade, incrementando dessa maneira essa atividade em Lajeado.

Durante aproximadamente dois anos as pessoas envolvidas no projeto, tanto da sociedade de amigos como da secretaria de cultura e turismo, buscaram subsídios para a aquisição dessas casas e de objetos que pudessem compor internamente essas edificações. A idéia original era transformar cada uma das casas em locais que representassem integralmente espaços de vivência dos imigrantes. Ou seja, na serraria, dever-se-ia encontrar todo um contexto que fizesse referência a esse ofício, no entanto, para isso eram necessárias doações e aquisição de vários tipos de acervos, objetos, utensílios, móveis, livros e demais materiais.

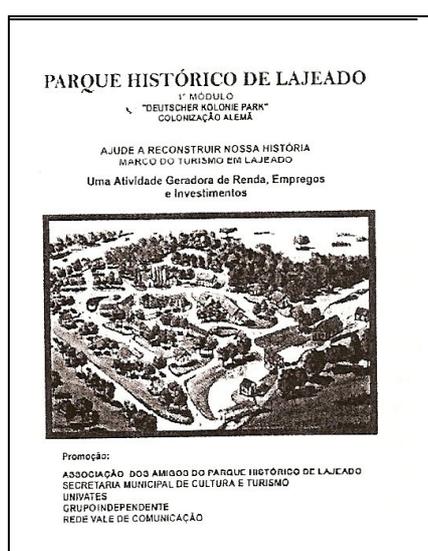


Figura 19) Folheto para campanha de arrecadação de acervo interno, 1999

O primeiro prédio reconstruído no Parque Histórico foi uma escola comunitária, viabilizado com fundos oriundos de doações. Posteriormente outros prédios foram sendo reconstruídos no parque e se configurando no espaço.⁹¹ É importante destacar que algumas casas foram trocadas por quantias de tijolos, doadas, adquiridas pela própria prefeitura ou por famílias que buscavam transformar essas edificações em futuros museus familiares e representativos de diferentes profissões ligadas ao imigrante alemão, e por outras instituições como a ACVAT (Associação dos Comerciantes do Vale do Taquari), que buscava implementar a idéia de uma casa do viajante, e como o banco Sicredi, que intencionava expor seus acervos institucionais.⁹²

Richter salientava que o parque não iria beneficiar somente a etnia alemã: “Toda a comunidade lajeadense e do Vale irá ganhar. Esta é apenas a primeira etapa visando ao salvamento dos prédios históricos do município. Deverão surgir atividades idênticas de outras etnias e que virão a fortalecer o nosso potencial turístico”.⁹³

Além da constituição física de uma colônia alemã, propunha-se que o parque tivesse uma grande quantidade de atividades artístico-culturais e gastronômicas e demonstrações de atividades efetivadas na época da colonização, servindo também como local para a realização de eventos, congressos e demais atividades de lazer.

O parque recebeu essa denominação porque na linguagem dos imigrantes e seus descendentes a pronúncia, em dialeto, de colônia alemã era “Deutsch Kolonie”. Devido a isso, e por buscar ser uma reprodução dessa colônia, não poderia haver outra denominação para sua identificação. Destaca-se que o então Ministro da Cultura, Francisco Weffort, em visita ao parque em setembro de 2001, salientou a importância da preservação da denominação original do parque, bem como elogiou a iniciativa de implementá-lo:

Em visita ao parque histórico, o ministro elogiou a iniciativa e disse que a obra deverá ser reconhecida em todo o país e no exterior. Falou com ênfase ao público presente, destacando que Lajeado deve se orgulhar deste parque, um projeto que, segundo ele, servirá de exemplo para outras etnias investirem no resgate histórico de suas origens.⁹⁴

⁹¹ As casas eram desmontadas e numeradas para depois serem reconstruídas da mesma forma no parque.

⁹² RICHTER, Waldemar Laurido. **Parque Histórico de Lajeado**. Forquetinha, 6 fev. 2008. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

⁹³ CONCLUÍDO projeto de Parque Histórico. **O Informativo - Vale do Taquari**, Lajeado, 05 nov. 1997, p. 5.

A localização do Parque Histórico de Lajeado, ao lado do Parque do Imigrante, local dos grandes eventos do município, procurava engrandecer essa iniciativa, pois o “Deutsche Kolonie Park” poderia inserir-se nesses momentos como mais uma opção de visitação.

A única construção recente que se encontra no parque é o pórtico de entrada, onde funciona sua administração, além de salas de eventos. O estilo do prédio também representa a arquitetura enxaimel teuto-brasileira, e tal obra foi viabilizada mediante o auxílio do Ministério da Cultura, que culminou com a visita do ministro ao parque em 2001.



Figura 20) Pórtico de Entrada

Quando se entra no Parque Histórico de Lajeado, logo nos deparamos com um espaço agradável de ser apreciado e visitado, principalmente por sua qualidade paisagística, pois conta com muitas árvores, flores, bancos, e um “ar de passado”, segundo alguns freqüentadores. No parque encontraremos edificações que representam um artesanato, salão de baile, café colonial, ferraria, alfaiataria, moradia que compreende casa/cozinha/galpão, praça central, pinguela, lago, moinho, gasosaria, labirinto e canchas de *Eisstock*.

⁹⁴MINISTRO elogia atenção que Lajeado dispensa à sua história. **O informativo – Vale do Taquari**, Lajeado, 29 jul. 2000, p. 9.



Figura 21) Folder-Mapa Parque Histórico de Lajeado

O parque é muito semelhante à Aldeia do Imigrante na cidade de Nova Petrópolis-RS, onde também encontraremos esse tipo de construções, que busca fazer referência à imigração alemã. O que nos chama a atenção é a presença de um labirinto, que procura ser realmente uma cópia de Nova Petrópolis, e que se propõe a representar os grandes jardins europeus, apresentando-se segundo Richter, como um atrativo a mais para a visita ao parque.

O estado de conservação dessas edificações é bom, pois sofreram e continuam a passar por constantes processos de reparações e manutenções. Grande parte das construções são exemplos típicos do estilo enxaimel, no entanto, encontraremos algumas adaptações desse estilo, o que se justifica devido à necessidade de reparos ao longo dos anos pelos antigos proprietários, que não tiveram como substituir as partes deterioradas ou danificadas por peças originais, muitas vezes pela própria falta de recursos ou de conhecimento sobre preservação.

Entre as edificações existem caminhos que levam o visitante a percorrer um determinado trajeto e a ter uma visão bastante clara sobre o espaço de exposição do parque. Logo na entrada encontraremos uma construção representando um artesanato

(2),⁹⁵ ⁹⁶ no qual os imigrantes se dedicavam a elaborar os mais diversos produtos para a comunidade. Descendo mais um pouco, encontramos o Café Colonial (5),⁹⁷ que representa a importância da culinária e da gastronomia alemã, além de uma associação rural (6), casa do viajante (7)⁹⁸ e um banco (8),⁹⁹ atividades essas fundamentais para o andamento e desenvolvimento da comunidade.



Figura 22) Casa do Artesanato

⁹⁵ As numerações que se encontram logo após as referências indicam a posição desta edificação no folder-mapa de divulgação do parque.

⁹⁶ Ano de construção: 1860; Primeiro Proprietário: Irmãos Schütz. PHL.

⁹⁷ Ano de construção: 1882; Primeiro Proprietário: Carlos Born. PHL.

⁹⁸ Primeiro Proprietário: Jacob Taffe. PHL.

⁹⁹ Primeiro Proprietário: Família Mallmann. PHL.



Figura 23) Café Colonial – Kaffeehaus



Figura 24) Associação Rural - Bauernverein



Figura 25) Casa do Caixeiro-Viajante – *Musterreiterhaus*



Figura 26) Banco - *Bauernsparkasse*



Figura 27) Placa indicativa do Banco

Além das construções acima mencionadas, também são encontradas casas que representam os ofícios de ferreiro (9), alfaiate (10),¹⁰⁰ um moinho (22)¹⁰¹ representando o trabalho daqueles que se dedicavam a moer os cereais produzidos na colônia, bem como uma gasosaria (24),¹⁰² local onde se produziam refrigerantes, atualmente uma das atividades econômicas mais importantes no município.



Figura 28) Ferraria

¹⁰⁰ Ano de construção: 1900; Primeiro Proprietário: Leopold Auler. PHL.

¹⁰¹ Primeiro Proprietário: Harry Melchers. PHL.

¹⁰² Primeiro Proprietário: Kirst & Cia. PHL.



Figura 29) Alfaiataria – Schneiverei



Figura 30) Moinho



Figura 31) Gasosaria

As demais construções encontradas no parque são uma casa típica com a separação entre casa/cozinha/galpão (15),¹⁰³ além de um salão de baile (3)¹⁰⁴ e outras edificações representando as residências dos imigrantes (4),¹⁰⁵ (11),¹⁰⁶ (14),¹⁰⁷ (16).¹⁰⁸ Também encontraremos, conforme citamos acima, uma pinguela (20) e um labirinto (18), bem como canchas de *Eisstock* (25).



Figura 32) Casa – Cozinha – Galpão

¹⁰³ Ano de construção: 1910; Primeiro Proprietário: Peter Welter. PHL.

¹⁰⁴ Ano de construção: 1920; Primeiro Proprietário: Christian Sebastiany. PHL.

¹⁰⁵ Ano de construção: 1874; Primeiro Proprietário: Ant. Friedrich. PHL.

¹⁰⁶ Ano de construção: 1870; Primeiro Proprietário: Jacob Fleck. PHL.

¹⁰⁷ Ano de construção: 1880; Primeiro Proprietário: Christian Schwingel. PHL.

¹⁰⁸ Ano de construção: 1910; Primeiro Proprietário: Wilhelm Wüst. PHL.



Figura 33) Galpão



Figura 34) Salão de Baile Troller



Figura 35) Imagem do Parque Histórico de Lajeado



Figura 36) Labirinto



Figura 37) Ponte Pencil



Figura 38) Equipamento para a prática do *Eisstock*



Figura 39) Eisstock

O jogo de *Eisstock* foi criado em 1830 nos Alpes e se desenvolveu na Europa, onde é praticado sobre o gelo. A partida pode ser disputada em equipes de 5 pessoas ou individualmente. O jogo é muito parecido com a bocha, porém, ao invés de bolas, os jogadores utilizam discos (*stocks*) com um punho, que são atirados para que fiquem mais próximos ao *dalber*, que é um disco menor. Cada cancha possui 30 metros de comprimento por 6 metros de largura. Suas bases são formadas por saibro e brita e a última camada possui concreto e cascalho, para o disco deslizar mais facilmente. Lajeado é a segunda cidade a possuir quadras deste esporte, juntamente com Santa Cruz do Sul. Os esportistas participam de campeonatos estaduais, nacionais e também internacionais, na Suíça e Áustria:

O RS, representando o Brasil obteve bons resultados. No Eisstock Europa Meisterchaft Nachwuchs (Campeonato Europeu de Eisstock de Jovens), em Flims, na Suíça, os brasileiros ficaram com o terceiro lugar nas equipes [...]. Já na disputa individual da categoria U18 (até 18 anos) Douglas Specht, entre 21 finalistas, passou à fase final, na qual faturou a oitava colocação, também muito comemorada.[...] Em Weis, na Áustria, ocorreu a competição para adultos (Eisstock Europa Meisterschaft Erwachsenen), tanto individual como por equipes. Por questões de custos a equipe masculina do Brasil foi representada por apenas um adulto, além dos jovens que jogaram na Suíça. Mesmo assim o grupo tupiniquim não fez feio. Na chave B ficou com a terceira posição entre 11 delegações, atrás apenas de Finlândia e Tchecoslováquia, mas à frente de suíços,

poloneses, croatas, e de países também sem muita tradição, como Quênia e Paraguai. A chave A, a elite, é disputada por alemães, dinamarqueses e italianos, entre outros.¹⁰⁹

Segundo Henrique Worm,¹¹⁰ funcionário do Parque Histórico, o público do parque é bastante diversificado, pessoas de várias idades, de várias cidades do estado e do Brasil, bem como, estrangeiros, mas principalmente pessoas de Lajeado que ali passam com frequência algumas horas, em especial nos finais de semana. Cita também a presença de escolas, aproximadamente quatro por mês, que passam o dia no parque e recebem informações sobre ele e sobre as casas através de uma visita-guiada organizada pela administração.

Aprender em meio à natureza e riquezas históricas. Os alunos da cidade contam desde ontem com esta oportunidade. A prefeitura, por meio da Secretaria da Educação, e o Parque Histórico assinaram pela manhã o protocolo de intenções a fim de oportunizar aos educandários maior convivência e aprendizado junto ao local que preserva a história dos colonizadores da região por aqui a partir de 1855. o programa chama-se Aprendendo no Parque Histórico.¹¹¹

A partir de 2006, o parque passou a ser administrado exclusivamente pela prefeitura municipal, sem a colaboração da associação de amigos, o que acarretou mudanças estruturais e administrativas. Anteriormente era cobrado um ingresso de R\$1,00 para a visita ao parque, taxa esta inexistente no momento. Também o número de funcionários foi ampliado. Antes da prefeitura assumir totalmente o espaço, cedia um funcionário para trabalhar no parque. No entanto, devido ao funcionamento nos finais de semana este arranjo se tornou inviável e pessoas da própria associação se dispunham a permanecer nesses períodos. A necessidade de verbas para a manutenção do parque e as críticas que afirmavam que o espaço divulgava apenas a etnia alemã, apesar de Lajeado ser colonizado também por outros grupos, passaram a enfraquecer e dificultar o trabalho no parque:

O vereador Antônio de Castro Schefer (PTB) foi o primeiro a criticar o Parque Histórico. 'Parece que na época do ex-secretário da Cultura e Turismo, Waldemar Richter, Lajeado só tinha alemães. Foi investido um monte nesse parque e a sua

¹⁰⁹ EISSTOCK – Lajeadenses comemoram desempenho na Europa. Lajeado, **Região dos Vales**, 20 março 2007. Disponível em: "<http://www.regiaodosvales.com.br/conteudos.php?p=4&id=12423>". Acesso em: 15 dez. 2007.

¹¹⁰ WORM, Henrique. **Características e funcionamento do Parque Histórico de Lajeado**. Lajeado, 05 jan. 2008. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

¹¹¹ PARQUE histórico vai virar sala de aula. **Folha Popular**, Teutônia, 14 jun. 2006.b.

manutenção exige altos custos. Além disso, ano que vem os prédios terão que ser reformados. Estamos com um pepino nas mãos. Não estou criticando, apenas dizendo a realidade.' Para Delmar Portz (PSDB), muito antes de criticar é preciso elogiar o ex-secretário Waldemar Richter.¹¹²

A solução encontrada para possibilitar a manutenção e o funcionamento do parque foi o da prefeitura assumi-lo integralmente. Uma das primeiras medidas foi a alteração de sua denominação para Parque Histórico Municipal, para assim evitar críticas de que este só se definiria como um parque de colonizadores alemães, mas sim de todas as etnias. Mesmo alterando o nome, o conteúdo do espaço manteve-se o mesmo.

Devemos destacar que o momento de maior evidência do Parque Histórico se deu quando abrigou grande parte das gravações do filme "A Paixão de Jacobina" (2002). O filme narra a história de Jacobina Maurer, líder de um grupo messiânico denominado Mucker, que passa a ser reprimido e temido pelas autoridades e pela população local:

Em 1871, na cidade de São Leopoldo, uma colônia de imigrantes alemães luta para sobreviver em uma região marcada pelos efeitos da Guerra do Paraguai. É lá que vive Jacobina Mentz (Leticia Spiller), líder de uma seita religiosa dissidente do protestantismo que é conhecida como "os Mucker". Jacobina tem visões e recebe mensagens que acredita serem de Jesus Cristo, passando então a cuidar dos pobres e desválidos. Com o passar do tempo a comunidade de seguidores dos Mucker aumenta cada vez mais, fazendo com que os líderes da sociedade local passem a discutir meios de anular o poder cada vez maior que Jacobina possui sobre a população.¹¹³

Em Lajeado, no Vale do Taquari, as gravações movimentaram a cidade. Atores globais protagonistas do filme circularam pelas ruas da cidade em meio a fãs eufóricos. Na época, Lacerda foi visto cavalgando próximo ao parque e tomando chimarrão com moradores. O Parque Histórico Municipal (Deutscher Kolonie Park), que na época ainda estava em construção, serviu de cenário para diversas cenas do longa-metragem, como o retorno de Jacobina a Sapiranga. Desde então, o local se tornou atração turística em Lajeado. Com 17 prédios em estilo enxaimel, o parque representa uma antiga colônia alemã e pretende remeter os visitantes a um vilarejo do final do século 19, com moinho, casas de moradia, salão de baile, escola e igreja (MELO, 2004).

¹¹² PARQUE histórico recebe críticas e elogios. **Folha Popular**, Teutônia, 22 mar. 2007, p. 22. c.

¹¹³ A PAIXÃO de Jacobina. **Sinopse**. Disponível em: <http://www.interfilmes.com>. Acesso em: 11 dez. 2007.



Figura 40) Folder de Divulgação do Parque

Atualmente são realizados vários encontros de grupos de danças alemãs no Salão Troller, bem como casamentos e demais atividades culturais. As salas disponíveis no parque também são utilizadas para conferências e congressos.

Muito ainda precisa ser feito no parque, principalmente com relação à configuração do interior dessas residências. Algumas já contam com objetos e outros acervos, mas nas demais eles ainda são inexistentes. Conforme Collischonn,¹¹⁴ muitas pessoas se dispuseram a ajudar e implementar algumas dessas casas, mas acabaram se esquecendo delas.

Neste capítulo foi possível verificarmos as principais características da cidade de Lajeado e do Parque Histórico, *Deutscher Kolonie Park*, associadas à imigração e colonização na região, fundamentais para a compreensão dessa dissertação.

¹¹⁴ COLLISCHONN, Wolfgang Hans. **Parque Histórico de Lajeado**. Lajeado, 18 dez. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

4 OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA E SUAS RELAÇÕES COM A IDENTIDADE

No primeiro capítulo dessa dissertação pudemos conhecer os principais conceitos norteadores dessa pesquisa. Vimos que as identidades são cada vez mais reforçadas pelo movimento de globalização e a conseqüente falta de referenciais faz com que as pessoas/coletividade procurem restabelecer ou estabelecer critérios de pertencimento a determinados grupos. Mediante isso, percebemos que um possível reflexo de tal situação será a criação de “lugares de memória”. No caso aqui analisado, esses espaços de memória e identidade podendo ser representados pelos museus.

O primeiro ponto que merece ser analisado é a conceitualização desses espaços como museus. O exemplo do museu de Teutônia, Henrique Uebel, não deixa dúvida sobre o uso do conceito, uma vez que sua própria denominação o apresenta como museu; além disso, encontra-se inserido na conceitualização de museu atribuída pelo ICOM.

O ICOM reconhece a qualidade de museu a toda instituição permanente que conserva e expõe coleções de objetos de caráter cultural ou científico com fins de estudo, educação e deleite (ESTATUTOS DO ICOM, II, 3, Paris, 1969, *apud* GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 98).

A definição de museu, ou mesmo museu ao ar livre, desde o início deste trabalho foi questionada em relação ao Parque Histórico de Lajeado. Acredita-se que esse espaço possa ser considerado como um tipo de museu, mesmo não possuindo tal denominação, pois o próprio ICOM destaca que

Além dos "museus" designados como tais, são admitidos como correspondendo a esta definição:

(I) os sítios e os monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos e os sítios e monumentos históricos que possuam a natureza dum museu pelas

suas actividades de aquisição, de conservação e de transmissão dos testemunhos materiais dos povos e do seu meio ambiente;

(II) as instituições que conservam colecções e que apresentam espécimes vivos de vegetais e de animais tais como os jardins botânicos e zoológicos, aquários, viveiros;

(III) os centros científicos e os planetários;

(IV) os institutos de conservação e galerias de exposição que dependem das bibliotecas e dos centros de arquivo;

(V) os parques naturais;

(VI) as organizações nacionais, regionais ou locais de museu, as administrações públicas de tutela dos museus tal como foram acima definidas;

(VII) as instituições ou organizações com fins não lucrativos que exercem actividades de investigação, educativas, de formação, de documentação e outras relacionadas com os museus ou a museologia;

(VIII) qualquer outra instituição que o Conselho executivo, segundo opinião da Comissão consultiva, considere como detentoras de algumas ou da totalidade das características de um museu, ou que possibilite aos museus e aos profissionais de museu os meios de fazerem investigações nos domínios da museologia, da educação ou da formação (*apud* PRIMO, 1999b).

Dessa forma, o Parque Histórico de Lajeado também pode ser considerado como um espaço museológico, bem como “lugar de memória”, pois lá se encontram elementos referentes ao cotidiano de uma população específica, isto é, os imigrantes alemães. Mesmo existindo uma política que busque valorizar e incentivar a manutenção dos prédios em seus locais de origem, não devemos menosprezar as iniciativas de restauração e recolocação dessas construções em outros espaços. Muitas vezes, se tais atitudes não tivessem sido tomadas, vários desses prédios teriam sido abandonados ou demolidos. Acredita-se que, da mesma forma que se doa um objeto para um museu, também se possa doar uma casa, uma edificação, para fazer parte de um complexo cultural que busque valorizar e transmitir determinadas características desse patrimônio. Para tanto, no primeiro capítulo, pudemos ver alguns exemplos desse tipo de empreendimento em várias partes do mundo, o que, dessa forma, não desmerece o trabalho realizado no Parque Histórico de Lajeado e possibilita vê-lo e considerá-lo como um espaço de identidade e de memória.

Nos capítulos dois e três pudemos ter um contato mais íntimo com as cidades nas quais esses espaços se encontram localizados, bem como entender de que modo surgiram e quais eram as intenções e objetivos de seus idealizadores. Percebemos que tanto Teutônia como Lajeado apresentam características de cidades colonizadas por imigrantes alemães, no entanto, em Teutônia, essas características são mais visíveis. Nesta cidade podemos verificar que os elementos atribuídos ao grupo étnico teuto-

brasileiro são mais marcantes, como, por exemplo, a língua, a arquitetura e os hábitos. Será mais comum encontrar alguém falando um dialeto alemão em Teutônia do que em Lajeado; encontraremos mais casamentos entre pessoas descendentes de alemães em Teutônia, bem como mais protestantes teuto-brasileiros comparados com o número total da população do que em Lajeado. Isso ocorre, ao nosso ver, porque Lajeado perdeu um pouco de sua especificidade de colonização alemã ao longo do tempo, se comparada a Teutônia. Devido ao fato de ela possuir uma população muito mais expressiva, o fluxo populacional de outras regiões do Estado para o município foi maior. A perda de especificidade se deu principalmente porque desde o início de sua colonização outros grupos étnicos estiveram presentes, no caso italianos e luso-brasileiros, e por mais que se reforçassem as características étnicas teuto-brasileiro, as relações com estes outros grupos podiam ocorrer com mais facilidade.

Esses contatos com diferentes grupos étnicos, especialmente italianos e luso-brasileiros, não será tão determinante e visível para Teutônia. Nesse caso, serão mais expressivos os contatos e as relações entre os próprios teuto-brasileiros, principalmente entre os descendentes de alemães que provinham da região da Vestfália e os do Hunsrück. Em Teutônia existe uma divisão clara entre as regiões ocupadas pelos diferentes grupos alemães, e é comum, como percebemos também em estudo feito no caso dos vestfalianos na Linha Imhoff-Imigrante/RS (BALLER, 2002), que dentro do grupo falem o seu dialeto (*plattdeustch*) sendo que todos o conhecem e tal conhecimento é mesmo fator fundamental de incorporação; é comum ainda o uso do *hunsrück* com os demais teuto-brasileiros, e mais contemporaneamente o uso do português com aqueles que não são descendentes ou que desconhecem o dialeto.

É importante ressaltar que, quando existe um outro grupo “diferente” a deles, os diversos grupos alemães se unem para evitar a ameaça externa, isto é, as diferenças são esquecidas e se valoriza o fato de “nós” sermos descendentes alemães, não importando nesse momento a região da Alemanha da qual provêm seus antepassados. Aqui devemos destacar que o “Outro” pode ser entendido como o “brasileiro”. Mesmo que Teutônia possua desde o início da década de 80 uma população oriunda de outras regiões do Estado, ela não se encontra em posição dominante, isto é, seus membros, segundo Elias (2000), são os *outsiders*; enquanto os antigos moradores se conhecem há várias gerações, os “novos habitantes” são estranhos não apenas para os antigos

residentes como também entre si. Os teuto-brasileiros acabam vendo a si mesmos como um grupo dominante em relação aos “de fora”, o que gera certo poder para eles. Esse poder faz com que o grupo busque demarcar cada vez mais e com mais intensidade as suas características étnicas e culturais, servindo-se, dessa forma, de espaços como o museu para propagar e tornar essas características comuns e aceitas pela maioria da população.¹¹⁵

Essa situação não se verifica em Lajeado, pois outros grupos étnicos encontram-se constituídos e organizados e buscam ocupar e demarcar espaços para também expressar as suas características. Esse fato pode ser percebido na própria polêmica existente no Parque Histórico de Lajeado, a de que ele não deveria ser apenas um parque da etnia alemã, mas também referir-se aos demais grupos étnicos existentes no município. Isto é, ao contrário de Teutônia, em Lajeado o confronto e a disputa entre diferentes grupos étnicos, especialmente italianos, é visível, pois tais grupos se encontram estabelecidos e buscam espaços para expor e demonstrar as suas características étnicas. Um elemento reforçador desse fato é a busca, por parte dos descendentes de italianos, da incorporação de construções típicas de colonizadores italianos no parque.

Em Teutônia, como o grupo *outsider* não se vê como um grupo único que compartilha características comuns, não consegue demonstrar resistência e oposição às características alemãs. Isso se verifica no próprio museu Henrique Uebel, que não é um espaço disputado, nem muito menos questionado pelos outros moradores da cidade não teuto-brasileiros como um local que privilegie apenas um grupo, uma etnia. Em alguns momentos, inclusive, especialmente quando tais moradores visitam o espaço, podemos perceber que existe a própria aceitação por parte delas das características relacionadas ao grupo étnico teuto-brasileiro expressas no museu.

No entanto, o que podemos perceber é de que em ambos os locais se busca demonstrar e evidenciar características usualmente associadas ao teuto-brasileiro, especialmente elementos de valorização do trabalho e da cultura. Nesse caso, é de

¹¹⁵ Podemos ressaltar que um elemento importante nessa pesquisa é a especificidade das coleções expostas. Enquanto um espaço privilegia inúmeras tipologias de acervo, no segundo encontraremos essencialmente construções. Esse fato talvez possa ser responsável por uma maior diversidade de visitas no primeiro local pesquisado.

fundamental importância ressaltarmos o papel desempenhado pelas pessoas que trabalham nesses locais, bem como o de seus idealizadores, pois são os responsáveis pela organização desses espaços e através da exposição de determinados acervos procuram enfatizar elementos que visam reforçar determinadas características étnicas teuto-brasileiras.

Podemos perceber que em Teutônia, segundo o responsável pelo museu¹¹⁶ muitas pessoas que doam peças procuram retornar constantemente ao local para visualizar o objeto cedido e, dessa forma, reafirmar o seu valor e a memória atribuída a ele. Memória essa muitas vezes relacionada com a infância, com a família, com a origem, com uma vida que não mais está presente, mas que se procura novamente sentir e reviver no museu. Diferentemente do caso do Museu Henrique Uebel de Teutônia, no Parque Histórico de Lajeado, como muitas casas foram compradas e outras doadas não exclusivamente com a função de preservação mas, muitas vezes, como meio de se desfazer de algo que estava “atrapalhando”, não podemos destacar com tanta evidência a necessidade de retorno ao espaço pelos que cederam suas casas. Esse fato faz com que acreditemos que o museu de Teutônia possa ser entendido como um museu muito mais “vivo” e significativo em termos étnicos, um possível espelho em que a comunidade teuto-brasileira se enxerga e é vista pelos outros. Já em Lajeado percebemos muito mais um “palco de espetáculos”, onde a valorização de características étnicas em termos turísticos é de fundamental importância, e, em menor grau, a disputa na afirmação de sua identidade étnica em relação aos demais grupos. Elemento que reforça esse aspecto é o fato de que atualmente a Associação de Amigos do Parque Histórico de Lajeado encontra-se desvinculada das atividades que ocorrem no parque, sendo que ele passou a ser administrado pela prefeitura municipal, que procurou tornar o parque não o local específico de apenas um grupo étnico, mas de todos os existentes no município. No entanto, como averiguamos, mesmo alterando a denominação do parque de *Deutsche Kolonie Park* para Parque Municipal de Lajeado, não houve mudanças em seu acervo, que continua enfatizando características ligadas aos teuto-brasileiros.

¹¹⁶ LOHMANN, Paulo. **Fundação e principais características do Museu Henrique Uebel**. Teutônia, 8 mar. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

Como analisamos nos capítulos anteriores, determinadas características étnicas são freqüentemente associadas aos teuto-brasileiros, em especial a valorização do trabalho. O imigrante alemão se encontrava inserido em uma política nacional de substituição de mão-de-obra escrava por livre, bem como, de incentivo à pequena propriedade rural em detrimento aos latifúndios. Os elementos que nortearam essa política colocaram o homem alemão no ponto mais alto da política de imigração, porque se achava que ele estava mais adaptado a este tipo de trabalho. Formou-se, nesse momento, uma representação que estabelecia um determinado valor social a este elemento agricultor e que viria posteriormente a dar forma ao conceito de colono pioneiro, que existe até os dias de hoje. No entanto, devemos destacar que os primeiros grupos de imigrantes alemães que se deslocaram para o Brasil eram grupos muitas vezes marginalizados e excluídos da sociedade. Meyer (2000, p. 170) destaca que

Pode-se, pois, supor que esta posição inicial de excluído tivesse sido uma razão importante para que eles assumissem, de modo mais intenso, a identidade socialmente valorizada de pequenos proprietários e agricultores diligentes que sustentava a política de assentamento e sua implementação no país para o qual migraram.

Com o fim da escravidão e a instituição de um sistema republicano, a noção de imigração/pequena propriedade passou a ser alterada para uma política que visava a modernização e o desenvolvimento do Estado brasileiro. Buscava-se um sujeito nacional e o imigrante deveria aparecer como fruto desse movimento. No entanto, o traço de não assimilação serviu para deslocar o imigrante da posição de agricultor bem-sucedido para a de imigrante indesejável:

O sistema familiar de produção agrícola e o modo de vida que o viabilizava também não se inseria mais, de forma tão fundamental, no projeto de desenvolvimento nacional que orientava a política brasileira, mas, ao mesmo tempo, era essa a identidade cultural que havia inscrito o grupo de modo positivo, no Brasil. É, então, compreensível que essa identidade de colono continuasse a constituir o núcleo do processo com que se busca costurar as diferenças internas do grupo, de um modo tal que estas diferenças pudessem submergir quando se apresentava, para o conjunto da sociedade brasileira, o sujeito teuto-brasileiro (MEYER, 2000, p. 177).

Chama-nos a atenção um documento referente à colônia Conventos no qual Fialho de Vargas demonstra arrependimento com a introdução de colonos europeus. Esse fato demonstra que imigrantes alemães não eram tão dedicados às atividades e ao trabalho, e

que essa noção não passou de uma construção elaborada pelo grupo para melhorar a sua imagem e legitimá-la socialmente:

[...] foi péssimo o negocio que fizemos com os colonos que mandávamos vir à nossa custa da europa, que são quase todos desordeiros, pouco activos, intrigantes e maus pagadores, a ponto de mui pouco terem pago a maior parte delles por conta de suas dividas servindo-se até da imprensa para as suas intrigas a fim de desacreditar o ex-socio gerente para com as autoridades, não obstante ser elle de toda a probidade desde a infância que estou certo. Parece-me, em minha humilde opinião, que quem quer colonizar não deve mandar vir colonos e principalmente dos que nada tem como nós. Parte da população, muitas vezes reos da polícia que há em todos os países que aproveitam as ocaçsiones que tem para se livrar deles, dando muito trabalho ao país que o recebe.¹¹⁷

Hoje podemos perceber que o conceito de colono encontra-se associado à noção de um sujeito dedicado, disciplinado, solidário, com vínculos familiares e religiosos, sendo que a contenção, o trabalho, a economia, características associadas ao sistema capitalista, fazem parte de seu mundo e de seu caráter ético. Para os descendentes alemães “ser de origem” é ter um “algo a mais” comparado aos demais grupos sociais. Eles se sentem tão “alemães” como se lá tivessem nascido, mas isso não deixa de ser um paradoxo, pois a maioria deles nunca esteve na Alemanha. São brasileiros, mas são “diferentes”, sabem acumular e construir ao seu favor elementos valorativos que os diferenciam da maioria da população, isto é, possuem uma identidade coletiva positiva que faz com que sejam suprimidos ou modificados os aspectos negativos e enfatizados apenas os que lhes interessam. Essas pessoas inclusive passam tal imagem para os demais grupos da sociedade e assim a legitimam e a tornam verdade para si próprias.

As relações de trabalho encontram-se evidentes em nossos espaços de análise, tanto no museu Henrique Uebel como no Parque Histórico de Lajeado. Em ambos podemos encontrar referências a esse aspecto. No primeiro, boa parte do acervo constitui-se de artefatos que se relacionam com o “ato de trabalhar”, desde equipamentos utilizados para esse fim, até vestimentas e demais instrumentos necessários para essas atividades. No segundo, o trabalho é evidenciado pelas construções ali encontradas, que remetem essencialmente a essas atividades (ferreiro, alfaiate, agricultor). Não se quer aqui afirmar que elementos referentes ao trabalho apenas irão aparecer em espaços

¹¹⁷ Documento referente à Colônia Conventos (27.12.1864). Conventos, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

dedicados aos imigrantes alemães; certamente aparecerão, por exemplo, em museus sobre a imigração italiana, no entanto, ao que parece, os descendentes alemães utilizaram com mais ênfase a questão do trabalho como elemento étnico característico do que os italianos.

Da mesma forma, a escola também, como característica étnica do grupo teuto-brasileiro, sempre aparece em destaque e algumas vezes é demasiadamente valorizada pelos que estudam esse grupo. Acredita-se que a escola ocupou um espaço importante no cotidiano dos imigrantes, mas a importância dada a ela pode ser relativizada, pois, como vimos, no início do processo de ocupação eram praticamente inexistentes ou o seu funcionamento se restringia aos momentos em que não havia atividades na agricultura. No entanto, pode-se concordar com o fato de que alguns grupos de alemães considerassem a educação uma prioridade, mas isso não permite tornar a escolarização uma característica universal deste grupo: “Determinadas especificidades foram universalizadas e passaram a funcionar como se fossem atributos naturais e imutáveis compartilhados por todos os homens e mulheres do grupo” (MEYER, 2000, p. 102).

Acredita-se que a ênfase dada ao ensino e à escolarização comece principalmente com a chegada de imigrantes mais intelectualizados e urbanos, como foi o caso dos *Brummer*,¹¹⁸ que se tornaram grandes incentivadores do ensino, principalmente como meio de manutenção da língua, considerada elemento étnico fundamental: “Em 1865, a maior parte dos professores das escolas de imigração alemã era *Brummer*” (KREUTZ, 1994, p. 155).

As referências ao ensino e à educação também aparecem nos espaços analisados. Podemos encontrar muitos objetos que remetem a essa atividade no Museu Henrique Uebel, como, por exemplo, canetas tinteiro, lousas, carteiras, livros, cadernos, uniformes, além de uma série de fotografias que representam a educação e o ensino nessa cidade. No exemplo de Lajeado, a primeira construção transferida para o parque foi a de uma escola comunitária, sendo que ela se encontra em evidência na área inicial do parque. Nesse sentido, devemos entender que o espaço educativo é como uma construção social que se cria como “um produto de cada tempo e suas formas construtivas são, além dos

¹¹⁸ Alemães-novos, que passam a exercer papel fundamental no desenvolvimento da escola e demais áreas culturais, em especial como incentivadores do associativismo e da participação política (KREUTZ, 1994, p. 155).

suportes da memória coletiva cultural, a expressão simbólica de valores dominantes em cada época” (MEYER, 2000, p. 161). Dessa maneira, pode-se afirmar que o espaço pode ser considerado como atribuído de valores porque cria e recria representações e, nesse sentido, encontra-se relacionado com a produção da identidade e da memória. Como afirma Jeudy (1990), o distanciamento dos objetos no tempo e no espaço os transforma em objetos de desejo e de identificação.

Outro elemento que constantemente aparece nos estudos sobre identidades étnicas e que muitas vezes é visto como uma de suas principais características é a língua. Ela aparece, como pudemos perceber, como aspecto central para a manutenção de uma “cultura germânica” e para isso a própria escola e também a religião possuem um papel importante.

Nós precisamos ter escolas com língua, canto e religião alemãs, ou estaremos serrando o galho sobre o qual estamos sentados (nós precisamos ter nossas escolas comunitárias e confessionais se não quisermos fechar também as nossas igrejas). Para nós, alemães evangélicos ou católicos, a fundação de escolas particulares para os nossos filhos é uma questão de sobrevivência e nenhuma família alemã deveria eximir de mantê-las (Deutsche Post, *Apud* MEYER, 2000, p. 108).

A língua é o primeiro aspecto que aparece em um momento de contato com esse grupo e certamente o uso de determinado dialeto também é fator de separação em seu interior. A língua aparece aqui como um elemento de separação entre um grupo e outro de teuto-brasileiros. É importante salientar, contudo, que sempre que um outro grupo não teuto-brasileiro se coloca em oposição aos grupos teuto-brasileiros, estes últimos se juntam e passam a se ver como pertencentes a um mesmo grupo:

Eu sou vestfaliano, falo assim com a minha família, em casa. Quando vou pra outro lugar até falo o outro alemão, mas quem eu sei que fala o vestfaliano, eu falo. Eu só esqueço que eu sou vestfaliano e digo que eu sou alemão quando vem esses brasileiros e gringos se mete com a gente.¹¹⁹

A referência feita a “gringos”, diz respeito aos descendentes de imigrantes italianos, que mantêm contato com os grupos teuto-brasileiros em diferentes ocasiões e situações. Podemos ressaltar que talvez os descendentes de alemães utilizassem mais

¹¹⁹ Agricultor, 35 anos, Teutônia.

enfaticamente a língua como distinção social do que os italianos, pois a língua italiana podia ser melhor compreendida pelos brasileiros, ao contrário da alemã.

Como vimos, a manutenção da língua tem diminuído nos últimos anos, principalmente devido aos casamentos interétnicos, à proibição da fala do alemão durante a política de nacionalização do Estado Novo, mas também devido ao deslocamento de muitas pessoas para a cidade, em busca de trabalho. Antigamente os jovens permaneciam muito mais no interior, como trabalhadores rurais, do que hoje. É comum, quando se percorre esses locais, encontrar propriedades em que os mais velhos, geralmente pais ou avós, trabalham na terra e os seus filhos, nas fábricas da cidade. Esse deslocamento levou muitas vezes à necessidade da aprendizagem do português e criou o intento de perder o sotaque característico da condição rural. Isso é visível quando o colono entra em contato com um ambiente diferente do habitual, no qual muitas vezes existe a exigência do português ou de um tipo de alemão “mais correto” que terá como consequência uma diferenciação entre o teuto rural e o urbano. Coradini (1996) analisou essa questão em relação aos italianos, mas sua análise pode ser estendida para o grupo teuto-brasileiro, em especial, quando confere a esse grupo

uma identidade [...] enquanto um determinado estilo de vida incorporado e internalizado, decorrente de trajetórias e condições sociais nas ‘colônias’ e que no limite, pode apresentar-se inclusive como uma espécie de ‘identidade envergonhada’, onde o principal estigma é a noção de ‘colono’ (CORADINI, 1996, p. 37-38).

Tanto no museu de Teutônia como em Lajeado a valorização da língua é importante. No primeiro encontraremos inúmeros materiais escolares, musicais e também documentos escritos em língua alemã, principalmente gótica. Além disso, muitos objetos do acervo também se encontram assim denominados. No Parque Histórico de Lajeado as próprias casas são identificadas pela sua nomenclatura alemã, e o próprio uso desse recurso, como vimos, foi valorizado pelo ministro da cultura e também aparece nas conversas com os frequentadores do espaço:

Acho muito importante as casas estarem com os nomes em alemão, pois assim a gente sabe como que era.¹²⁰

¹²⁰ Comerciante, 30 anos, Lajeado.

Penso ser muito bom para as crianças que as casas tenham seus nomes em alemão, assim eles aprendem isso, coisa que é muito importante.¹²¹

Nos dois espaços é importante que as pessoas que trabalhem nesses locais tenham algum conhecimento de “alemão”, pois são comuns as visitas de pessoas do interior do município e de outras cidades que falam dialeto. Conforme o declarado tanto pelos funcionários do Museu Henrique Uebel como pelos do Parque Histórico, muitos alemães também visitam esses espaços, o que requer o domínio, ao menos razoável, dessa língua.

Em ambas as cidades pudemos perceber referências à utilização de mão-de-obra negra, e quem sabe por parte dos próprios imigrantes. O que se questiona neste momento é se, uma vez que os museus buscam retratar o cotidiano da vida dos imigrantes durante o início de sua ocupação e colonização, não seria necessário fazer também referência à presença de negros, e sem dúvida nenhuma à de populações indígenas, que também eram comumente encontradas nessas fases iniciais de colonização. Em nenhum desses espaços aparece sequer uma única referência à possível presença de negros e índios. Mas por que se omitiu este fato? Principalmente porque a intenção da colonização era substituir o sistema escravagista no Brasil e, assim, não se admitia que aqueles que vinham em substituição aos escravos também se valessem da escravidão. Logo, podemos ver que esse dado é omitido pelos “lugares de memória”, pois isso não interessa ser lembrado. O que veremos é que ocorre a construção e invenção de um passado (HOBBSAWN), no qual o aspecto entendido como positivo é o valorizado. Muitas pessoas sequer têm conhecimento da possível existência de negros durante as fases iniciais de ocupação:

Antigamente não tinha negro aqui, acho que tinha só uns bugres, sabe índios. Os negro vieram há poco tempo pra trabalha aqui.¹²²

Nunca fiquei sabendo que tinha negro aqui. A gente é que veio primeiro.¹²³

¹²¹ Professora, 38 anos, Lajeado.

¹²² Operário, 42 anos, Teutônia.

¹²³ Pedreiro, 27 anos, Lajeado.

Outro elemento que aparece em evidência nos estudos sobre o grupo teuto-brasileiro é o cuidado com o lar, a moradia. A casa é um ambiente de vivência e de convivência, que costuma ligar os espaços com o tempo, os objetos e proporcionar uma identidade comum, vivida entre os membros da família. A casa é um elo que liga a memória e a cultura: “A casa é um dos pólos de integração entre pensamentos, lembranças e sonhos” (LUCENA *apud* ROSSETO, p.115). Seus objetos, tanto internos como externos, relacionam-se com a noção de pertencimento, de convivência, e, dessa forma, criam a idéia de identidade.

Em ambos os espaços ocorre uma valorização do lar, da moradia. Percebe-se a preocupação em manter os espaços limpos, arrumados, com flores. Ou seja, a questão da aparência é muito importante. Isso não quer dizer que os demais grupos evitassem ou desconsiderassem esse elemento, mas ele sempre é evidenciado como sendo uma das características do grupo teuto-brasileiro. Em outras cidades igualmente ocupadas por imigrantes alemães, como Nova Petrópolis, também percebemos esse tipo de ênfase dada à questão da “beleza do lugar”. Como ressalta Seyferth (1990, p. 47),

Mas o que dá uma aparência específica à casa do colono, qualquer que seja sua origem, é a presença de um jardim, por mais modesto que se apresente. O jardim na parte da frente da casa e a horta nos fundos (ou quintal) costumam ser recorrentes nas propriedades rurais. [...] Nos centros maiores a horta tende a desaparecer, mas o estereótipo do jardim permanece, mesmo quando ele não existe [...] Na verdade, a presença de uma pequena área destinada ao cultivo de flores, na frente da casa, é um costume mantido nas regiões de imigração, costume particularmente cultivado por teuto-brasileiros.

Neste ponto também é fundamental destacarmos a importância do estilo enxaimel que se encontra presente nos dois espaços de estudo. Tal fato destaca mais uma vez a importância desse tipo de construção como característica desse grupo étnico e por esse motivo, é visivelmente distinguido pelas demais pessoas. Mas se sabe que este estilo não era o único tipo de construção empreendida pelos imigrantes. O enxaimel será mais característico das regiões ocupadas por colonos vestfalianos. Mas, como constatamos, não foi somente esse grupo que se deslocou para as regiões analisadas. No entanto, o fato de que os outros grupos teuto-brasileiros não apresentavam, em suas construções, características muito distintas das construções de outros grupos étnicos fez com que o estilo enxaimel fosse mais valorizado e se tornasse determinante como identificador do

grupo teuto-brasileiro. Contudo, como ressalta Seyferth (1990, p. 47), nem mesmo o enxaimel pode ser considerado um verdadeiro estilo de edificação:

Não existe no Sul do Brasil um estilo arquitetônico “alemão” ou “italiano”, e muito menos “europeu”. Considerar Blumenau ou Joinville como cidades “alemãs”, ou Caxias do Sul como cidade “italiana”, ou o Sul do Brasil como “europeu”, por causa da intensidade da imigração, é exagero. São apenas cidades e regiões diferentes do que costumamos considerar como “brasileiro”. A necessidade de marcar a “origem” dos habitantes de certas cidades faz com que hoje, em nome do turismo, sejam incentivadas construções em estilo supostamente “alemão” ou “italiano”.

Para Ricoeur (1998), a memória não é necessariamente apenas analisada pelas fontes escritas, mas também pelos monumentos. O autor destaca que a memória dos monumentos (arquitetura/construção) se expressa tão bem quanto a memória dos textos. Assim como a arquitetura não se limita ao espaço, a narrativa não se restringe ao texto. A memória está presente em ambas, inscrita como testemunho, fundindo espaço e tempo através da construção da narração. É importante destacar que o espaço da memória é essencialmente um espaço de interação. Ribeiro (*apud* ROSSETO, 2005, p. 13) enfatiza que

O homem e seu espaço têm entre si uma relação indissociável. O ambiente físico, ou lugar, é onde estão impressas as marcas de construções da história pessoal e também da história coletiva: saberes, usos e costumes, mitos, ritos, as formas de manifestar tensões e aspirações.

A memória atribui valores na relação que se estabelece entre o objeto material e a sua representação. Ela tem o poder de criar um imaginário que pode ser compartilhado quando se evoca a sua dimensão simbólica, pois tem o poder de mexer com os sentimentos das pessoas. Um grupo étnico não permanece com suas atribuições culturais estáticas, elas se modificam conforme o contexto e os grupos em que se encontram inseridos. As comemorações, os monumentos da memória e os próprios objetos auxiliam na formação de uma identidade individual. Os objetos possuem esse grau de importância pois, quando buscamos relembrar, estão sempre prontos, esperando nossas interpretações de eventos passados. Meneses (1999, p. 93) destaca que:

Dissemos que o universo da cultura é o universo da escolha, da opção e, portanto, do sentido, do valor. Mas conviria observar que os valores que qualificam os objetos, práticas e idéias não são imanentes, não surgem a partir desses mesmos

objetos, práticas e idéias. Aquilo, por exemplo, que chamamos de bens culturais não tem em si sua própria identidade, mas a identidade que os grupos sociais lhe impõem.

Outro elemento geralmente associado ao grupo teuto-brasileiro é o aspecto religioso. No caso das cidades analisadas, podemos perceber a predominância de imigrantes luteranos, enquanto as comunidades católicas formam-se posteriormente, na metade do século XX. A posição ocupada pelos imigrantes luteranos foi muito mais difícil do que a dos católicos, pois ao menos estes últimos possuíam algo em comum com o Brasil, isto é, confessavam a religião nacional oficial. Segundo Fauth,

Na chegada ao Brasil o alemão tornara-se, na melhor das hipóteses, um cidadão de segunda classe, sendo católico. Se protestante, era quase nada! Juridicamente, apenas um pouco acima do escravo, considerando-se que tinha o direito de propriedade e de trabalhar livremente (2005, p. 67).

Talvez esse possa ser considerado mais um fator de identificação e de reafirmação do grupo teuto-brasileiro evangélico, pois a religião nunca se encontrou dissociada dos demais aspectos relacionados aos imigrantes alemães que ocuparam as regiões analisadas. De acordo com Seyferth (1976, p. 196):

Para a igreja protestante, o grupo étnico e o grupo religioso praticamente se confundem e da sobrevivência de um depende a sobrevivência do outro; para os católicos, a religião vem em primeiro lugar, o que não impediu a manutenção de valores do seu grupo étnico.

No Parque Histórico de Lajeado não aparecem características diretamente relacionadas com a religião. Somente podemos fazer referência à utilização da construção da gasosaria como igreja nas gravações do filme “A paixão de Jacobina”, no entanto, aparece nos relatos dos entrevistados a proposta do estabelecimento futuro de uma igreja na área do parque. O museu Henrique Uebel, por também possuir um acervo diferente do exposto em Lajeado, apresenta mais elementos representativos deste aspecto. Lá encontraremos fotografias, materiais utilizados para as atividades da igreja, hinários e demais documentos relativos ao caráter religioso do município, sempre enfatizando a importância da religião, fator fundamental para a formação e desenvolvimento do município.

Certamente os elementos característicos mais visíveis serão as atividades culturais, artísticas e associativas encontradas nestes espaços, que demonstram a sua importância na formação de uma identidade comum para esse grupo. Elementos como a dança, as festas, a música, as atividades esportivas são valorizados nesses “lugares de memória”. Tanto em Teutônia como em Lajeado existe uma valorização deste aspecto, destacando a importância destas atividades para a socialização dos colonos. Encontraremos no primeiro caso inúmeras referências a instrumentos musicais, partituras, grupos de tiro e caça, corais, grupos de danças. Bem como, no segundo caso, a própria importância e destaque ocupado pelo salão Troller, um salão de bailes.

É importante destacar que os grupos de danças alemãs são criações recentes, ou seja, não se tratava de atividade comumente realizada na colônia. Essa atividade cultural pode ser considerada como uma nova característica do grupo e surge devido à necessidade de demonstrar elementos culturais como fator de identificação e diferenciação dos demais. Como vimos, a língua tem deixado de ser o elemento decisivo de identificação desse grupo, sendo substituída em sua função de elemento étnico determinante pela “origem alemã”.

Também devemos destacar a existência, no parque de Lajeado das canchas de *eisstock* e de um labirinto. Esses dois espaços são vistos como incentivadores e diferenciais em termos turísticos. Pois, segundo Waldemar Richter,¹²⁴ “sempre se pensou em ter atrativos a mais para que as pessoas visitassem o parque”. Estes espaços demonstram a necessidade da elaboração de novas características para esse grupo, características que, grande parte das vezes, encontram-se associadas ao turismo, ao aumento do poderio econômico. Isto é, o museu passa a ser um local para fixar as identidades e também para gerar recursos financeiros, tornando-se, dessa forma, um “bom negócio”.

Ambos os “lugares de memória” analisados encontram-se em áreas privilegiadas nas respectivas cidades. O museu Henrique Uebel localiza-se no Centro Administrativo de Teutônia, local onde se concentram as atividades administrativas do município e onde se realizam as principais festas da cidade. Da mesma forma, o Parque Histórico de Lajeado

¹²⁴ RICHTER, Waldemar Laurido. **Parque Histórico de Lajeado**. Forquethina, 6 fev. 2008. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

situa-se em área nobre do município, próximo ao parque de eventos da cidade, o Parque do Imigrante. Nos dois casos, podemos perceber que a posição geográfica determina a importância que tais locais possuem e a facilidade de acesso a esses espaços.

Também é marcante nos dois casos, mas principalmente no Parque Histórico de Lajeado, a importância atribuída ao turismo e a necessidade de adquirir dividendos através do uso destes espaços. O museu Henrique Uebel encontra-se inserido na Rota Germânica, rota turística existente no município e que busca demonstrar alguns dos elementos típicos atribuídos aos imigrantes alemães. No entanto, de acordo com um de seus organizadores,¹²⁵ atualmente o número de visitantes é inferior ao de outros anos, quando eram comuns excursões semanais para visitar os principais pontos turísticos. Também nos discursos de formação e instituição do Parque Histórico de Lajeado o turismo foi sempre evidenciado e aparece continuamente como elemento importante na fala dos entrevistados.

Através do patrimônio natural e histórico-cultural e infra-estrutura existente em Lajeado e região, legado pelos imigrantes alemães no Estado do Rio Grande do Sul, especificadamente no Vale do Taquari, teremos todos os recursos necessários para a implementação da atividade turística nesta região, que planejada devidamente será capaz de atrair uma melhor qualidade de vida à comunidade regional.[...] A partir daí, transformar essas riquezas num grande e audacioso empreendimento turístico capaz de gerar renda e emprego à comunidade local, que será refletido em âmbito regional (COLLISCHONN, 2001).

Era importante ressaltar a importância que o parque teria como meio de gerar renda com o seu turismo para Lajeado.¹²⁶

A questão do turismo sempre foi importante no parque histórico.¹²⁷

No parque histórico podemos perceber um fluxo maior de turistas devido, em parte, à facilidade de acesso e, por outro lado, ao próprio incentivo da prefeitura em campanhas de divulgação dos pontos turísticos de Lajeado. É interessante ressaltar que ambos os espaços localizam-se próximos à BR 386, no entanto, o acesso ao Parque Histórico de

¹²⁵ FEINE, Ivo. **Rota Germânica de Teutônia**. Teutônia, 15 maio 2006. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

¹²⁶ RICHTER, Waldemar Laurido. **Parque Histórico de Lajeado**. Forquetinha, 6 fev. 2008. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

¹²⁷ COLLISCHONN, Wolfgang Hans. **Parque Histórico de Lajeado**. Lajeado, 18 dez. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

Lajeado é facilitado pelo fato de se encontrar a poucos metros da rodovia, enquanto o acesso ao Museu Henrique Uebel de Teutônia se dá por uma rodovia secundária, o que aparentemente pode dificultar deslocamento e visitas.

Segundo Castro (1999, p. 81), seria ingênuo pensar que um espaço possa ser originalmente turístico. Seu reconhecimento como turístico é uma construção cultural, isto é, envolve a criação de um sistema de significados através dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada. Roswithia Weber (2006, p. 288) destaca que “é nesse contexto de ameaça de perda das referências alemãs que estas são mobilizadas, com o turismo agindo como propulsor nesse processo, na medida em que é uma via para a ‘descoberta’ do patrimônio, a formatação de ‘lugares da memória’.”

Como pudemos perceber acima, características relacionadas com o grupo teuto-brasileiro encontram-se representadas nestes espaços, nestes “lugares de memória” e identidade. Mas estas características são percebidas de maneira diferente pelas pessoas que visitam esses espaços. Mediante as entrevistas realizadas e analisando os dois espaços escolhidos podemos perceber que existem diferenças entre os grupos de pessoas que visitam ambos os locais. Vemos que, quando se trata de visitantes do interior dos municípios, principalmente de agricultores, eles expressam, em um primeiro momento, um pouco de “vergonha” em relação ao caráter rural encontrado nos espaços, pois se relacionam com ele e sentem um certo grau de constrangimento com sua posição de colonos.

Não gosto muito quando as pessoas dizem que a gente é do interior, é colono. Só porque a gente fala diferente e trabalha na terra. Eu tenho vergonha.¹²⁸

Eu sei que minha filha não conta na escola de que a gente é agricultor, ela acha feio.¹²⁹

A maioria das pessoas não valoriza o nosso trabalho, mas se a gente não trabalhasse na terra, como que eles iam poder comer. Mas mesmo assim, eles nos olham diferente, achando que somos menos.¹³⁰

Mas isto muda quando, muitas vezes depois das explicações dos guias, eles passam a ver como é fundamental a atividade que desempenham e percebem como é

¹²⁸ Agricultora, 52 anos, Teutônia;

¹²⁹ Agricultor, 47 anos, Lajeado.

¹³⁰ Agricultora, 31 anos, Teutônia.

importante que ela seja valorizada nesses espaços. Muitas pessoas não entendem como pode ser importante valorizar a noção de colono, noção que, para os próprios colonos, muitas vezes se torna constrangedora, assumindo, dessa forma, um viés negativo. Essa mudança de opinião, além do papel daqueles que trabalham nos espaços, se deve também à própria configuração do local, no qual muitas vezes parece que tudo está bom, que funciona, que é o ideal.

Quando eu venho pro parque, eu vejo como foi importante o trabalho dos alemães que chegaram aqui, eles não tinham nada e conseguiram construir tudo isso.¹³¹

Acho que o Brasil seria muito pior se não tivessem chegado os imigrantes da Alemanha, eles sim, organizaram o Brasil e fizeram ele crescer.¹³²

Acho que tudo aqui é bonito, limpo e mostra como é ser um alemão. Por que ele é trabalhador e todo mundo sabe disso.¹³³

Esse caráter negativo não é tão evidente quando o grupo em questão não pertence ao meio rural e, principalmente, quando possui um certo grau de instrução. Essas pessoas buscam valorizar muito a identidade teuto-brasileira por elas incorporada. Vêem que as características atribuídas ao grupo teuto-brasileiro foram e continuam sendo fundamentais para o crescimento e desenvolvimento dos descendentes e também dos municípios:

Faço questão em dizer que sou descendente de alemães, foram eles que fizeram tudo isso. Chegaram aqui e não tinha nada, só mato. E olha como é hoje. Tudo é por causa deles.¹³⁴

Os alemães foram importantes pro Brasil, o Brasil cresceu com eles. O parque mostra bem isso, como eles foram importantes.¹³⁵

Aqui no museu de Teutônia se pode ver que sem os imigrantes o município não seria nada.¹³⁶

Como pudemos perceber, a valorização da identidade étnica teuto-brasileira é muito mais evidente entre as pessoas que possuem uma determinada escolarização, pertencem à classe média e residem no meio urbano. Isso se deve ao fato de que, no

¹³¹ Advogada, 33 anos, Lajeado.

¹³² Empresário, 40 anos, Teutônia.

¹³³ Comerciante, 28 anos, Lajeado.

¹³⁴ Técnico em Informática, 25 anos, Teutônia.

¹³⁵ Atendente de Farmácia, 31 anos, Lajeado.

¹³⁶ Músico, 56 anos, Teutônia,

meio urbano, o contato inter-étnico é mais presente do que em áreas rurais. Os teuto urbanos percebem muito mais a importância de sua identidade do que aqueles que vivem em um meio ainda muito parecido com o de seus antepassados. É necessária essa identificação positiva dos teutos urbanos para que os teutos rurais, por sua vez, percebam a própria importância. E certamente os “lugares de memória”, como os museus, auxiliam nessa alteração de conceitos, pois evidenciam o seu caráter positivo.

Não é por acaso que cada vez mais encontraremos referências de encontros de famílias, geralmente em localidades do interior nas quais o patriarca começou a sua trajetória, organizadas sobretudo por pessoas que vivem no meio urbano e que são escolarizadas. Pois essas pessoas buscam em sua origem a explicação de sua posição atual: da mesma forma que seus antepassados, trabalham e prosperam. Talvez possamos agregar a esse fato o viés da globalização, pois os seus efeitos são mais presente no meio urbano do que no rural, e a isso se deveria a necessidade maior das pessoas que vivem no espaço da cidade reforçarem e determinarem a sua identidade com a criação de “lugares de memória”. Também devemos destacar que, em muitos casos, são originários de tal contexto os idealizadores dos espaços de memória, que, devido a isso, têm o intento de neles reproduzir as características que acreditam estar relacionadas ao grupo teuto-brasileiro, isto é, são os “enquadradores da memória”. São justamente essas pessoas que definirão a imagem que será vista pelos frequentadores, imagem esta que procurará identificar como importantes algumas características e suprimir outras. Pois, como vimos, é na relação entre o público, o objeto e o museu que ocorre a verdadeira comunicação e a formação das identidades e memórias.

O que podemos perceber é que se valoriza muito mais uma Alemanha imaginada do que o Brasil, que lhes oferece tudo. Por isso, muitas vezes estar aqui é visto como algo negativo, pois o presente é o prosaico, o cotidiano, enquanto o passado é heróico. Nesse sentido, os espaços não comemoram apenas a pujança, eles buscam falar também de um passado heróico, que vive das glórias dos avós e que mantém a tradição preservando a memória e a identidade.

Nos dois municípios analisados podemos perceber que os descendentes procuram, em alguns momentos, a identificação com a maioria, como quando, por exemplo, frequentam os bailes de CTGs, muitas vezes vestindo-se a caráter. Nem por

isso perdem a sua especificidade de descendentes alemães. Dessa forma, a vida é considerada um grande espetáculo, no qual as pessoas são os atores principais e, como vimos, não existe dificuldade em entender que um dia se possa frequentar um fandango e em outro um baile alemão, vestindo trajes típicos. Isto é, a identidade se modifica, a cada momento podemos realçar alguma, pois ela se altera de acordo com a nossa necessidade e é possível circular com certa facilidade por diferentes palcos em nossa sociedade do espetáculo. O que podemos perceber é que existe, em um primeiro plano, uma identidade local ligada à imigração alemã e às suas características, e em um segundo plano, a necessidade, o desejo, mas também o ressentimento em pertencer a um grupo maior (gaúcho/brasileiro), o que se verifica, na participação de muitos teutos em atividades culturais gaúchas existentes nos dois municípios, uma identidade que muitas vezes permite a inserção na cidade e no trabalho, e também uma identidade global, na qual a facilidade das comunicações, das informações pode originar a noção de homogeneização cultural, mas que, ao contrário, reforça cada vez mais as identidades locais e étnicas e a disputa por elas.

Dessa forma, acreditamos que o estudo de locais de memória e identidade como os museus é importante para entendermos a sociedade em que nos encontramos inseridos, além de fornecer possíveis subsídios para que esses locais cada vez mais se configurem como referências para a pesquisa de nossa história e de nosso patrimônio.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação se procurou analisar dois diferentes espaços, entendidos como “lugares de memória” e a relação desses com a formação de identidades e de memórias. Num primeiro momento se buscou verificar o significado e a relação existente entre os principais conceitos utilizados nesta discussão, pois se acredita que a memória e a identidade, especialmente étnica, encontram-se reforçadas pelo movimento de globalização, sendo que como consequência deste fato teremos o surgimento de “lugares de memória”, locais onde se busca “recuperar” ou mesmo “reviver” características e sentimentos relacionados com determinados grupos. Num segundo momento, partimos para a análise das cidades em que esses “lugares de memória” encontram-se estabelecidos, bem como, desses espaços propriamente ditos. Pudemos perceber que ambas as cidades e conseqüentemente seus locais de identidade e memória buscam enfatizar características comumente associadas aos descendentes de imigrantes alemães: a laboriosidade, o caráter associativo, religioso e educativo, a língua e os seus aspectos culturais. No entanto, também pudemos perceber que muitas dessas características sofreram constantes mudanças no decorrer das décadas, especialmente o uso da língua alemã como elemento de identificação étnica, esta passou a ser substituída pela idéia de “origem alemã”, agregada muitas vezes à participação em corais e grupos de danças típicos. Esse fato reforça a idéia de que as características identitárias são constantemente redefinidas e estas se adaptam conforme a necessidade do meio em que se encontram inseridos.

Pudemos perceber que a disputa pela afirmação de uma identidade étnica teuto-brasileira encontra-se mais destacada em Lajeado, pois lá outros grupos étnicos encontram-se constituídos e buscam ocupar e demarcar espaços para também expressar as suas características. Já em Teutônia, o grupo de não teuto-

brasileiros não se vê como um grupo único que compartilha elementos comuns e desta forma não conseguem demonstrar resistência ou mesmo oposição às características associadas aos teuto-brasileiros. Essas disputas ou mesmo a sua ausência, também podem ser vistas no âmbito dos museus, por exemplo, no Parque Histórico de Lajeado existe todo um questionamento em torno do uso e denominação desse espaço, pois esse é um local de disputa e de afirmação de grupos étnicos, especialmente teutos e ítalo-brasileiros. Esse fato não parece visível no museu de Teutônia pois a população do local, incluindo os não-descendentes, aparentemente aceita as características associadas aos teuto-brasileiros encontradas nesses “locais de memória”.

Pudemos averiguar também a existência de diferenças entre os teuto-brasileiros urbanos e os rurais. Vimos que os primeiros buscam reforçar com mais ênfase as suas características de descendentes alemães, justificadas muitas vezes pela situação econômica e social em que se encontram. Enquanto que os segundos, necessitam muitas vezes de um “reavivamento” dessas características pelos teutos urbanos. Esse fato também se verifica nos encontros de famílias que ocorrem constantemente nessas regiões, onde o organizador do evento geralmente da área urbana, busca celebrar a família e o patriarca alemão residente no meio rural, procurando dessa forma enfatizar as características de pioneiro, desbravador e trabalhador, responsável muitas vezes pela situação atual em que se encontram seus descendentes.

Pelo exposto acima e pelo que analisamos no decorrer dessa dissertação, pudemos perceber que existem diferenças entre os locais de memória. Enquanto que o Museu e Arquivo Histórico e Geográfico Henrique Uebel busca ser um espaço em que a comunidade teuto-brasileira se vê e se configura socialmente e etnicamente, o Parque Histórico de Lajeado se apresenta muito mais como um local de turismo, um “palco de espetáculos” em que elementos característicos aos teuto-brasileiros encontram-se configurados e servem para legitimar esse grupo em relação aos demais existentes no município.

REFERÊNCIAS: FONTES E BIBLIOGRAFIA

JORNAIS

A PAIXÃO de um idealista. **O Informativo – Vale do Taquari**, Lajeado, 03 jun. 2000, p.11.

ASSOCIAÇÃO ganha uso de parque. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 18 jul. 2004.

ADEMAR Uebel lançou o livro do Homem-Orquestra. **O Informativo de Teutônia**, Teutônia, 25 abr. 2007, p. 11.

ADMINISTRAÇÃO municipal ultima detalhes para restaurar o museu. **Folha Popular**, Teutônia, 18 abr. 2006, p. 6.

BRINQUEDOS antigos. **Folha Popular**, 23 nov. 2006.

BRINQUEDOS antigos ficam em exposição até o dia 12. **Folha Popular**, Teutônia, 4 jan. 2007, p.5.

CONCLUÍDO projeto de Parque Histórico. **O Informativo - Vale do Taquari**, Lajeado, 05 nov. 1997, p.5.

CONFIRMADA a construção do pórtico de entrada no Parque Histórico. **O Informativo – Vale do Taquari**, Lajeado, 11 nov. 2000.

CULTURA Alemã. Disponível em: <http://www.regiaodosvales.com.br/cidade.php?pagina=cidadecanaisitem&id=293&idc=22>. Acesso em: 27 dez. 2007.

DEUTSCHER Kolonie Park - Richter agradece apoio. **O Informativo – Vale do Taquari**, Lajeado, 01 set. 2001. a.

DEUTSCHER Kolonie Park repercute em Brasília. **Folha Popular**, Teutônia, 12 set. 2001, ano XVII, n. 1204. b.

EISSTOCK – Lajeadenses comemoram desempenho na Europa. Lajeado, **Região dos Vales**, 20 mar. 2007. Disponível em: ["http://www.regiaodosvales.com.br/conteudos.php?p=4&id=12423"](http://www.regiaodosvales.com.br/conteudos.php?p=4&id=12423). Acesso em: 15 dez. 2007.

EVENTO regional reúne grupos do Vale do Taquari e Rio Pardo, em Lajeado. Disponível em: <http://www.lajeadors.com.br/Imprensa/D070525.html>. 25 maio 2007. Acesso em: 10.01.2008.

HISTÓRIA da telefonia em exposição. **Informativo Vale do Taquari**, Estrela, 25 out. 2005, p.5.

MELO, Dionar. Roteiros: A Paixão de Jacobina. **Zero Hora**, 17 ag. 2004.

MINISTRO elogia atenção que Lajeado dispensa à sua história. **O Informativo - Vale do Taquari**, Lajeado, 29 jul. 2000, p.9.

MUSEU organiza arquivo histórico. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 8 maio 2005, p.15.a.

MUSEU Henrique Uebel comemorou 12 anos no Dia Internacional de Museus. **Folha Popular**, 24 maio 2005, p. 14.b.

MUSEU Henrique Uebel comemora 12. aniversário. **O informativo de Teutônia**, Teutônia, 25 maio 2005, p. 15.c.

MUSEU cataloga peças e objetos. **O informativo de Teutônia**, Teutônia, 29 jun. 2005, p. 3.d.

MUSEU recebe tesouro da emancipação de Teutônia. **O informativo de Teutônia**, Teutônia, 7 set. 2005, p.3.e.

MUSEU Henrique Uebel passará por completa restauração. **Folha Popular**, Teutônia, 14 mar. 2006, p. 6.f.

MUSEU Henrique Uebel recebe obra cultural. **O informativo de Teutônia**, Teutônia, 21 jun. 2006, p. 12.g.

MUSEU Henrique Uebel recebe mais de dez mil visitas em 2006. **O informativo de Teutônia**, Teutônia, 31 jan. 2007, p. 11.h.

PARQUE Histórico recebe verba de R\$ 30 mil. **O Informativo – Vale do Taquari**, Lajeado, 23 mar. 2001.a.

PARQUE histórico vai virar sala de aula. **Folha Popular**, Teutônia, 14 jun. 2006.b.

PARQUE histórico recebe críticas e elogios. **Folha Popular**, Teutônia, 22 mar. 2007, p.22.c.

PERSONALIDADES visionárias de Lajeado. **O Informativo – Vale do Taquari**, Lajeado, 12 set. 2001.

POUCO valorizado no Brasil, músico encantou milhões na Europa. **Folha Popular**, 15 ag. 2006, p.10.

PRÊMIO Henrique Uebel homenageia quem toca instrumentos há 50 anos. **Folha Popular**, Teutônia, 3 ag. 2006, p. 5.

PRÊMIO Henrique Uebel homenageia quem toca instrumentos há 50 anos. **O informativo de Teutônia**, Teutônia, 9 ag. 2006, p.3.

REABERTO o Museu Henrique Uebel. **Folha Popular**, Teutônia, 15 ag. 2006.

REABERTO Museu Henrique Uebel. **O informativo de Teutônia**, Teutônia, 16 ag. 2006, p.3.

RETORNO ao passado. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 e 25 dez. 2006, p. 36.

ROTARIANOS de Portugal visitam município. **Folha Popular**, Teutônia, 27 abr. 2006, p. 2.

VIÚVA de emancipacionista doa fotografias. **O informativo de Teutônia**, Teutônia, 6 set. 2005, p.2.

DOCUMENTOS

Ata da Escola Evangélica General Canabarro. 6 agosto 1967. IECEG.

Ata de Fundação do Centro Cultural 25 de Julho. 27 maio 1987. MHU.

Comissão de Terra e colonização. Registro de Despesas feitas em Taquari, Estrela, D. Isabel. 1884/1887. C166. AHRS.

Comissão de Terra e colonização. Registro de correspondência oficial com a Inspetoria geral de terras e colonização (Taquari, Estrela, D. Isabel). 1885-1887. C037. AHRS.

Comissão encarregada de medir e discriminar terras devolutas. Correspondência com a presidência da província e mais autoridades. 1885-1887. C038. AHRS.

Delegacia da Inspetoria Geral de Terras e Colonização: Mapa Estatístico dos Imigrantes entrados na província e as localidades a que se destinaram (1891-1892). C197, AHRS.

Delegacia da Inspetoria Geral de Terras e Colonização: Mapa Estatístico dos Imigrantes entrados na província e as localidades a que se destinaram (1893). C199, AHRS.

Delegacia da Inspetoria Geral de Terras e Colonização: Registro de imigrantes entrados no RS (1896-1899). C 344, AHRS.

Documento referente à Colônia Conventos (15.07.1864). Conventos – Diretoria-encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Documento referente à Colônia Conventos (27.12.1864). Conventos – Diretoria-encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Documento referente à Colônia Conventos (14.05.1870). Conventos – Diretoria-encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Documento referente à Colônia Conventos (30.07.1858). Conventos – Diretoria-encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Documento referente à Colônia Conventos. 05.05.1869. Conventos – Diretoria-encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Documento referente à Colônia Conventos. 18.12.1863. Conventos – Diretoria-encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Entrevista com Henrique Uebel (transcrição). MHU

Escritório da Comissão de discriminação de terras e medições de lote nos Municípios de Taquary e Estrella. (26 de maio de 1885) 22, 17. Comissão de Terras e colonização – papéis avulsos, ano 1885-1886, Taquary e Estrella, maço 42, caixa 22). AHRS.

Estatutos da Comunidade Evangélica Redentor. 1968, IECEG.

Estatutos do Centro Cultural 25 de Julho de Teutônia. 25 maio 1987. MHU.

Inspetoria de Terras e Colonização. Mapa Estatístico dos Imigrantes entrados na província e as localidades que se destinaram (1888). C 193 , AHRS.

Inspetoria de Terras e Colonização. Mapa Estatístico dos Imigrantes entrados na província e as localidades que se destinaram (1888). C 194 , AHRS.

Inspetoria de Terras e Colonização: índice de registro de imigrantes (1888). C 210 , AHRS.

Lista das almas de colonos, da Colônia Conventos (02.09.1858). Conventos – Diretoria- encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Livro 239-M, 101 e 102, do Cartório de órfãos e Ausentes de Taquari, APERS.

Livro de Notas do Cartório de Taquari, n. 5 (01.04.1861 – 15.12.1861). APERS.

Livro de Atas da Rota Germânica – Rota Germânica, Teutônia.

Mapa Estatístico 1855. Conventos – Diretoria- encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Mapa Estatístico do ano de 1863. Conventos – Diretoria- encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Mapa Estatístico 1864. 01.12.1864. Conventos – Diretoria- encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Mapa geral dos Conventos organizado de 1861 até o 1. de Maio de 1862.15.05.1862. Conventos – Diretoria- encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Mapa demonstrativo dos fogos da Colônia Conventos (1855-1862). 27.01.1863. Conventos – Diretoria- encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Registro de colonos entrados (1857). C300, AHRS.

Registro de colonos chegados e o destino que tiveram (1857-1863). C234, AHRS.

Registro de colonos chegados e o destino que tiveram (1862-1876). C299, AHRS.

Registro de colonos chegados e destino que tiveram (1872-1873). C298, AHRS.

Relatório da Comunidade Redentor. s/d. SCER.

Relatório ao Major João da Cunha Lobo Barreto. 24.08.1861. Conventos – Diretoria- encarregado, 1858-1864, maço 57, caixa 31. AHRS.

Síntese Histórica da Comunidade Redentor. Paróquia Teutônia Sul. 1973, SCER.

ENTREVISTAS

COLLISCHONN, Wolfgang Hans. **Parque Histórico de Lajeado.** Lajeado, 18 dez. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

FEINE, Ivo. **Rota Germânica de Teutônia.** Teutônia, 15 maio 2006. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

KLEPKER, Elton. **Museu Henrique Uebel.** Teutônia, 04 out. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

LANG, Guido. **História de Teutônia.** Teutônia, 05 fev. 2006. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

LUERSEN, Silvério. **Museu Henrique Uebel.** Teutônia, 25 jul. 2005. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

LOHMANN, Paulo. **Fundação e principais características do Museu Henrique Uebel.** Teutônia, 8 mar. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

RICHTER, Waldemar Laurido. **Parque Histórico de Lajeado.** Forquetinha, 6 fev. 2008. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

WALLAUER, Clisa. **A educação no município de Teutônia**. Teutônia, 17 mar. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

WALLAUER, Selbi. **Fundação do museu Henrique Uebel**. Teutônia, 17 mar. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

WIEBUSCH, Líria. **Grupos de danças alemãs**. Teutônia, 03 abr. 2007. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

WORM, Henrique. **Características e funcionamento do Parque Histórico de Lajeado**. Lajeado, 05 jan. 2008. Entrevista concedida a Gisele Inês Baller.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, out. 2001.

AIDAR, Gabriela. Museus e inclusão social. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n.31, p. 53-62, jan.-jun. 2002.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKI, Carla (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

AMADO, Janaína. **Conflito Social no Brasil. A revolta dos Muckers**. São Paulo: Símbolo, 1979.

ANICO, Marta. A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, jan.-jun. 2005.

A PAIXÃO de Jacobina. **Sinopse**. Disponível em: <http://www.interfilmes.com>. Acesso em: 11 dez. 2007.

BAHIA, Joana. A “lei da vida”: confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p.69-82, jan.-jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022001000100005&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 26 maio 2005.

BALLER, Gisele Inês. **Estudo de identidade westfaliana**. Imigrante, 2002 (Trabalho de Conclusão para o curso de Bacharelado em História – UFRGS).

BARRETO, Margarita. **Paradigmas Actuales de la Museología**. Disponível em: <<http://www.naya.org.ar/articulos/museologia01.htm>> Acesso em: 23 jan. 2007.

BARTH, Fredrik. Grupo étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BEAMISH MUSEUM. **What is Beamish?** Disponível em: <<http://www.beamish.org.uk/about.html>> Acesso em: 18 jan 2007.

BECKER, Klaus. **A fundação e os primeiros 30 anos de Teutônia.** In.: **Anais do Primeiro Colóquio de Estudos teuto-brasileiros.** Porto Alegre, 1963.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das letras, 2005.

BLANCO, Ángela García. **La exposición un médio de comunicación.** Madri: Akal ediciones, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro.:Bertrand Brasil, 2002.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A pesquisa em Museologia: o programa técnico-científico do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. **Ciências em Museus**, Belém, v. 3 out. 1991.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia e comunicação. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa: ULHT, 1996.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A Museologia como uma pedagogia para o patrimônio. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n. 31, p. 87-97, jan.-jun. 2002.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural.** São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia.** São Paulo: Edusc, s/d.

CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (Org.) **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CHAGAS, Mário. **Museália.** Rio de Janeiro: JC, 1995.

CHILTERN OPEN AIR MUSEUM. **Walk into history. General information.** Disponível em:<<http://www.coam.org.uk/General/general.htm>> Acesso em: 20 jan 2007.

COHEN, Abner. The lesson of Ethnicity. In: SOLLORS, W. (Ed.) **Theories of ethnicity: a classical reader.** New York: New York University Press, 1996, p. 370-384.

COLLISCHONN, Wolfgang Hans. **Arquitetura em enxaimel (Fachwerck): Lajeado, Forquetinha e Canudos do Vale.** Lajeado, 2000.

COLLISCHONN, Wolfgang Hans. **Como surgiu o Deutscher Kolonie Park de Lajeado?** Lajeado: Prefeitura Municipal de Lajeado, 2001.

COLLISCHONN, Wolfgang Hans. **Condutor de turismo no Parque Histórico de Lajeado.** Lajeado: Univates, 2001 (mimeo).

CORADINI, Odaci Luiz. Os significados da noção de “italianos”. In: MAESTRI, Mário (coord.). **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1996. p. 33-39.

COSTA, Heloisa Helena da. **Museu**. Especialização em Museologia e Patrimônio Cultural, Porto Alegre, 2004.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: Análise Museológica do processo de concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Usp, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: 34, 1999.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e Patrimônio Cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DREHER, Martin. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FALEIRO, Silvana Rossetti. **Lajeado - Perfil Histórico étnico-social (do período indígena à colonização)**, Lajeado, Out/96, pp.49-50.

FAUTH, Adonis Valdir. Naturalização e Cidadania do colono alemão no século XIX. In: ARENDT, Isabel, WITT, Marcos Antônio. **História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã**. São Leopoldo: Oikos, 2005.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura. Globalização, pós-modernidade e identidade**. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1997.

FEIX, Daniel; ILHA, Flávio. Ruben Oliven. A hora das diferenças. **Aplauso**, ano 9, n. 75, 2006.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. **Introducción a la nueva museología**. Alianza Editorial. s/d.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzuchi. Patrimônio: as várias dimensões de um conceito. In: **História em Revista**, Pelotas, vol. 10, p. 17-27, dez. 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, M., AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GANS, Magda Roswita. **Presença Teuta em Porto Alegre no Século XIX**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GERHARDT, Ruben. **Colonização de Teutônia e Corvo**: imigração alemã no sul do Brasil. Lajeado: Univates, 2004.

GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, Henri. **O museu e a vida**: um texto comentado e ilustrado com cinquenta desenhos originais. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Nacional do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

GONÇALVES, José Reginaldo. O templo e o fórum: reflexões sobre museus, antropologia e cultura. In: MINISTÉRIO DA CULTURA. **A invenção do patrimônio: continuidade e ruptura na constituição de uma política oficial de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.

GONÇALVES, José Reginaldo. **A retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002,

GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, 1990.

GUIMARÃES, Sonia Maria; BARBANTI, Luciano. Museu: uma abordagem mitológica. **Boletim dos Museus**, São Paulo, n.2, out./dez., 1991.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926 vivendo no limite do tempo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. "Como escrever a história da França?". **Anos 90**, n° 7 jul. 1997. PPGH, UFRGS, p.7-28.

HELD, David; MCGREW, Anthony. **Prós e contras da globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edit., 2001.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBBSAWN, Eric. Introdução: A invenção das Tradições. In.: HOBBSAWN, Eric, RANGER, Terence (org). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HUYSEN, Andréas. **Memórias do modernismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

INAUGURADO em Lajeado primeiro Centro de Cultura Afro-brasileira da região. Disponível em: <http://www.lajeado-rs.com.br/Imprensa/D070528.html>. **28.05.2007**. Acesso em: 10.01.2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Perfil dos Municípios. 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL. **Dois mil museus já foram mapeados**. 2006a. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=13401&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia> Acesso em: 21 jan. 2007.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL. **Primeiro levantamento estatístico do Demu.** 2006b Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=13401&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>> Acesso em: 21 jan. 2007.

INSTITUTO LATINO AMERICANO DE MUSEOLOGIA (ILAM) **Agenda para la Acción. Acuerdos de la Primera Cumbre Hemisférica de los Museos de las Américas "Museos y Comunidades Sostenibles".** Costa Rica, 1998. Disponível em: <<http://www.ilam.org/ILAMDOC/>> Acesso em: 22 jan. 2007.

INSTITUTO LATINO AMERICANO DE MUSEOLOGIA (ILAM). **Resoluciones de la Mesa Redonda la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo.** Chile, 1972. Disponível em: <<http://www.ilam.org/ILAMDOC/>> Acesso em: 22 jan. 2007.

INSTITUTO LATINO AMERICANO DE MUSEOLOGIA (ILAM) **Declaratoria de Oaxtepec.** México, 1984a. Disponível em: <<http://www.ilam.org/ILAMDOC/>> Acesso em: 22 jan. 2007.

INSTITUTO LATINO AMERICANO DE MUSEOLOGIA (ILAM) **Declaración de Quebec.** Canadá, 1984b. Disponível em: <<http://www.ilam.org/ILAMDOC/>> Acesso em: 22 jan. 2007.

JEUDY, Henry-Pierre. **Memórias do social.** Rio de Janeiro: Forense, 1990.

JUNGBLUT, Airton Luiz. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no sul do Brasil.** Canoas: Ed. Ulbra, 1994. p. 139- 147.

KREUTZ, Lúcio. Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no sul do Brasil.** Canoas: Ed. Ulbra, 1994. p. 149-161.

LANG, Guido. **Colônia Teutônia.** História e Crônica: 1898-1908. 1995.

LEENHARDT, Jacques. **As novas funções sociais do museu.** 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LOSSO, Tiago. Traços do Brasil. **Revista de Sociologia e Política,** Paraná, 1999, n. 13, p. 191-194, nov. 1999.

MAIA, Antonio Cavalcanti. **Diversidade cultural, identidade nacional brasileira e patriotismo constitucional.** Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/seminario/DiversidadeCultural/Antonio_Cavalcanti.pdf> Acesso em: 21 abril 2005.

MATTELART, André. **Introdução aos Estudos Históricos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEC/SPHAN. **Projeto de Revitalização do Patrimônio Cultural no Brasil**: uma trajetória. Brasília, 1980.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. Nova Série, São Paulo, v. 2, jan./dez. 1994.

MENESES, Ulpiano Bezerra. Mito e Museu: Reflexões Preliminares. In: FÉLIX, Loiva Otero, ELMIR, Cláudio (orgs). **Mitos e heróis: construção de imaginários**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Identidades traduzidas. Cultura e docência teuto-brasileiro- evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

MURTA, Stela Maris, ALBANO, Celina. Interpretação, preservação e turismo: uma introdução. In: MURTA, Stela Maris, ALBANO, Celina (org). **Interpretar o patrimônio, um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

NAGEL, Liane. Educação patrimonial nas Reduções guarani-jesuíticas do Rio Grande do Sul: vivências, práticas e fundamentos teóricos. In: **Revista Ciências e Letras**, n. 27. Porto Alegre: FAPA, jan./jun., 2000.

NIETHAMMER, Lutz. Conjunturas de Identidade coletiva. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 119-144, abr. 1997.

NOIRIEL, Gérald. **Sobre la crisis de la historia**. Espanha: Frónesis Cátedra universitat de València, s/d.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, José Cláudio de. O museu e a globalização. **Revista Museu**. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1117> Acesso em: 20 maio 2005.

OLIVEIRA, José Cláudio de. O museu e as tecnologias da inteligência: memória e objeto. **Revista Museu**. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1227> Acesso em: 20 maio 2005.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (des)caminhos da identidade. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n.42, fev. 2000.

ORTIZ, Renato. Mundialização, Cultura e Política. In: DOWBOR, Ladiálu, IANNI, Octavio. **Desafios da globalização**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

PANDOLFI, Dulce, GRYNSPAN, Mario. Memória, identidad y trayectoria: um análisis comparado de historias de vida de elites y de clases populares. In: **Internacional Oral History Association (IOHA)/Comune di Roma**. XIII Internacional Oral History Conference. (Anais eletrônicos). Roma. 2004.

PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**. Rio de Janeiro: E papers, 2004.

PIPPI, Gladis. **História Cultural das Missões**. Memória e Patrimônio. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu**: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: Est Edições, 2002.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PRIMO, Judite Santos. Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais – Organização e Apresentação. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 15. pg. 95-104. ULHT, 1999a, Lisboa, Portugal, Tradução Marcelo M. Araújo e Maria Cristina Bruno.

PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 16, 1999b. Disponível em: <<http://www.minom-icom.org/txtol/txt4.html>> Acesso em: 23 jan. 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **Os nomes da história : um ensaio de poética do saber**. São Paulo: Educ, 1994.

RICOEUR, Paul. Architecture et narrativité. In: **Urbanisme**, Paris, n.303, nov./déc. 1998.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **Além do artefato: apreciação em museus e exposições**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: MAE/USP, n. 8, 1998.

ROBERTSON, Roland. Mapeamento da condição global: globalização como conceito central. In.: FEATHERSTONE, Mike (coord.) **Cultura global. Nacionalismo, globalização e modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROSSETTO, Valter. **Memória e cultura étnica: a Festália de Serafina Corrêa**. Passo Fundo: UPF, 2005.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. O papel dos museus na construção de uma "identidade nacional". In: FÉLIX, Loiva Otero, ELMIR, Cláudio (orgs.) **Mitos e heróis: construção de imaginários**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

SCHIERHOLDT, José Alfredo. **Lajeado I**. Lajeado: Prefeitura Municipal de Lajeado, 1992.

SCHWARCZ, Lília K. M. O nascimento dos museus brasileiros (1870-1910). In. MICELI, Sergio (org). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice, IDESP, 1989.

SEGALL, Mauricio. **Controvérsias e Dissonâncias**. São Paulo: Edusp, 2001.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanística e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí**. USP, Tese de Doutorado, 1976.

SEYFERTH, Giralda. A representação do “Trabalho Alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 37, 20 de out. 1982.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. **Mana**. v.3, n.1, p. 95-131, abr. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493131997000100004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 20 out 2005.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração no Brasil: os preceitos de exclusão**. 2000a. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr03.htm>> Acesso em: 12 maio 2006.

SEYFERTH, Giralda. **Os alemães no Brasil: uma síntese**. 2000b Disponível em:<<http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr18.htm>> Acesso em: 12 maio 2006.

SEYFERTH, Giralda. **Etnicidade e Cultura: A constituição da Identidade Teuto-Brasileira**. 2001. Disponível em: <http://www.iacd.oas.org/Interamer/Interamerhtml/Zarur45html/Zar45_Seyf.ht> Acesso em: 12 maio 2006.

SEYFERTH, Giralda. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, vol. 10, n. 22, jul.-dez. 2004.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Ed. Ulbra, 1994. p. 11-27.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão**. São Leopoldo: Oikos, 2006.

SILVA, Elsa Peralta da. **Patrimônio e Identidade. Os desafios do turismo cultural**. Disponível em: < <http://www.aguaforte.com/antropologia/Peralta.html>>

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SKANSEN. **Welcome to Skansen**. Disponível em: <<http://www.skansen.se/pages/?ID=221>> Acesso em: 24 jan 2007.

SOARES, Bruno César Brulon. Entendendo o Ecomuseu: uma nova forma de pensar a Museologia. **Revista Eletrônica Jovem Museologia**. Rio de Janeiro: Ano 1, n.2, ag. 2006. Disponível em: <<http://www.unirio.br/jovemmuseologia/2>> Acesso em: 18 jan 2007.

SOMMER, Arno. **Reminiscências da colônia Teutônia-Estrela**. Décadas 20 e 30. São Leopoldo: Rotermond, 1984.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. **Anos 90**, Porto Alegre, n.15, 2001/2002. p. 7-22.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **A organização social dos imigrantes**. A colônia de São Leopoldo na fase pioneira 1824-1850. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

UEBEL, Ademar. **O homem-orquestra**. A história de Henrique Uebel. Teutônia, 2007.

VADELORGE, Loïc. **Les affres de l'histoire locale 1970-2000**. Disponível em: <www.histoire-sociale.univ-paris1.fr/Collo/VADELORGE.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2006.

VADELORGE, Loïc. **Le patrimoine comme objet politique**. 2006. Disponível em: http://www.culture.gouv.fr/culture/min/comitehistoire/histoirepatrimoine/histoire_patrimoine_intro.pdf acesso jun. 2006. Acesso em: 25 abril 2007.

VERGOLINO, Paulo Leonel Gomes. Belém do Pará – Museu a céu aberto. **Revista Museu**, Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=3348>> Acesso em: 15 jan. 2007.

VICENTE, Luciana. A cultura está viva nos museus. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 jan. 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Conocer el mundo, saber el mundo: el fin de lo aprendido :una ciencia social para el siglo XX**. México;DF: Siglo Veintiuno, 2001.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília: UNB, 1994.

WEIMER, Günter. **Arquitetura Popular de Imigração Alemã**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

WILLEMS, Emílio. **Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

WOLFF, Cristina S.; FLORES, Maria B. Ramos. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Ed. Ulbra, 1994. p. 209-220.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 7-72.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 205-238, novembro de 2000